

RAMAYANA DE CHEVALERIE



piranga

**NO CIRCO SEM
ETO DA AMAZONIA**

EDITORIA MODERNA

500-39592
-2.084-

2033



Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 01759

Folha:

Data:



Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

NO CIRCO SEM TÊTO
DA AMAZONIA

2033
Circ

A S A I R :

Ciencia:

TERRENO CONGENITO DO HOMO-SEXUALISMO (embriogenia dos tipos sexuaes).

DESEQUILIBRIO PSICO-SOMATICO DO NEGRO (ensaio de meta-psicologia).

ILUMINADOS E AGITADORES (fermentação social —: berço de super-homens).

A MEDICINA SELVAGEM DA AMAZONIA —
(Em torno da ciencia empirica dos indios).

Literatura:

MAUA'—LEBLON (romance).

DAISY — (romance).

NO ANDAR TERREO DO BRASIL (poesia).

NO RASTRO DAS TROIKAS (romance).

Para o luminoso poeta e grande Maia, com o abraço fraternal de Ramayana, Rio, Janeiro, 1935

RAMAYANA DE CHEVALIER

NO CIRCO SEM TÊTO DA AMAZONIA

(O drama social dos seringaes)

Biblioteca
de
Cláudio Piranga Ladeira
Maceió

EDITORA MODERNA
RUA S. JOSE' 66 — LOJA
RIO

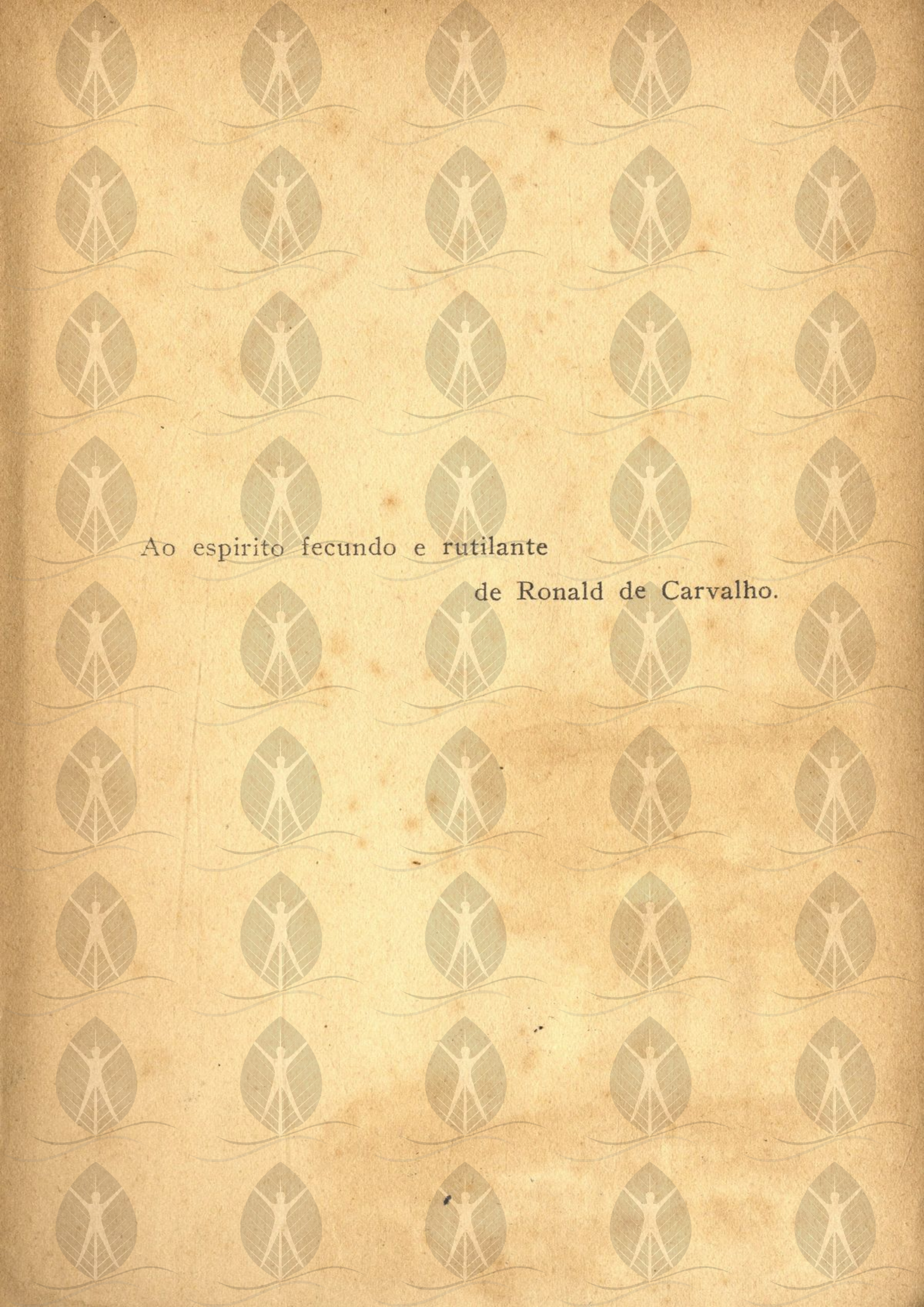
*Am. B. 509.3
E. 527a*



Estados Unidos

Libreria de la Universidad de Mexico

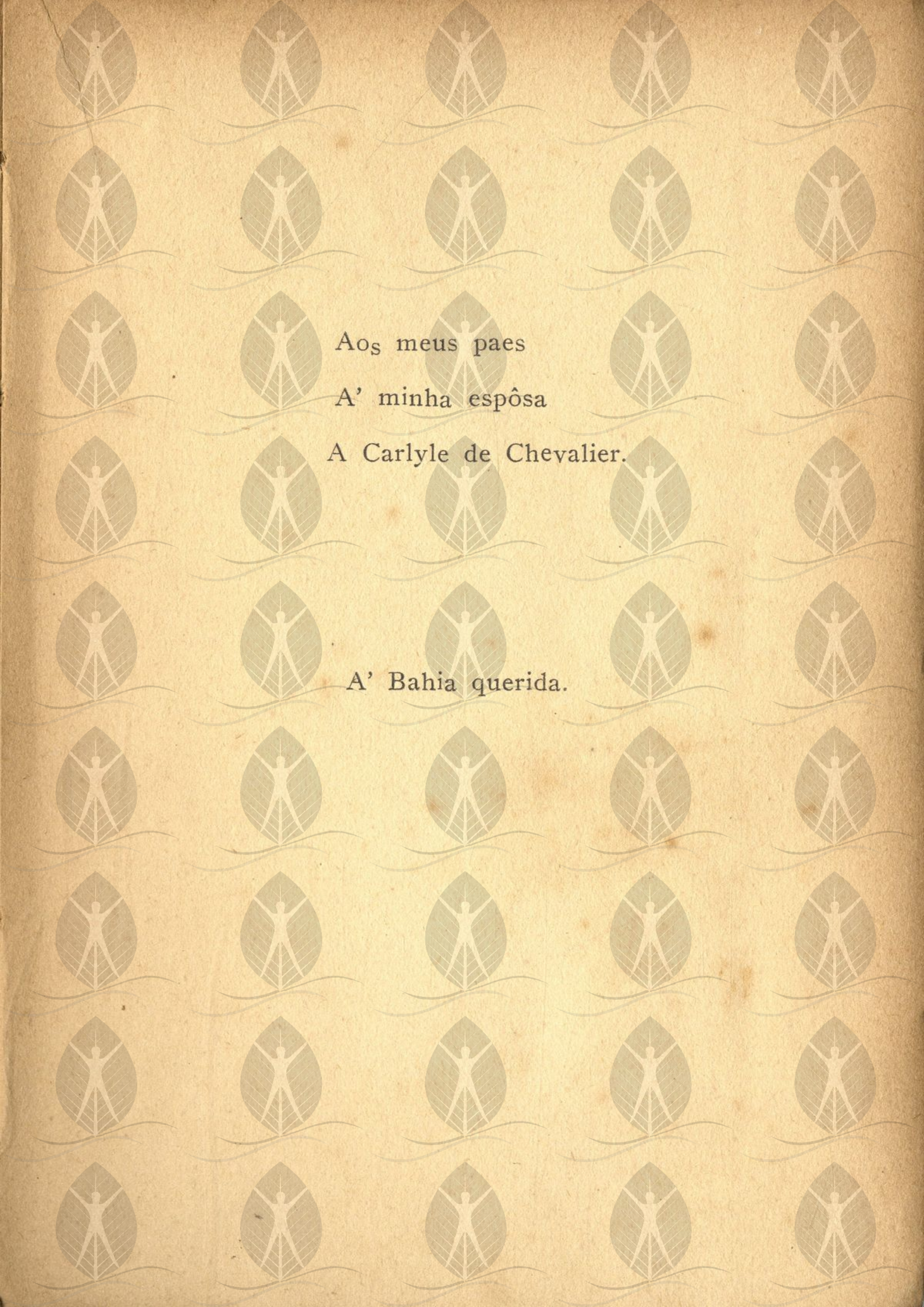




Ao espirito fecundo e rutilante

de Ronald de Carvalho.





Aos meus paes

A' minha espôsa

A Carlyle de Chevalier.

A' Bahia querida.





AO LEVANTAR DO PANO

Capa de Jair.



Euclides da Cunha, no monumento daquele "A' Margem da Historia", sensacionalista e profundo, sabio e poeta, surpreendeu o Amazonas, nos seus angulos de estatica mais impressionante. Sente-se, no homem engenheiro, a diretriz mental do esteta do teodolito. A visada do grande escultor dos "Sertões" comoveu-se diante dos angulos geograficos, dos misterios geogenicos, da matematica das coordenadas, do esquisito veneno sedutor que habita como um simbolo no amago da verdez infinita.

O mundo fisico marchou em desfile triunfal, ante a kodaque do enorme geometra do verbo. O rio desdobrou-se em galopadas e em coleios. As montanhas arrepiaram-se em esgares, e partejaram, exhibicionistas e monstruosas, as caudais e os nevoeiros.

O panorama desnalgou-se em ritmos selvagens, ao tan-tan perquiridor do bandeirante do vernaculo.

O homem entretanto, só se mostrou em individualizada postura psicologica. Foi o biotipo, esquisado em ligeiresa, a preocupação nervosa do artista. As ventas largas abriram-se como leques e respiraram, em longos haustos, a rudeza de um ar que cheira a milenios impuberes. Os olhos rasgaram-se em obliqua e olharam para traz da historia, os vendavaes das raças que se despenharam dos pincaros, e rondaram

A O L E V A N T A R D O P A N O

como leopardos as malocas da jangla. A vida, des-
arvorada e ridicula, misturada de lendas e de poesias,
pintou o caboclo, atravez do gigantesco pensador, da
resina dos sentimentalismos esmolambados e doentíos.

Este livro vê o homem em marcha dentro da tur-
ba. Vê o pescador, sintese de todos os pescadores.
Vê o seringueiro, num tipo definido a dizer de todos
os barbaros dominadores da diluviandia. Vê o feno-
meno social antes de encarar o fenomeno fisico. Não
constrõe monumentos: — alastra-se no desenho de
uma raça nova que ha de surgir, pela revolução, do in-
timo das atitudes paradas do homem atual.

Araujo Lima pintou, em ciencia e em erudição, as
carateristicas do amazonida.

O que Barbosa Rodrigues fez para a botanica,
apaixonado do multicromatismo da floresta feraz,
traçou o eminente medico amazonense, para a inves-
tigação antropologica. Rebuscou, em perfeição, o
“melting-pot” amazonico, de um geito especialissimo
que lhe define a personalidade. O homem lá foi pas-
sado em revista antes de pôr os pés no templo antropo-
geografico, como nós somos antes de entrarmos para
as velhas prisões ditatoriaes.

O ritmo foi no entanto de outro talhe e com
outras roupagens.

A mitologia fica muito bem para embalo de crian-
ça e acalanto das senhoras burguezas, saudosas de
um passado mais ou menos romantico e medieval.

A exploração das lendas não é hoje, um sentido
definitivo de obra moderna. O homem em si é, de to-
das as verdades, a mais sincera e atraente. Mas, o

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

homem que tem nervos, que sofre, geme, odeia, vive, na tortuosa certeza de uma vida errada que endireitará, quando, para ele, soarem as trombetas de uma redenção social. O homem que anda como os rios onde se batisou, como as ilhas onde pescou piraíbas, como as nuvens, onde entreviu, nos longes da infância mística o segredo do nascimento das garças e das espumas.

Zé Raimundo não é um heróe. Como ele são todos os miseraveis da Amazonia. Juca Borba não morreu sosinho. Como ele, morrem todos os dias, devastados de morbidezas e de angustias, inumeros irmãos, curumís ou cunhantans, cheios de torpor e de desilusões, boca afogada nos lodaçaes, mãos a esmagarem, no estertor derradeiro o gesso mole dos igapós.

Jacinto Gazela, é o proteu de todos os alarves da Planicie.

**

Neste livro ha um profundo sentido de amplitude ideologica. Localizado num trecho de terra em formação, ele faz boiar a documentação espontanea de que o fenomeno economico vive a contrastar em toda a parte a mão que oprime e o braço que se esgota para morrer sem lapide.

O seringueiro não reage, pela ignorancia e pelo abandono. Procura individualisar-se porque o ambiente o impele a isso. Sem saber que, em todas as partes do mundo, o operariado estende os braços atravez dos oceanos para o aperto incoercivel.

A vêz dele chegará. O proprio instinto haverá

AO LEVANTAR DO PANO

de conduzi-lo á libertação se até lá não surgir a auro-
ra de sua consciencia de homem trabalhador.

**

Para Miss Haydée Nicolussi, a cuja inteligencia fulgurante e esforço espontaneo muito deve a clarêza deste livro, o meu agradecimento.

E' ele dedicado á mocidade pura e sincera da Amazonia, essa que sente na voz da terra o convite á energia, e vê, na sorte da maior Bacia Hidrografica do Globo, o cadinho atroz, onde o imperialismo se degladía numa competição abominavel.

A' mocidade que, como eu, não alargou, ao na-
cer, o olhar idealista pelo horizonte do Mar, berço da
Vida, hífen das civilisações.

Ramayana de Chevalier



O C E N A R I O



R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

A silhueta geografica das caudae da margem direita do Amazonas é uma caricatura desdentada da Parca. Velhos na origem geografica, veteranos na réta em declive para o talvegue central, decem os grandes rios, catapultados pelos degelos, retorcendo-se sobre si proprios, imprevistos e imensos.

De sua remota aparição, dizem claramente como irrefutaveis documentos, as suas curvas consecutivas. Dir-se-ia um enxame de viboras enormes, que alvorçadas no ninho, suspenso no dorso em cremalheira dos macissos do sudoeste, decessem, coleiantes e taciturnas, a planicie aluvionica, para se perderem no seiolama do excretor principal.

O Purús é uma dessas viboras. Longo e sinuoso é o seu curso. Tristes e barrentas as suas aguas. Identicas ás do Amazonas, divergem destas pelo aspéto fitomorfico das margens.

Cá, os aningaes e as embaubeiras se misturam, atoladas no lôdo, na efemera promiscuidade das enchentes. A monotonia cança e entedia.

Lá, os altiplanos vermelhos de tabatinga se inter-

O C E N A R I O

calam de balcões de verdura, e, do tapirí do caboclo á palafita do cearense, o panorama se desdobra em platós animados de troncos ou longas teorias de cipós. Pela elevação dominadora de suas orlas, o Purús é, á noite, por vezes apavorante.

Recortados no fundo rembrandtesco de um céu de estanho, os perfís das sumaumeiras se levantam e se mostram como coortes de fantasmas, que estacassem de chôfre, ante o olhar espantado do advena.

Lembram, subitamente, as suas margens, trechos decorativos de Doré, que, recalcados no sub-conciente infantil, se evadissem de roldão, fustigados como alimarias, pela ronda sinistra dos noturnos...

A' enchente, fatiga a perspectiva potamica. O mesmo quadro. O mesmo aspéto. Repetidos trejeitos botanicos e identicos surgimentos zoologicos.

De longe em longe, o maguary — malandro macío e móle da fimbria marginal — risca o renque de oiranas num vôo mecanico e descançado.

Aqui e além, o dorso em lamina de um bôto, róla lerdo á superficie tremula da linfa. E volta a floresta á espectral quietude de anfiteatro verde. E volta o rio á quietude espectral de picadeiro em lama. Em ambos a mesma alma taciturna e impenetravel, que espreita e espera. Em ambos o mesmo egoismo de esconder, do olhar curioso, o tumulto biologico de suas viceras.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

A selva, bronca e muda, esconde as feras rápidas e os quadrupedes esguios. A agua, parada e tetrica, asila os monstros constritores e os saurios couraçados.

Até a foz do Tapauá, a fisionomia fluvial é quasi invariavel.

Não raro, da pasmaceira pegajosa das escarpas, surge um trecho selvagem de floresta ciclopica: — troncos herculeos, copados, altaneiros, ensombram a nêsga de barro vermelho que os alimenta, como uma nóta africana, no concerto monotónico da Hyléa.

O gavião assume aí, no tópo dos braços de bruxas dos paudarcos despídos, a heraldica attitude de um rajá. E, do âmago da mataria fechada e insone, a gargalhada do canção estridúla sarcastica e a algaravía das araras policromicas revive, no antro vegetal, a discussão feminina das camaras hodiernas.

Depois, o mesmo tédio sem etiologia, a mesma sonolencia do tamanho da jangla, acompanhando, no segredo atormentado do seu silencio, as evoluções reptilicas da massa liquida.

Os pórtos e os seringaes, allontanados e perdidos, como pontos de uma apagada e tranquila civilização, entre pausas longas de gléba imatura e barbara, foram centros comerciaes de relativa importancia no periodo doirado da hévea. Reduzidos hoje á meros entrepostos de castanha e borracha ou isolados portos

O C E N A R I O

de lenha, o seu aspéto, ao descambar do sol amazonico, apopletico e severo, pelas tardes estivaes da Planicie, possui ainda o romantismo das paginas de Samain.

O crepusculo no Vale imenso, tem, de certo, o prestigio comovente da saudade. Uma saudade vaga, indefinida, que sóbe do coração para os olhos, entre tristesa e comiserção, boiando, ao sabôr da corrente e brilhando como o fogo santelmo, na asa branca de uma garça esquiva ou na carapaça bronca de um aligator preguiçoso...

De dia, anima-se o rio com a benção carinhosa da luz.

A claridade diminúe a distancia e recalca a melancolia. Essa velha e estranha melancolia, sem dôr e sem ancia, que acometeu, em tornaviagem de Rhodés, ao enorme Cicero, diante do cadaver imáculo de Hortentius.

Numa volta do curso dagua, descem mansamente os mururés e as baronêsas...

Ilhotas verdes e suaves, em cujo dorso as garças reais, empenachadas como noivas tocadas da Graça e da Perfeição, viajam, á vontade do rio, para o himeneu desconhecido das voragens.

A' noite, ao luar, tudo é prata. As arvores vestem-se dela. O rio é abraçado por éla. Os proprios si-

renideos, ao respirarem á tona, são esporadicas aparições de micaxisto...

Fechado o céu pelos cumulus arrastados nos hombros do aliseo, a sombra tange com suas mãos de crépe o rosto das ravinas.

A superficie liquida constrange. Todas as aves nocturnas são como morcegos inquietos que presagiassem desgraças... E, nos barrancos em ardosia, de distancia em distancia, o olho vermelho de uma lamparina assinala o tapirí de um heróe.

Haverá vida por traz daquela lampada? Ha, sim. Um atleta mongoloide, opilado e teimoso, cercado de filhos e de feras, resiste naquela solidão ao cerco da natureza que o esmaga. O rio dá-lhe o peixe e a disenteria. A selva dá-lhe a caça e o paludismo. O céu prediz-lhe o tempo e vulnera-lhe a plantação na trovoadá. Tudo contra ele. E, fenomeno biologico de compensação, tudo a favor dele.

Porque possui o alimento facil, não cria. Porque confia na seiva da terra virgem, não se estende em culturas. Cerca-se do necessario e vive dele.

Só. Como um barbaro inteligente e corajoso, lutando e morrendo aos poucos, corpo varado de aculeos, fígado pôdre de plasmódios.

O estado sanitario do Purús é relativamente sofrivel. Os seus afluentes, entretanto, na maioria, hostili-

O C E N A R I O

zam o aventureiro que lhes demanda os manadeiros. Rios ha como o Ituxy, o Pauhiny, o Inauhiny, cujo indice palúdico é terrível. Poder-se-ia pensar ter o fantasma da malaria cerrado a boca desses cursos dagua, no egoismo absorvente de ocultar suas prodigiosas riquezas extrativas.

Duas horas num porto qualquer de um desses confluentes do Amazonas e a febre e o frio, intensos e derubantes, agredindo o invasor daqueles nosocomios naturaes, dizem-lhe bem claro do perigo a que se expõe a sua integridade esplenica.

Depois do rio Acre, do Yaco e do Chandless, o Purús estreitado e filiforme divide o Brasil do Perú, dicotomisa-se no Cuya e no Curiuya, e na regressão para a propria origem, perde-se no "divortium aquarum" da serra de Contamana, no filete do Pucani. Rebuscada, em explorações, a sua vertente, conduzirá ela, sem grande esforço, aos ramos genitores do Ucayale. As duas bacias, contiguas, guardam entretanto as suas identidades geografico-botanicas.

Essa, a ribalta do drama.

Da foz aos filetes iniciaes da caudal, a mesma morfogenese botanica e zoologica presidiu á formação de um dos mais velhos rios da Amazonia.

O dia fantasia-o cintilante e abôchornado. A noite transforma-o: -- ou num reptil de dorso metalico fais-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

cante, pela latea irradiação selenica ou num simbolico e realissimo Acheronte.

Ou a nostalgia de um olhar longinquo, que vem com a lua nos acarinhar ou o mêdo inconciente que dece da sombra, presaga e augural, onde manchas de luz, remanecentes de um sol paludico, erram, metafisicas e vadias, como grandes flores de mercurio sobre as aguas...





Anatomia Hidrografica



Si algum capitulo de uma anatomia fisica pudesse caber no Amazonas, com justeza impecavel, esse capitulo seria o da angeologia. Sistema arterial-venoso formidavel, cujas sistoles-diaستoles das cabeceiras conduzem a linfa policromica dos milhares de afluentes a desaguarem na veia cava arquipotente do Amazonas, ele se emaranha e se retorçe numas como acrobaticas contorsões sobre si mesmo, até marulhar, revolto e pardacento, no seio berilo-azul do Atlantico equatorial.

Como todo o sistema vasal, se distribue ele em troncos de vasto calibre e capilares tenuissimos.

Ou caudaes volumosas ou paranás raquiticos, ou rios gigantescos ou furos vadeiaveis, fazendo divergir, pela dissemelhança estrutural, o transito de navios ou de lanchas. A navegabilidade do Purús é, como a de todos os tributarios amazonicos, mais facil no inverno que no verão. Durante o primeiro, o volume dagua elevado e macisso, permite, com relativa naturalidade, o percurso até alta montante. E' o periodo da invasão. As aguas, ezorbitadas pelos degelos originaes, esti-

A N A T O M I A H I D R O G R A F I C A

muladas pelas incursões de centenas de suditos menores, alagam a varzea, destróem as plantações, pervertem os risomas, deslocam os barrancos, perseguem o cabôclo, arrastam-lhe na furia devastadora a palhoça escoteira, e cavam-lhe na alma, cristalizada por todos os sofrimentos, sulcos insondaveis de fadiga.

Não fôra a paciencia que nasceu com ele, e o mongoloide despresaria a órla instavel, arrancaria a igarité da tabatinga limosa e traiçoeira e procuraria nos baixos fixos da jusante o seu descanso virgiliano.

A resignação que o segue pari-passu tem qualquer cousa de oriental. Uma inspiração bramanica o retem no mesmo sólo que o atraçôa.

E fa-lo levantar hectometros além, o tapiri que haverá de substituir aquele tragado pelo vortilhão subitaneo da terra caída. E' quando o rio está assim, pletorico e sabotador, que a navegação é mais intensa. Uma esquadra de vapores, dos "vaticanos" da **Amazon River**, aos gaiolas particulares, singram-no nas duas direções.

De dia e de noite, subindo ou decendo, os "regatões" ou os grandes navios trafegam á toda pressão, quasi sem riscos.

No verão, muda o cenario e diminuem as possibilidades. Pela quantidade enorme dos seus coleios e pela idade que possui, o Purús está coalhado de pedras e

ourelado de praias. Longas, magnificas, alvissimas, ou pequenas, terrosas, inexpressivas, as praias se cembrom, diante dos incontaveis cotovelos argilosos.

Sêcos os nacedouros, baixo o nivel hidrico, diminuidas as ofertas dos tributarios, pelo mesmo fenomeno, o rio retrãe-se sobre si proprio, estira-se como um ofidio constritor, e se reduz ao talvégue, descobrindo a gengiva escorbutica dos barrancos e o sorriso maravilhoso das praias côr de céu e côr de sonho.

Dir-se-ia que uma endarterite fulminante tivesse hipertrofiado a tunica interna do vaso secretor, provocando, com a oclusão parcial de sua luz, o adelgaçamento da corrente liquida.

Opera-se então o fenomeno contrario: — ao envêz do alagadiço, a palhoça do cabôclo, a cavaleiro na orla do abismo, olha de cima, superiormente, o curso dagua que rasteja no peráu.

E' de espantar, neste transe, como alarmou Von Spix e Wallace, Bates e Agassis, a aterradora constatação da capacidade volumetrica da corda fluida.

Quantos milhões de metros cubicos dagua serão necessarios para que se encha, ao jeito de uma picina gigantesca, o báratro hiante? E ele se enche todos os anos...

Enche e se empolga no seu delirio de devastação,

A N A T O M I A H I D R O G R A F I C A

e se ezorbita, e alaga, e destróe, e avassala a terra e a selva, o homem e a Morte.

O fenomeno hidrologico do Brasil é bem um complicado e impressionante paradoxo. No nordeste, a canicula rouba a agua das cacimbas para encher de lagrimas os olhos do sertanejo; na Amazonia, a enxurrada inunda o sólo para secar de desespero o coração do caboclo tristonho.

Para todos os lados, a agua, fonte da Vida, a semear amargurados desalentos...

E' por isso que nas vasantes periodicas, quando o verão contráe a carranca nos esgares cauterizantes de seu sol equatorial, a gleba anima-se, na alegria das floradas.

Os matizes panoramicos entusiasmam. Pelos estirões, miriades de pernaltas acampam em algazarra.

E da garça aos mergulhões, do magoary aos jaburús, do pato bravo ás gaivotas, um baile multicromo de asas soltas, uma sarabanda encantada de penas livres, uma orgía polifonica de gritos claros, enchem a margem, se alargam no ar, embriagam os olhos e o espirito.

O coração leal do seringueiro, taquicardifica-se com a alegoria. O sistema nervoso de um artista vibra com a apoteose de plumas e vôos. Isso em todas as praias onde existir a areia.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

O verão é o magico encantador de paisagens. O reverso da medalha é curioso. Baixas as aguas, antolhos naturaes e irremoviveis, os lagêdos apontam á flor dagua como hipopotamos cromaticos, e a linfa, esguia e rapida, transpõe os obstaculos com velocidade incrível.

Os navios só transitam com o Sól, marcha retardada e prudente.

E' nesse instante que se torna necessario um pulso experimentado e sereno, á cana do leme. "Vaticanos" de vasta envergadura, chatas de bôjo largo, "gaiolas" de regular tamanho, como que pincham entre os pe-treis, enfiam pelas corredeiras, guinam certamente nos calcanhares fluviaes e lá se vão. imperturbaveis e constantes, fazerem ouvida no cerne da jangla aluvionica a voz poderosa da civilisação.

Quem os conduz, entretanto, á esses bandeirantes das altas cabeceiras? O pratico. E' ele o anatomista hidrografico. E' ele o angeologo profundo, auscultador de todas as sutilesas potamicas, vencedor de todos os obstaculos naturaes.

Quasi sempre acaboclado, o seu temperamento é sereno e decidido.

Humilde e sério, o seu dever é um espelho e a sua experiencia uma arma inflexivel.

Taciturno na direção, o seu olhar distingue o ca-

A N A T O M I A H I D R O G R A F I C A

nal entre os baixios, e a sua coragem impulsiona o barco, á hora certa, para rumo certo.

Intimo da natureza, aproveita com extranha e misteriosa sabedoria, as balisas expontaneas que ela lhe oferece. Aqui uma sumaumeira, alí a ponta de um barranco, acolá a foz de um igarapé, além, o proprio dorso de um lagedo, tudo lhe orienta no emaranhado dificil do dedalo fluvial.

A confiança em si proprio fa-lo um destemeroso conquistador de milhas.

O seu neuro-sistema de fibrilas de aço guinda-o á altura de um indomito perquiridor de distancias.

Obscuro e silencioso, sua modestia esconde dos olhos ignorantes da civilisação litoranea, os dramas e as tragedias que evita com o simples levantar da mão. Bastaria um engano de itinerario e o barco montaria talvez para sempre, no lombo de um banco semi-oculto.

Seria suficiente uma indecisão e a correnteza, no desvairado ritmo que a empolga, destroçaria em minutos a carcassa de um paquete desgovernado. De sua responsabilidade pendem centenas de vidas e de valores. Da segurança de seu pulso vivem milhares de almas e de fortunas.

Dia e noite, afrontando os pavorosos temporaes amazonicos, cuja pirotecnia celeste é de um efeito

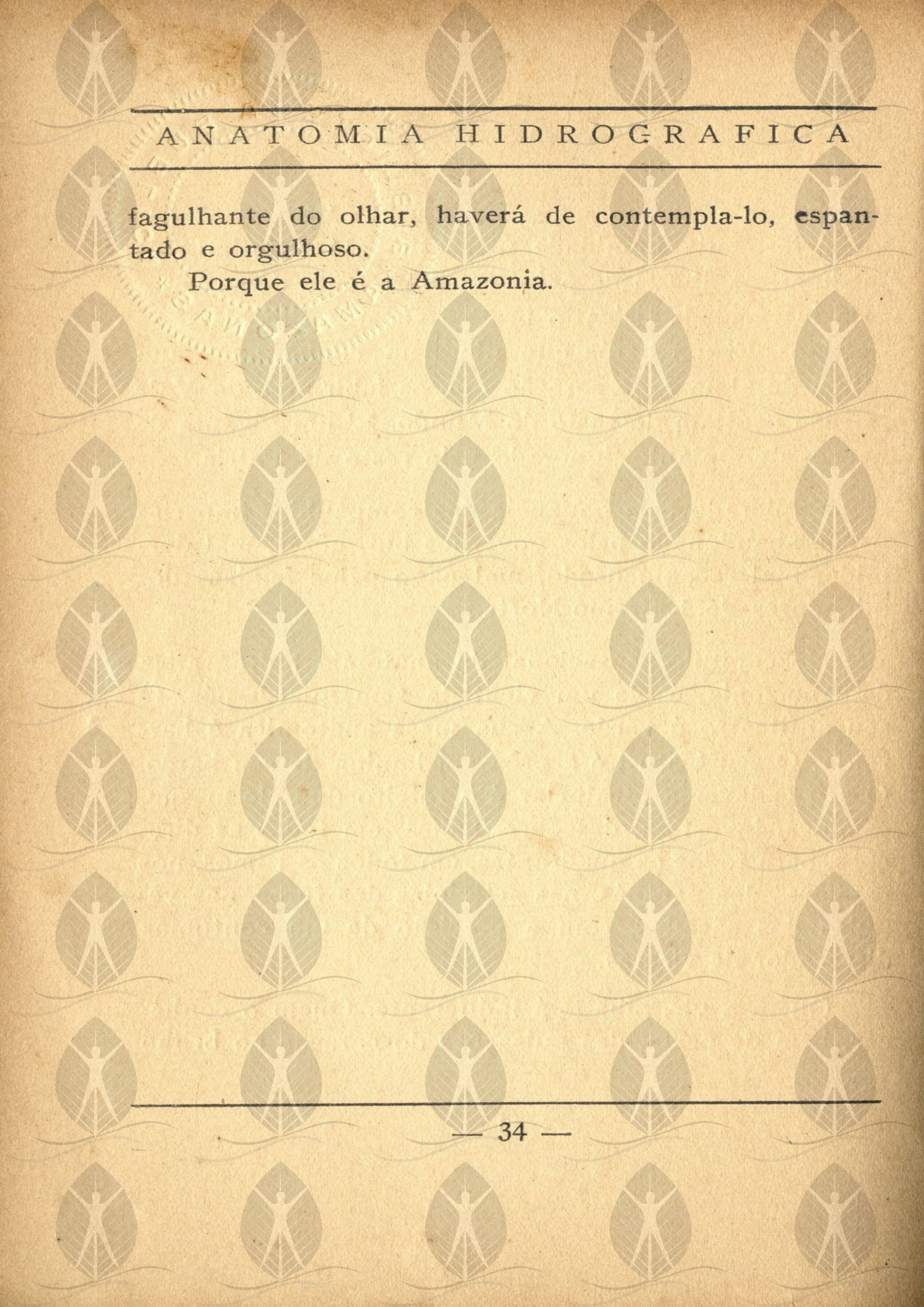
R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

atordoante e magico, ou as penetrantes “friagens” dos altos-rios, cuja humidade mergulha até a intimidade medular, na aberta da prôa, em detrimento de sua propria integridade fisica, o pratico encarna um blóco de destinos. E’ um heróe que ninguem conhece. E’ um atleta de alma e de coração que os labirintos do Vale imenso ocultam do resto do Mundo. E’ um gigante de nervos de amianto, ignorado pelo resto da Patria.

Explorado pela ganancia das companhias imperia-
listas, abandonado pelos governos burguêzes, mal dor-
mido, mal recompensado, mal pago pelos feudaes do-
minadores do Extremo-Norte.

No capitulo sensacional da anatomia hidrografica da Amazonia, é ele um cientista sem guarda-pós. O seu anfiteatro é verde. A sua mesa anatomica é bar-
renta. O seu bisturi é a prôa em lamina de seu barco. O seu cadaver a escarpelar é o roteiro que ele mesmo esmiuça, investiga, descobre, balisa, em todas as dire-
ções, para todos os quadrantes, em todos os rumos, nos capilares dos paranás, nas arteriolas dos furos, nas ve-
nulas dos sacados, com a precisão de um contumaz dissecador de vicerias.

Quem o vir, olha-lo-á indifferente. Quem o conhe-
cer, bem de perto, das pulsações do coração ao brilho



ANATOMIA HIDROGRAFICA

fagulhante do olhar, haverá de contempla-lo, espan-
tado e orgulhoso.

Porque ele é a Amazonia.



ZÉ RAIMUNDO



O Genio do Mal, depois da chuva em torrente que alagou os paxiubais do aceiro da mata, passou sabão na ribanceira em declive aspero e dissolveu na goma elastica da barreira os ultimos detritos da vasante.

A muralha de lama, quasi a pique, sobre o borbulhar do rio marrão serviu de cariátide disforme para sustentar, áquele fim de tarde, o monumento soturno da resignação estoica e desconhecida: — Zé Raimundo.

A gengiva suja do paredão escancarou-se em ritus alvar olhando a bocarra cosmica do escoadouro de jusante, a rir, num descerrar prodigioso de nuvens e de galhos. O briareu moreno recapitulava o prologo biologico de onde viera.

Zé Raimundo é baixo, quadrangular como um cetaceo, rapido como um golpe de harpéu, musculoso e flexivel, como um abraço letal de apuíseiro. A sua vóz é mansa e arrastada como o rastejar da sucuri e a sua furia, nos transes de indignação insopitada, é semelhante ao estrondejar do nordeste batido entre as traves de lianas e os membros potentes do acapú.

Os seus olhos são sonambulicos e longinquos.

Z É R A I M U N D O

Quem os vir de frente, empolga-se da nostalgia mediunica das ocáras. O jagaretê copiou-lhe a elasticidade tendinosa e o magoary, a indolencia ritmica da marcha.

A sua coragem é um simbolo lacedemonio. Dir-se-ia haver um trôço de argonautas, pesquisadores do velocino, desembarcado de uma lendaria trireme salomonica, e se disseminado, metapsiquicos e fatalistas, na alma aço e cobre do selvicola. Ao surdir da agua, nú, a escorrer o fluido terroso pelas cordoalhas das carnes, Zé Raimundo parecia um bronze anatomico que se puzesse a andar... A sua audacia atingia a indiferença, quando, lenço de renda cinza, o crepusculo pairava como uma libelula presaga sobre o Vale, e o seu corpo, moço, entre os mururés, transitava, no silencio das braçadas, despresando as mandibulas emersas dos caímans, que eram, na meia-tinta dilucular, á flôr dagua espelhante, manchas de pre-historia no painel imaturo.

O atleta, ardoziado de sol, recordava no topo do barranco o preambulo vivido. O "sex appeal" de sua mãe, cabocla da altura de um jasmineiro adulto, entre priprioca e cumarú, corpo esgalgo de violão, boca sumarenta de papoila, conquistara a volupia de um "pratico" de gaiola, sob o docel de um oitiseiro em flôr...

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

O quadro ambiente estremecera com eles, na derradeira convulsão do amor inculto.

A cunhanta se entregara como um lago, ao esturgir do repiquete genesico. E dessa conjugação innocente e espontanea surgira o Zé Raimundo.

Ao dealbar da vida, a terçã benigna varara-lhe o figado. A côr macilenta, jauna, sulfurosa, sabotou-lhe a péle e confundiu-se com o chapeado de cobre que a luz lhe dera, deturpando-o.

Em todas as viagens do pai, ao atracar o vapor, corria-lhe pela prancha, assaltava-lhe a escada principal, mergulhava no abraço paterno, e, orgulhoso e infantil, movia a roda raiada do leme, como um pratico que ambicionava ser, como um diretor de bordo, ante-vedo quixotesicamente, á sua visada romantica de criança, dorsos de pedra por desviar e balisas botanicas a aferir na margem onde nascera. Da riba, a cunhan fazia-lhe adeus, com renques de buritiseiro e os cachorros indefetiveis de todo o porto habitado da Planicie, ganiam de satisfeitos.

Todas as vezes que o pai chegava com o navio da linha, Zê Raimundo exultava de alegria. Esperava mesmo, espreitando o vasio de montante ou o báratro de jusante, a ver se distinguia entre a bruma da cerração o vulto cortante do "vaticano".

Com o apossimar do navio, poder-se-ia afirmar,

Z É R A I M U N D O

o coração adolecente de Zé Raimundo pulsava com mais violencia que os proprios pulmões de ferro das fornalhas.

O seu sonho dourado era ser pratico.

Estadear-se no relento de prôa, ereto, solene, com a responsabilidade de vidas e haveres, desbravando a interlandia misteriosa.

E, quando, certa feita, aguardava com anciedade impar a viagem prometida pelo genitor, salta de bordo, pisando o madeiro tremulo da prancha, a silhueta encarquilhada do comandante.

Uma centelha galvanica brincou na medula do rapaz. Como que o seu corpo se retraíu num congraçamento celular, á espera do machado impiedoso e cego. Depois de algumas ordens aos marujos, o lobo do rio descançou a mão na ombreira do moço.

Chamou: — Zé Raimundo. O olhar do caboclo veio subindo do borzeguim enlameiado do comandante até o fundo melancolico de suas escleroticas raiadas.

— Teu pai morreu...

O caboclo esperava o choque.

— Morreu?

Sua voz alontanada, soluçante, foi o éco de um esbarrondar de barreira numa angra do rio, noite alta.

— Não, Zé Raimundo, mataram-no.

O pescoço retezado, as jugulares pinchando na epi-

derme tostada, os olhos esbugalhados como formigueiros, tontos de odio, Zé Raimundo ajoelhou-se como um miseravel aos pés do comandante:

— Quem?

Meio andado para bordo, os pés rangendo na ponte improvisada, o velho marujo cuspiu de chôfre como se pedisse vingança para o camarada assassinado: — o Marcos Bororó...

E entrou no barco. Trilaram os sinaes, resfolegaram as maquinas, estridularam os apitos, revolveu-se a agua no rebojar concentrico dos helices, afastou-se o “vaticano” da barranca, como um blóco de margem que se destacasse integro e decesse a caudal, insensível e quieto. Ainda lá embaixo, na curva grande, perto da bôca do Ipixuna, o berro da chaminé riscou o ar brumaceo e se perdeu como um guará invisível por traz da muralha verde e imovel.

No balcão de terra rubra, espoliado pelas marés, batido de mormaço, Zé Raimundo ficou, como um jaburú sem ninho, absorto, petrificado, sonambulico, o olhar preso aos ultimos banseiros do navio, labios a tremer numa oração extranha, como um refrão sinistro e augural, que tinha gosto de sangue e de lagrimas: — Marcos Bororó... Marcos Bororó...

O traumatismo moral num centro urbano, no tumulto das cidades, sob as mãos veludas da civiliza-

Z É R A I M U N D O

ção, magôa fundo como fazia a haste eriçada, mergulhando de um golpe romano no peito cabeludo de um cimbri.

O ambiente crepitante de prazeres, entretanto se encarrega de polir-lhe as arestas.

Na selva, isolado, perdido, como um calcêta, sitiado pelo silêncio sem treguas, por todas as falanges da entomologia hematofaga, é ele um desespero sem balsamos, é a mussurana tenaz e irreduzível, que jarreteia nos massacres condenatorios, o índio prisioneiro.

Na cidade, tem-se esta impressão, o fulgurar eléctrico da vida, o regougar dos automoveis deslizantes, o resfolegar do pulmão prodigioso das usinas, dos bares, das avenidas, em berros, em urros, em prantos, fazem da agressão moral uma cutilada imprevista.

Aqui, no anfiteatro verde jalde, o murmúrio letárgico do rio, o acalanto extra-tumular da mata, o vôo em crepe dos anús, o segredo tranquilo do igapó, o velário pesado e sonolento que adormenta o cérebro e aquebranta as forças vestem o golpe moral de um veneno sonífero, imponderável, exquisito, que penetra nas narinas, invade, sutil e minucioso, os interstícios vasculares e se dissemina com os humores nos mais excusos departamentos celulares, alquebrando, dissolvendo, mumificando, destruindo...

O homem reduz-se á humilhante postura dos ba-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

tracios. O atleta se estiola nos intimos imperativos da apatía. O dinamico, sacudido de rastros, refocila-se no esterconario desalento dos vencidos. O heróe refugia-se na absconsa cafurna das estagnações covardes. O pigmeu microbifica-se. O amarelento amarelece mais, invadido pela bile do desencanto. O paludico mortifica-se de todo, impellido pela oportunidade miopragica da inação. O “mamifero vertical” desaparece.

A tiririca aponta no beiral; o timbó assalta-lhe o terreiro; a jagareté devora-lhe as crias de asas; as tucandeiras varam-lhe o sub-solo, grimpam-lhe os celeiros escassos; a saúva voraz e multitudinaria, derruba em torrente o palheiro do tétó; o vendaval asoinante, nas noites tenebrosas da Hyléa, arrasa como folhas, as raquiticas tapagens da tapéra. E breve, ao singrar por aquelas bandas, uma lancha qualquer, atracada á ribanceira para colher canarana alimento do gado itinerante, encontram os taifeiros, crucificado a um desvão do tapiri, boca cheia de formigas, orbitas que os tatús esvasiaram, grade costal em alto relevo pegajoso, dedos em garra, manchas de esterquilinio nos trapos corroidos, o antigo campeador do tracajá nas praias brancas, o ex-imperador dos lagos e dos furos...





Sacrilegio Potamico



Zé Raimundo fugiu á manopla compressora do chóque. Um momento de indecisão e a sua energia baquearia como o cedro batido pelo raio. Um instante de treguas na luta interior que o oprimia e o seu destino deslisaria em roldão como um afluente desvairado que se perdesse no pelago insondavel da inercia. Estacara um instante para se refazer da estocada profunda. Perdêra o pai. Perdêra tudo porquẽ perdêra o pae e o ideal. Morto o primeiro, a morte da profissão que ele encarnava esmagou o segundo. O caboclo não podia mais ser **prático**, desprezado de todos, errante como iria ficar, pela Planicie imensa, boemio tosco das orlas do Purús, a viver, como todos os outros, a monotonia enervante de um lento suicidio. O alcool é então o “anestesico das amputações moraes”. Mergulhados nele, procurando no torpor intoxicante o consolo para a solidão e a desventura, rechassam-se os hercules a si proprios, esquecem-se do ambiente, voltam-se para o misticismo, a boiar do inconciente alvoroçado, para desaparecerem, inchados de anasarca, figado pôdre, co-

SACRILEGIO POTAMICO

ração pôdre, alma pôdre, no degrau tumular da tabatin-
ga insidiosa.

Quem os conheceu, lhes nega a identidade depois da devastação etilica. Abúlicos, miserandos, formam nas fileiras dos degenerados alcoolatras, sem raciocínio, sem ideal, sem leis, explorados pelos patrões alarves, sugados pela ganancia dos sirios insaciaveis dos "regatões", banidos de si próprios pelo imperativo do veneno dissolvente.

Caricaturas animadas, que morreram num lapso psíquico, para remanecerem de pé, como fantoches, enchendo as margens de filhos e de monstros e a mitologia de bonzos e fetiches...

Durante o aureo periodo da hevea, derramado o ouro negro nos grandes centros, apesar do escoadouro de exploração seringalista assim mesmo conseguiam os extratores juntar o necessario e o superfluo com que agitavam as noites manauenses. Desvalorizado o produto, arrastada a castanha na voragem dos "craks" a miseria do homem despia a roupagem dourada e ficticia da ilusão. Concentrou-se em si mesma, cariz de Parca, dedos em grifos, esgares famelicos, realidade crúa e dissecada na estatura de suas exorbitadas proporções.

Zé Raimundo quiz fugir ao cingulo mordente do subito abandono.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

Despediu-se da genitora, jogou o rifle no fundo da igarité e rumou rio acima, a procurar no perigo a carícia para o tormento.

E subió. De anastomose de ramos em algaravia de galhos, surgia-lhe á visada turgida de magua, o perfil traiçoeiro do Marcos Bororó, espingarda na dextra, fumegante, quente ainda do tiro fulminador.

O odio desfiava nos labios ressequidos do incola a prece fatidica reticenciada de barbaros juramentos. Ele remava, remava, ebrio de furia, saturado de rancor, cavando na agua com o golpe do remo, o sulco que teria de abrir no peito do assassino de seu pae.

Ia adeantado o repiquete. A superficie liquida, elevada de nivel, solapava as barreiras, arrancava troncos herculeos como divertimentos puerís, infiltrava-se sob as palhoças, deslocava-lhes as bases, arrastava-as ric abaixo, fragorosamente. De tempo em tempo, o cada-ver vegetal de uma aroeira descia de bubuia, perigosa e vulnerante.

O caboclo, na guinada da montaria, evitava-lhe o encontro.

De longe em longe, um estrondear de artilharia grossa, atrôava no ar, levantando gaiivotas sonolentas e acordando no ninho os japiins flautistas. Era o esbarondar das ribanceiras. Sabotadas pela enchente, tremiam primeiro, erosavam-se em gilvazes sinuosos, in-

SACRILEGIO POTAMICO

clinavam os cernes fantasmaes e despencavam-se vacilantes no inicio, incoerciveis depois, reboando como dinamites, mergulhando no rio, corcovejando-lhe o dorso. fazendo trepidar até longa distancia, toda a orla contigua.

Era a terra a cair, apavorando os jacarés e as piraiabas, afugentando os bôtos e as piranhas.

Zé Raimundo ouvia o zabumbar do fenomeno e rumava para o meio do fio dagua. Parecia no seu atormentado raciocinio que a Natureza salvava a tiros poderosos o seu infinito desalento.

Retornada a calmaria, voltava o remador a beirar a margem esconsa, entre canaranas e aningaes.

Subira varias milhas na indefinida angustia de caminhar.

Subito o bramido rebolcou-se adiante num ninho de écos atroadores.

Um berro de terremoto sacudiu a floresta.

O rio agitou-se em refregas submersas. Zé piafou a canôa, á espreita da bonança.

Escurecia.

Gazes cinzentas penduravam-se num céu de cor-nalina.

O estampido, depois de cem respostas, repetidas no perimetro horizontal, calou, rapido.

Zé Raimundo enfiou contra a corrente. Os caurés

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

em bando, num desolado vaticínio, grasnavam rouquinhos, á meia-luz. E os urubús enormes como condores, voejavam aos grupos, como sombras, costurando o silencio...

De repente, a prôa da montaria esbarra num obstaculo flutuante.

O pescador, habituado aos ramos transeuntes a flôr da linfa, estendeu as mãos para afastal-os. E recúou horripilado, persignando-se.

Os seus dedos escorregaram numa côxa mole, viscosa, peganhenta, despelada.

Atufado de barro e de gosma um cadaver passotlhe rente ao casco.

O caboclo olhou o rio. Ao longe, jacarés em manadas, disputavam trechos de braços e de troncos. Da superficie da agua, esverdeada de bile putrefata, um cheiro nauseabundo irritava as narinas.

Do despenhadeiro em argila viva, surdiam, a metade infincada no paredão como raizes em diluição, toraces e rostos de defuntos, semi-corrutos pela avidês da gleba, as caras esvurmando tapurús, as orbitas varias, as bôcas carcomidas e babosas...

Sobre a fimbria do abismo, cruces remanecentes, de um cemiterio destroçado.

E por cima do quadro repugnante e horrivel, a al-

SACRILEGIO POTAMICO

garavia dos gaviões e dos abutres, punha sarampos vacilantes na ardozia indecisa do céu...

O esqualo potamico, fungara como um tucuxy, farejara a carniça a se misturar, intestinos e miolos com o gesso vermelho do dique, cavara o sub-solo da necropole perdida como tantas outras na vastidão marginal, e, arrebetadas as covas, ofereceu os defuntos mutilados á voracidade vulturina.

Zé Raimundo enterrou o remo nagua, nauseoso.

Lambendo a escarpa, como um monstro de fauces liquidas, satisfeito, feliz, o rio, agora calmo, dorme, sacrilego e nojento, depois da ceia pôdre...



O S A C A D O



O homem, contaminado pelo ultra-virus do bulício urbano, sente pinchar-lhe a cada passo, no ingresso pela renda hidrografica, a olhar do tombadilho dos "vaticanos", uma surprêsa amavel.

Surgem da toalha meandrica, ora o vôo processional do maguarí indolente, ora a heraldica postura da garça real; aqui o boiar do crocodilo; ali o plaplar dos marrecões selvagens no sangradouro dos lagos; acolá o berro estridente do gavião, como o rechinar de uma ródá moderna; além o vozerio alegre das maracanãs em bando.

Tudo a estremecer a lamina liquida, a rasgar a mataria inerte, a riscar o espaço tórpido, dentro da estuporada monotonia da canícula...

Para o brevilíneo, nativo da jangla, todas essas expressões da Vida inacabada da Planicie têm o prestigio de intimas confidencias.

Os traços animados do cenario em quietude, que, para o forasteiro incauto, são interjeições sedutoras, são para o caboclo, balisas naturaes a lhe bussolarem o roteiro.

O S A C A D O

Indicativos irretorquíveis na cartografia empírica do lidador bronzeado, essas aparições dizem-lhe tudo, orientam-lhe o itinerário, falam-lhe dos perigos ou dos imprevistos, previnem-lhe das agressões climáticas, esclarecem-lhe o caminho norteado pelos acidentes geogénicos.

Um tronco que dece listrando de negro a calmaria opilada do rio e os seus sentidos se eriçam em atenção, espreitando a arrancada dos repiquetes. Os dorsos negroides dos tucuxis nas emersões respiratórias para montante, falam-lhe das possíveis enchentes dos manadeiros. O desfile militar dos jaburús, riscando como antracites esguias a lousa safira-opala do céu em extase, murmuram-lhe do alto o segredo das vassantes lacustres. O alvo picadeiro das praias longas variolisadas de guarás e sardentas de tartarugas, abrem-lhe diante dos olhos, o panorama deslumbrador da desóva anual.

Abandonando o tapirí que o vira nacer, Zé Raimundo subía a corrente idiotizado pelo choque emocional que o vitimara. De trecho em trecho, cortando a música modorrenta das remadas, a cigana, um semelhante allontanado do pterodátilo, sacudia os braços verdes das oiranas, silenciosamente. O homem procurava o refúgio para a sua Dôr, no doloroso re-

fugio dos estirões. A curva maior ser-lhe-ia o melhor paradeiro.

Desejava ele, por isolado consolo, restar num angulo da estrada fluida carpindo o seu amargurado abandono intimo, a ter noticias da civilisação, como um hífen de saudade que o ligasse ao passado pela presença magestosa do navio da linha, claro e elegante no quadro vermelhaço dos barrancos.

A silhuêta dos “gaiolas” é, naqueles longiquos painéis, um divertimento inaudito para os olhos e uma alegria bemfazêja para o coração. A sua chegada é um aneio indescritivel. A sua saída é uma pequenina desilusão que desaparece com a chegada de outro. Parece sentir o incola, com a presença do barco transeunte, o balsamo tranquilizador que a civilisação lhe envía numa benção. Ele, o olvidado singrador de paranás, sente-se bafejado pela caricia urbana que da distancia lhe vem na linotipia dos jornaes. Ele, o indomito pesquisador de furos, vê-se bajulado pelo sonho, no acalanto que lhe chega nas novidades internacionaes da imprensa. Ele, o intrepido bandeirante da interlandia bravía, enxerga-se como um precioso ponto final de progresso pingado no amago da pagina esmeralda da flora, até onde vão as correspondencias citadinas, que lhe falam de movimento, de dinamismo, do estontear malicioso das luzes, da mali-

O S A C A D O

cia estonteante dos cinemas. Esse, um dos prismas psicologicos da navegação na vasta cancha quasi desconhecida. Partido o “gaiola” volta-se o heróe para o ambiente. E a invasão dos inséto sugadores, a asfixiante estática vegetal, a morbida quietude potamica, destroem-lhe a ilusão ficticia dos longes, constringem-lhe a evasão mental, deturpam-lhe a cenografia tosca e rude que o seu espirito construiu e fazem-no, achatado galé de um traumatizante realismo, enveredar pelos lagos, rasgar os igapós, enfiar pelos igarapés, mergulhar na cegueira tropical das lianas e das sapopemas, desvairado e sosinho...

Zé Raimundo queria, só e somente, o estirão, de onde contemplasse, resignado e barbaro, o vulto esporadico dos “vaticanos”. E encontrou-o. Depois de uma volta imensa, como se se enrodilhasse sobre o proprio corpo, o Purús vinha num retorno volutuoso de serpente, passar pelo mesmo logar por onde subira.

Dir-se-ia formar o rio, num capricho de desenhista, a cabeça de um formidavel laço hungaro. Do braço montante lobrigava-se por baixo das oiraneiras, na enchente, o outro braço liquido a decer.

Por terra, saltando-se naquele ponto, ter-se-ia em minutos a outra corda fluvial. Pela agua, a toda pressão das caldeiras, os navios contornariam em horas puxadas, a sinuosa entorse.

A garganta telurica, comprimida entre as correntes, é quasi sempre terra baixa, barro instavel, a tabatinga costumeira de todas as fimbrias marginaes. E sendo barro, é poroso. Sendo tabatinga é filtravel. Sendo terra baixa é facilmente galgada pelo tumulto das cheias amplas.

E o fenomeno subsequente é uma repetição das sabotagens destruidoras. De dentada em dentada, de quéda em quéda, de ribanceira em ribanceira, de fatia argilosa em fatia vermelhaça tragadas pela caudal, vae se estreitando a lingua de terra, vai-se esgalgando de mais a mais a cintura de oiranas.

E, num dado momento, marulhoso, violento, irritado, como um fauno lacivo e insatisfeito, o rio grimpa o derradeiro antolho e mergulha em si proprio, dentro no outro braço descoberto, unindo-se num abraço amigo e incoercivel. E' facil advinhar o resto do fenomeno. Aberto aquele conduto, escancarada aquela bôca que lhe oferece um curso mais rápido, o talvégue desvia-se da sua róta, enfia pela gorja recém-nata e abandona, subitamente, a enorme curvatura anterior.

Os resultados são: um torcicolo a menos e um lago a mais.

Porque, ligado um vaso ao outro, a terra deslocada obstrue-lhe uma das saídas ao hemi-ciclo desprezado. E nasce o lago formidavel a abraçar uma ilha

O S A C A D O

grande, com todas as características das águas circuladas: a pouca profundidade, a mesma população ictiológica, a mesma reclusão botânica e animal.

Quem morar na curva antiga, passará de habitante ribeirinho a hospede lacustre. Quem esperar a embarcação itinerante sem se aperceber da convulsão potâmica, espera-la-á eternamente, visto como, cientes da mudança de leito, os praticos enveredarão pela nova abertura, alijando por impraticável a rota costumeira.

E' o sacado. A geratriz de um complicado sistema de coleios. O documento de uma velha organização hidrográfica.

Quem estudar, mesmo o espirito mais leigo, um mapa do Amazonas, haverá de lobrigar, sobrevestida no rebuço cartológico, uma aparição da Janus bifronte. Para o norte, surdidos das vertentes divisionárias da Venezuela, Colombia, no sistema Parima, os rios descem quasi rétos, imoveis na representação cartográfica, como se se apressassem a submergir no canal excretor do Amazonas. Os condutos da metade sul, os nascidos da Contamana e dos platós centraes do Brasil, da Bolivia e do Perú, na margem direita, se retorcem como viboras, rebolcam-se sobre o proprio tálamo, numa como estriquininica vibração, como se retardassem, "sponte sua", a anulação na mistura anonima

do tronco principal. Atendendo ás lições de potamogenese, teremos de crer que a hidrografia meridional, nasceu em primeiro logar que a sua congénere setentrional. Cada coleio é um numero de hecadas de existencia. Conglomeratos duvidosos, arrastados na impetuosidade dos repiquetes, exumam especimes imemoriais da abrutalhada fauna primitiva. Eles dizem bem 'claro da idade da terra (1). Os "débris" petrosos, encontrados por Chandless no alto Purús, que o

(1) Possúo em meu poder peças fosseis, encontradas no leito do igarapé de S. Francisco, a cerca de oito quilometros da capital do Acre, na diretriz do setentrião, numa profundidade de 16 metros, em solo terciario de argila intensamente ferruginosa e grandemente mesclada de cristaes palpaveis de mica, visiveis nas suas incrustações numa das peças (vertebra). Esses fosseis, que me foram cedidos de uma coleção, pelo engenheiro Roberval Cardoso, quando de minha atuação na direção da Saude Publica de todo o Territorio Federal, estão de certo modo fragmentados em alguns trechos, não só pelo proprio efeito corrosivo dos milhares de anos que sobre eles dormiram, como porque o desmoronamento do barranco em que existiam mergulhados, arrastou para o fundo da vala fluvial essas preciosissimas amostras, fragmentando-lhes os ossos longos. As peças constam de 1 fragmento de falange, cuja garra deveria medir cerca de 11 centimetros, 1 fragmento de humero ou femur, ainda bastante sopesavel e 1 vertebra de quasi integra conservação. Estudados esses fosseis

O S A C A D O

exame minucioso de Agassiz localizou na época cretacea, são atestados de valor inconcusso. Além disso, e a documentação ainda é de Chandless, Manoel Urbano, o primeiro patricio que explorou a zona sudoeste da Bacía, trouxe "sal efflorescente" encontrado por ele nas vertentes além do Shamboyaco. Diz o sabio inglez ignorar o resultado do exame daqueles clorurêtos. De qualquer fórmula, de onde vieram eles? Serão vestígios adormecentes nos pincaros do Grande Mar Interior, do periodo terciario, na época mezozoica? Ou vêm eles de um refluxo do Pacifico, pelas cratêras andinas, nas incriveis erupções vulcanicas da Cordilheira? Sabe-se que o Aconcagua já vomitou milhares de peixes marinhos de nossa era o que levou á conclusão de um tunel que trouxesse o Oceano á crepitação interna do canhão natural.

Ademais, "La Vida de los Incas", edição de 1836, fala de uma raça de chapeados irmãos de Manco Capac, vivendo aquem cordilheira, tribu que nunca viu o Mar, pelo intransitado paredão montanhoso que

pela autorisada competencia daquele illustre engenheiro amazonense, atravéz da disposição da garra, da estrutura da vertebra e da grandeza do femur, opinou ele parecer tratar-se de um especime do "Felix protopanther", um ancestral longinquo da onça da Hyléa, robusta e magestosa, talvez maior que o encontrado por Lund na Lagôa Santa.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

lhes roubava o horizonte verde-azul para enclausurá-los num monasterio branco, em cujas expressões de arte rudimentar, nas suas "vasijas" que Santos Chocano cantava como portadoras de caricias, se viam com perfeição peixes e animaes marinhos.

De qualquer fórma o "sal efflorescente" de Manoel Urbano existe ainda hoje a boiar em certa época do ano, a se acumular nos parceis, a escumejar nas praias e nos estirões.

Ele, só ele, fala do nascimento dos rios do sudoeste. Vem pois daí, do encanecimento das reptilicas arterias fluviaes da bacía meridional, a aparição do **sacado**.

Uma imaginação febril, veria nessas erosões plasticas das cordoalhas fluidas, uma tendência á sua retinização.

E, acontecida esta, teriamos, ainda de acôrdo com a potamogenese um rejuvenecimento integral dos velhos vasos.

Tal se não dá, entretanto. O **sacado** é uma agressão fluvial feita a si proprio.

E só nos vastos encurvamentos, nas gargantas raquiticas de encontro, do rio que vai com ele proprio que volta, se opera a transfusão linfatica.

* *

Zé Raimundo isolou-se no elastico amplexo de

O S A C A D O

uma curva. Pareceria a quem a olhasse da “nacelle” de um avião, que a dextra prodigiosa de um titan sacudira aquela laçada côr de vomito sobre um trecho de selva, coibindo no cingulo móle e rápido, toda uma avalanche floral e zoologica.

Os navios vinham vê-lò esporadicamente. Lá, cercado de uma multidão de ouricuriseiros, era ele o patriarca perdido de uma coorte mistica de palmeiras, a estenderem para o céu o juramento facista das palmas tetanisadas.

A ulcera rasgada pela morté paterna e pelo ruir dos ideaes da adolescencia semicerrara-se com a terapeutica milagrosa do fatalismo. Naquele cotovelo vasal, ele esquecia, frechando o lombo rápido do pirarucú e aguardando, na contração muscular dos tigres, a quéda da anta herculea, na armadilha.

Uma noite, Zé Raimundo acordou em sobresalto. O ribombar de um trovão longinquo estremeceu as arvores e as ervas. A mão no rifle, ele olhou o céu: — o capacete cosmico, claro, centelhante, cortado pela restinga em micaxisto da via-latea, estava inocente e tranquilo. Olhou a selva: a mataria bronca, abraçada de galhos, criçada de aculeos, estagnava-se no lucilar orbitario dos pébas nauseabundos.

Olhou o rio: uma tremulina incomum escameja-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

va-lhe o dorso e milhões de estrelas nadavam-lhe pela salva argilosa...

Zé Raimundo foi cabôclo: voltou para a rêde e dormiu.

O sôl surpreendeu-o como o bocio, pelas frinchas da choupana fragilima.

O primeiro piúm encontrou-o ajeitando a montaria levissima.

E mal os esgarçados cirrus do levante, desfizeram-se pelas mãos impalpaveis do geral, a canôa, aos golpes rijos da musculatura em sinergía, subío a fita dagua como um pato bravo.

Várias horas de remo, tediosas e lentas. A luz, em chapa, refratava-se no dorso brunido do homem. Aqui e além, parava, olhar esperto, sentidos em flôr, interrogando a moldura brutal. Só lhe respondiam, foragidos do silencio, as vozes granadeantes do velario vegetal e o doce sussuro da correnteza nos risomas. E ele remava, afundando na agua a arraia de madeira, ardorosamente. Parou, de chôfre. A sua argucia advinhou a barragem. Para a esquerda e para a direita, a orla arqueava-se em paudarcos e embaúbas. Para a frente, néo-formação labiada de barro, um espinhaço pardavasco fechava-lhe o caminho. Recordou-se de trovão noturno.

O SACADO

O sacado nascêra dele, pela destruição do istmo aluvionico.

O Purús passava agora, a cinco horas do seu tapiri. A civilização distanciara-se dele mais alguns quilometros.

Ou sair do remanso novissimo em que fôra acuada ou deixar-se esterilizar no lago, prisioneiro dele no inverno, arcabouço a se putrefazer na inenarravel fermentação ictiologica da vasante estival, entre cetaceos dismorfos e hidrosaurios imundos.

Zé Raimundo resolveu fugir.

Aquele desvão de cataclismo, ser-lhe-ia uma cacumbamba dissolvente, onde ele acabaria, dentuça rilhante de malaria, olhos doirados de sezões, comido em vida pelos tatús necrofagos.

Lembrou-se da genitora, sosinha na palhoça natal.

Voltou, arrumou os trens no fundo da igarité, mascou um trecho de fumo e arrostando a longitude lacustre surgio á juzante, em pleno curso do Purús.

O sacado ensinou-lhe a desconfiar da Natureza.

Nem néla o ignorado desbravador de brenhas encontra o regaço certo para descançar.

O rio dá-lhe o peixe, dá-lhe a agua, dá-lhe o caminho, dá-lhe o navio no barranco e o comercio ao alcance do remo. Mas um dia ele dorme.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

E acorda como o Zé Raimundo. Acocorado no beiral, olhando a agua estagnada do lago.

O rio fugio como a sua ilusão de ser feliz. Fugio para bem longe.

Para bem longe... Para nunca mais voltar.

E o dilema despe o "travesti" de misterio e surge, desnudo e impiedoso como um sátrapa. Ele ou foge tambem ou se esconde no pôço.

O sacado é a propria psicologia do Amazonas. Um passo para a frente no desarvorado e imaturo laboratorio geogenico.

Ou o caboclo vai com ele ou apodrece.

Zé Raimundo foi.





MORCEGO HUMANO



A morfogenese social dos altos rios é um intrincado problema irresoluvel.. Não é um simples cadinho de raças antagonicas. Não é um mero laboratorio de preparação de alguma sub-raça mongoloide. Não é o centrifugador vulgar, embora que imenso, de uma mistura de pigmentos e de sangues. Não é ainda o resultado de uma arrancada incoercível de aventureiros. Nem tão pouco a insolita expressão de um patriotismo de bandeirantes. Muito menos, a singular falange, que houvesse remanecido de uma invasão incaica pelas vertebas ciclopicas dos Andes ou uma Maratona audás dos filhos de Yamato, pelo estreito de Behring.

E' antes, separadamente, em cada cotovêlo de rio, o atestado de cada um desses fatores.

Porque existem aí, na escalpelada realidade sociologica, individualizados e impressionantes, o mestiço traiçoeiro, o caboclo indomavel e generoso, o cearense corajoso e puro, o deflorador apaixonado da jangla, e o bronzeado nativo da Hyléa, olhos rasgados de chinês, fronte larga de inca, sentimento a

MORCEGO HUMANO

cheirar á cerejeira e a brilhar como o oiro de Atahualpa.

E mais alguém: o indio intangido, ainda virgem de olhos civilizados, embalsamado no cerne dos piassavaes, cinegéta invulgar, atleta de compleição canonica, numa diversidade melanica admiravel.

Nos centros do Madeira, o traço vivo dos Parintintins, semi-selvagens e crueis, agressores espontaneos de vilas e povoados, já hoje quasi totalmente pacificados pela intenção tenaz de um punhado de darta-nhans. O seu biotipo é um documento de contagio ambiental: pés largos e chatos, gretados pela soa-lheira e pelos aculeos; tronco quadrado de comedr de farinha e decendente de opiados pescadores do Pei-hô; dentadura angular de antropofagos guerreiros. No alto-Envira, afluente do Juruá, os grupos irreconciliaveis dos Jaminauás e Caxinauás, élo esquecido de um formoso divertículo etnico de saxões, cabêlos loiros e anelados, fisiognomia desconcertadora de ginastas arcádicos, pele alva e uns olhos romanticos e azues.

Bates estudou indios de absoluta feição ariana e Von Spix teve ocasião de autenticar essa observação interessantissima. Chandless e La Condamine trouxeram para a Europa, em algumas de suas incursões pela Amazonia, a suave lembrança de um nucleo de

conterraneos do Trafalgar Square, errantes na floresta como deuses...

Tome-se, agora, um desses deuses soltos, livre nos movimentos, livre na procura do alimento e da fêmea — binomio motor do universo, livre na alma, igual ás aguas que marcham e aos gaviões que vôam e se o coloque no cubiculo da “civilização” pelas forcas caudinas da religião.

Que escravo recalçado não surgirá desse imperador sem leis?

Existem tambem os de aspéto contrastante. Ferozes e insociaveis são os Makuná-Makuna no alto Rio Negro, travestidos de preto, com tintas indeleveis, para melhor sacrificarem os prisioneiros nos combates, despertando-lhes pavor.

Paul Erenreich dicotomisou em dois tipos a fisionomia dos abórigenes amasónidas: o caucásico e o mongoloide. Rosto de chim, corpo de cossaco. Pequena minoría forma na legião dos indo-arianos, com alguns pormenores de facies e de habitus. São eles os donos da terra que a “civilização”, pelos braços da cruz e pela espada dos guerreiros, trouxe para a caserna dos “instrumentos humanos”, vítimas do suor, vítimas do dinheiro, vítimas da sífilis.

Não será a reação do pobre incola uma certeza

experimental da crueldade, da exploração, do feudalismo dos brancos?

De qualquer forma, ou com o traço antropológico unico de D'Orbigny ou com a pluri-classificação de Von Martius e de Couto Magalhães, o cadinho relativamente puro da diferenciação racial da Amazonia, é tambem um complicado sistema ectipológico.

Nos outros quadrantes do paiz a solubilização do advena si faz como um fenomeno quimico.

Do sangue indio-negro vem o **Zambo-cafuz**; do sangue indio-cafuz vem o **curibóca**; do sangue negro-cafuz vem o **xibáro**; do sangue negro-ariano vem o **mulato**; do sangue negro-mulato vem o **mestiço**.

Em todo o resto do Brasil assim se opéra o "melting-pot" racial. Ao Amazonas coube uma percentagem quasi nula do tipo negro. A ethnia, entretanto, se complica de todos os outros elementos e de uma diversidade extraordinaria de sangues e temperamentos.

Desse prodigio de caldeamentos dispares só poderia resultar uma absoluta incoerencia racial.

Desse flagrante divorcio físico, surge a aturdidora sociogenia amazónica. Ninguem que os veja fundidos num objetivo criador de tipo racial definitivo, póde predizer as tendencias, os hábitos, os temporais animicos do estabilizado homem da imensa Bacía.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

Como ninguém poderá prever, pela deliquescência de suas orlas, pela volubilidade fulminante de seus contornos, pela avalanche que se despenha para que surjam as praias magníficas, em como ficará desenhado de uma vez para sempre o cariz potamográfico do Amazonas.

Homens os há de toda a sorte. Rios existem com as mais variadas crises climáticas. Adivinhar o fim disso é arriscar-se a um ridículo inominável. Adivinhar os ângulos de variação cósmica, irregulares e parciais, só é dado ao dominador da montaria frágilima.

O aventureiro da Planície é uma onda da sistole-diastole financeira da Amazonia. O autêntico visionário da hevea infeliz, é um hospede instável da Bacia. Vem com a preamar econômica, vai com a baixamar das longas crises. O que fica, aquêle que perdura, teimoso e decidido, no fundo de uma curva de rio, quando as mãos de crepe da miséria deceram, sobre a face endolorada da gleba inexgotável, ou é o heroico remanecente de uma época doirada, aferrado numa gratidão comovedora, á terra que o fez rico em outros tempos, ou o ambicioso desvairado, o corruto mutilador de caratêres, o alarve conquistador de terras e de lares.

E' esse o latifundiario, móla irretorquível do capitalismo. As suas tendencias são solapadoras como

MORCEGO HUMANO

as enchentes. A sua mão se adunca, como elitros de crepe. O corpo se confunde nas extremidades inferiores, com a concava silhuêta das garras.

E' o sugador humano. O potentado açambarcador, que nos altos rios ergueu tenda e envenenou a terra e o ar, a agua e o pensamento. O insaciavel morceção racional, que humilha os humildes, acovarda-se diante dos fortes, arrasta os companheiros para a armadilha economica que os reduzirá á semi-nudez, desvirgina as donzelas do barracão e obriga os trabalhadores escravizados a desposa-las, infelicita o incola, dono da gleba e suga, com o cinismo e a crueldade, o assassinio e o roubo, todas as energias circundantes.

E' o seringalista voraz, sob cujas ordens desfilam, desfibrados e exangues, explorados e miserandos, os verdadeiros proprietarios dos hectares, os legitimos perlustradores da Diluviandia. Não existe a revolta.

O alcool, que o abutre distribue aos degenerados paludicos que lhe cáem nas unhas, anula-lhes o sentido da dignidade e a neurose de angustia da libertação.

Jacinto Gazela é um desses repulsivos queiropteros que riem.

O seu estalão moral se balisa no limo pegajoso dos barreiros.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

O seu ideal é irmão-siamez do amplexo mórtificante do apuiseiro.

Alto, forte, espadaúdo, pela caraça insondável rastreiam estigmas variolicos. A dentuça patinada de sarro como o teclado adormecente de um piano antigo, é fendida aqui e alí pela carie fagedenica do fumo.

Gazela é um vulto morbido e rapace de Alighieri, que o tesourão metapsíquico de um genio recortou de um capitulo da Divina Comedia, para gruda-lo depois, numa folha verde do album adolescente da Amazonia.

Todas as torpitudes, todas as macabras idealizações de um cerebro doentio, alienando rechãs e deturpando honras e riquezas, residem no amago da-quele bruto.

O seu seringal "Nova-Vida" é um burgo medieval cheio de tiriricas e mucuins. E' ele, com pompa e magestade, um senhor de baração e cutelo.

O baração que manieta o indefeso trabalhador; o cutelo que o estripa nas tentaculares escroquérias das contas e dos saldos.

Como as flôres carnivoras é o seu sorriso. Desfiado em traquitanas de hipocritas oblatas, ele seduz pelo aspéto sereno dos seus verticilos moraes. Caída a presa na facinação da oferenda inocente, fecha-se a corola na constrição putrivora. E o ser incauto e

MORCEGO HUMANO

bom, parece entanguido e exanime, ao beijo inenarravel do monstro, cujos esgares semelham os instantes nauseosos da digestão dos reptís.

O seu olhar se alarga no telescopio ambicioso da conquista.

E lambe os escaninhos da Terra, arrastando na ancia incontida, os pequenos trabalhadores e os humildes industriaes. Seu coração é uma vicera metálica, obediente ás imposições de um ritmo mecanico e rapace. Os gadanhos dos seus sentidos solertes farejam, no amplo cenario da natureza em festa, os vestigios de azinhavrê das cafurnas. O sol é de oiro. O rio é uma aurea corrente. Os vegetaes só interessam ao amanhecer e ao sol pôsto, quando a luz, em vertigem, nos ultimos acenos da vida a se extinguir, distende as mãos actinicas para chapear de oiro a coma das sumaúmas e o dorso floral dos acapús.

A femea crespa os cabelos e coroa-se de camomila, para, na selvageria de um coito prehistorico, iludir-lhe mais o orgasmo azinhavrado.

Nos peiores transes, nos longos desanimos psicologicos, em que o exercito mumificado de famulos parece se esmagar sob a insaciavel bulimía hematica do monstro, o seu sorriso acena-lhes, cinico e mendaz, com a torcida bruxoleante de uma vaga esperança.

RAMAYANA DE CHEVALIER

O sorriso, esse "final common path" de Sherrington, é nele um escudo brunido de torpêsa e uma durindana inflexível.

Ele precede uma tarrafada humana ou uma armadilha criminosa.

E de qualquer dos dois é difícil escapar. Porque a distancia cumplicia-se ao degenerado e empresta-lhe os utensís para a baixêza.

O esgarçado nevoeiro que lhe doira a bocaça sacrilega é como a vertiginosa ondulação das azas do morcego. Compensa, pela anestesia, a lesão epitelial. E' o morcego humano. Torvo, hediondo, maquiavélico, na estrutura moral. Quasi facinante nos trejeitos físicos.

O sorriso é o divisor de aguas de duas vertentes animicas. Ou ilumina um rosto arcangelico num quadro de Rafael ou amedronta e repugna na cara de um baixo-relevo de Mirbeau.

Nunca o musculo risorio de Santorini foi tão infame como nas suas contrações esporadicas na fisionomia de Jacinto Gazela.

Ao sol, á chuva, aos temporaes apavorantes do Vale, desfila a legião dos que marcham na vasa do desprezo pessoal. O suor rouba-lhes as calorias do alimento insufficiente. Os hexapodos ferozes, remordem-lhes o dorso dolorido. Os carapanãs e os piúns ren-

MORCEGO HUMANO

dendo guarda, os primeiros de noite e os segundos de dia, aumentam-lhes o desespero intimo. As moscas ca-bo-verde, as mutucas e os potós, de agressão dolorosa e subita, completam a tortura dos seus dias triturantes. Isso tudo num viveiro de cobras fulminantes, de formigas venenosissimas, de feras ainda desconhecidas, de todas as criaturas da fertilidade espantosa da Terra.

O caboclo, heroico e gigantesco, esse esculpido sonhador de um Da Vinci amazonico, resiste a toda essa arrancada destruidora.

Da entomologia hematofaga á fauna plantigrada e voraz.

Só uma força o reduz ao estado de titere dipso-mano e decadente.

O morcêgo racional. O lider da perversidade e da traição, extranho e sadico sensibilista de tormentos.

A Amazonia sem os insetos terriveis seria o eden do Planêta.

Desaparecidos estes, por uma milagrosa fumiga-ção sideral, restariam os Jacintos Gazelas, canceroides.

Só a revolta poderá fazer a ablação desses neoplasmas malditos.

Porque, quando a fizer, a Amazonia será, num avatar comovente e aleluial, um parque olimpico.



Escravatura Bronzea



R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

A ginastica mental de Turnbull é uma terapeutica milagrosa nos grandes centros. O seu consolo se nulifica, amesquinha-se, alaparda-se no chavascal da realidade ambiente, quando em atrito com o vasíc verde da Amazonia.

Não ha concentração que balsamifique o rastro ulcerado dos grandes disturbios moraes, no esgazeado silencio da selva. E' tão grande a angustia de parar, é tão profunda a agonia estática, é tão vulnerante a neurastenia, geratriz da quietude, que o homem laminado de chumbo se debate muitas vezes, no aneio desvairado de romper as algemas dolorosas que o comprimem e termina, não raro, abulico, psico-neurotico, apalermado, fugindo de si mesmo.

O crispado desalento de Zé Raimundo estatelou-se como um titere ante a desolação calcedonica do ambito floral. Procurando o esquecimento no abstruso sistema de furos e paranás, ele fôra surpreendido pelo sacado estagnante. Buscando o olvido na barbarie do reposteiro drapejante conseguiu ele evocar, com profundas nuanças, todas as

ESCRAVATURA BRONZEA

sinuosas contorsões de sua própria tragedia. Os instantes meditativos á luz anêmica do tapiri lhe valeram por seculos de desanimo. A dentuça acerada da inercia anquilosante, abocanhara perfidamente a sua energia metalica de titan semi-bronco e trincava-a com a voluptia languorosa do bochôrno. Todas as suas reações nervosas e musculares, foram como fontes criadoras, de onde nacessem riachos a desaguarem no pélogo anonimo do desespero barrento e glutão.

Zé Raimundo, fugindo ao abraço viscoso do sacado, visitára o recanto onde nacera, a revêr sua mãe. A chegada fôra uma pincelada extranha de Doré.

A paisagem natal refocilava-se como um catêto no lôdo faminto da degeneração.

Recebera-o um indio velho, que se asilara na tapêra em ruinas, cariz sulcado de deus assirio, a cuspinhar das gengivas sem côr, pelas falripas de uma barbicha carnavalesca e hostil.

Por êle soubera tudo.

A genitora fugira a bordo de uma lancha com um hipnotico "rakeeter" de regatão.

Não resistira ao chamado da carne.

O pan-sexualismo de Bleuler, no descampado errante da Amazonia, se não é uma verdade irretorquível é uma picada a palmilhar. As mulheres mais sorridas, as criaturas mais repelentes, os trastes huma-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

nos mais nauseosos, pernas pontilhadas de úlceras, seios derreados como se os mamilos pesassem de desilusões, pele irritada pelos inséto, esclerotica macilenta de malária, dentes em ruína pelo vicio da cachimbada malcheirosa, têm naquele deserto berilico, naqueles vasio, físicos e psíquicos o prestigio fulgurante de “estrelas”.

Provocam, no desordenado drama das competições genesicas, assassinatos traiçoeiros e ciúmes absorventes. Imans isolados de um erotismo crónico, o estro do desejo infla-lhes as carnes, intoxica-lhes os nervos, invade-lhes o raciocínio, e, liberto do subconciente, pelo imperativo irrevogavel da solidão excitante, sae em cavalgada, em roldão, a rebolear-se nos festins de barracão, a tentar pela singularidade impressionante e irresistivel.

O proprio anfiteatro circundante cumplicia-se á eclosão do erotismo insopitado. Os grandes vegetaes abraçam-se na perpetua gestação das floradas. As trepadeiras multiplicam-se no milagre da primavera eternamente verde. Os animaes, aos pares, aos centos, ás miriades, quadrupedes ou alados, festejam, no esfuante delirio de um cío coletivo, a gloria infinita de amar.

Os proprios peixes, dos bôtos enormes ás humílimas sardinhas, em piracemas, em multidões, em ar-

ESCRAVATURA BRONZEA

rancadas, brincam de amor no painel das correntes, enchendo o ar do estrepito de seus saltos e a água da alegria de seus prazeres.

Tudo ama, em blóco, em massa, em procissão.

Só a mulher é rara. Só a mulher é difícil. E por isso, linda ou horrenda, quente ou anestesiada, voluptuosa ou fria, limpa ou nauseabunda, é ela a bussola que orienta a horda dos exploradores da Jangla.

A mãe de Zé Raimundo seguío o ritmo geral. E se foi no remanso gostoso de um amor florecente.

A ulcera espiritual do caboclo renaceu com a violencia dos mandacarús.

Espezinhou-o no amago como um braço sacrilego que agitasse na mudez funerea de uma necropole um pandeiro adolescente de guisos.

Ele mordêra os labios. O indio fitava-o em silencio. E o silencio de um indio fiel é como o aperto de mão de um proletario conciente.

Fala mais do que uma hora de Rui. Os olhos de Zé Raimundo olharam a palhoça sem tétó, a invasão das saúvas, o terreiro onde tantas vezes esperara o pae cercado de porcos e de garças, o barranco de onde a voz do comandante lhe déra a noticia da morte do pae querido pelas mãos infames do Marcos Bororó...

Uma garra invisivel espremeu-lhe o coração, a lingua ficou sêca como o rio no verão, e o mundo

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

principiou a cambalear como um ébrio de "cauim" nas nupcias de um tuxáua.

Zé Raimundo chorou.

E lá longe, quando as remadas espantavam jacarés e ciganas, os seus soluços ainda molhavam o nome sagrado do pae, ecoando no renque da folhagem pela vóz organica do socó-boi...

II

Aquele barranco era fatidico. Ali recebera a nova do assassinio paterno. Ali presenciara, nos rastros indicadores da desordem, a evasão materna. Ali contemplara, debruçado sobre o poço animico, o degradingolar extra-humano de si proprio. Absôrto como um cata-lético. Arruinado como um rebordo de ferida maligna.

Bronco, profundamente bronco, como a resposta do cerne rúde da itiuba ao insulto da lamina mutilante. Ficar ali era viver aos engulhos, aos vomitos, ás nauseas, sentindo no coração o polvo da desgraça.

Tinha de fugir... A manopla sinistra do argentario fatalismo amazonico escorraçava-o mais uma vez.

ESCRAVATURA BRONZEA

O incola, nessas paragens esgazeadas pela distancia, é um voluntario das bandeiras, um nomade incoercivel e sofredor. Tem de andar sempre, andar muito, como um desvairado automato, sem rumo. Se pára no descanso de um barracão, a lepra moral do vampiro que pensa, contagia-lhe de logo o seu "virus" ruim. E ele ou se escravisa ou foge... Para encontrar mais adiante a mesma garra e a mesma fuga... Ashverus chapeado de sol, não existem para a sua ingenuidade ignorante o socialismo que distende as geenas do proletario e o anima na esperança de uma época feliz.

Diante de Ibsen, ele seria na formula solitaria de seu briareu ideologico, um forte. Diante da terra, pelo esgotamento fisico que ela exige, ele é um paria, um vagabundo.

Fugir é a flamula. Mas fugir para onde?

* * *

— Hei! Encosta a igarité, "dialho"!

Pelo lombo liquido se arrastava um carrapato monópodo e lerdo.

O viajante semi-nú, da prôa da embarcação guiou-a rapido e enfiou para o barranco.

A' distancia de um golpe de arpão, estacou. Mediu dos pés á cabeça o seu interlocutor e, devagarinho,

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

lambendo a água com a língua ressequida do remo, aproximou-se...

III

Duas mãos calosas e rudes, que as faneras carcomidas afejavam, apertaram-se num reconhecimento tímido e desconfiado.

— Zé Raimundo, pra sirvi vosmincê!

— Juca Borba, seu criado...

Zé Raimundo, á proporção que a conversa estugava o passo, mirava numa análise percuciente o todo do companheiro.

Olhou-lhe a cara, um velho palimpsesto esburacado, por onde os olhos luci-luziam de quando em vez, numa faradica expressão vital; o nariz derreava-se numa chatesa niponica, as orelhas fugiam para os lados, como bambinelas transparentes e a bôca, retorcida e amarelenta do sarro, entreabria-se de longe em longe, num sorriso alvar e boçaloide, como uma vitrin abandonada e suja de belchior de rua colonial. Olhou-lhe o pescoço moquiado de sol, os membros longimanos, iguaes aos de quasi todos os boemios d. cancha verde, como se o rispido Artaxerxes tivesse emeadado por aquelas rechãs, uma progenie degenerada de remadores.

ESCRAVATURA BRONZEA

Olhou-lhe o tronco encarquilhado, com vestígios de força, as pernas manchadas pela leishmania e um conjunto de desleixo ignorante, de abandono proposital, de desprêso intimo, entre tristeza mórbida e desesperança profunda.

Contou-lhe a sua vida que era uma morte em reticencias. O seu desejo de ser só ou ser livre. A sua fuga eterna de galé infeliz, que sente no calcanha, sem pausa de descanso, a dentuça da miseria a es-rificar-lhe o passo.

Que vê refletida no chão por onde pisa, a sua propria sombra, triangulizada num perfil de asa de nô-cho. Que sente o báfio da canicula, o sôpro quente da desgraça, e contempla nos seus momentos de efemera quietude, desfilarem em torno de si, ao jeio de procissões arrepiantes, os duendes de uma vinança retardada.

Falou. Disse-lhe muito. Disse-lhe tudo. Jez-lhe bem a catarsis espontanea.

Quando acabou a confissão de sua trageia biologica, o suor lentejoulava-lhe a frente. Um silencio de velório funebre dormiu entre os dois homens.

Juca Borba acordou-o:

— E agora o que vancê vae fazer hôme?

— Nada! Num sei... Eu só sinto um **estrupicio**

de andá fugindo pra qui e pra lá cumo capivara..
Será o que Deus quizé...

— Qui nada! Vamo trabaia! As sustança tão vas-
quêra, mais se arranja alguma cõsa... Eu tô cum co-
roné Gazela... Vancê qué vi?

— E é bom lá, Juca?

— Assim, assim... A jente istranha nu cumeço,
dispois acostuma...

Não sei que inexplicavel e secreto prazer sente o
supliciado em arrastar mais uma vitima á sua tortura.

Afirma-se nas lindes da micro-bacteriologia, por
observação curiosa do empirismo, controlado pela
ciencia, que o tuberculoso ou o hanseano, convitos
da podridão que lhes infesta a economia, têm o sadis-
mo do contagio coletivo.

A semiótica moral encara identicos fenomenos.
O toxicomano, filho dileto da sociedade capitalista,
sacia-se, com voluptia, na decadencia do espirito fra-
co, que, por suas mãos nefandas, ingressou na legião
dos esfarrapados sentimentaes.

Juca Borba, instrumento inocente e involuntario
do burguês, víu em Zé Raimundo a prêsa facil. Des-
ambientado como um jaguar num jardim de metropo-
le, o pobre Zé caíu na armadilha viscosa do com-
panheiro.

O tentaculo aracnideo atingira-o de longe.

ESCRAVATURA BRONZEA

E juntos, no bôjo da igarité, como jaburús que decessem no lombo de uma ilhota flutuante, rumaram ambos para o antro do monstro.

O seringal do Gazela era o concentrico rebôjo sedutor e envolvente.

Possuia ele aquela qualidade que repugnava Victor Hugo na "pieuvre": era móle e traiçoeiro...

E móle e traiçoeiro, o carrapato monópodo e lerdado, descia a caudal, extasiada e imensa...

IV

Juca Borba tinha cincoenta anos. Parecia que tinha setenta, porque o demonio "falciparum" lhe acelerara o catabolismo. Pudesse existir, surdido do cerebro de um alucinado animador de marmores, o monumento do desesperado apático, do torturado quiêto, do angustiado calmo, e esse monumento teria nos seus vinculos psicologicos o abatimento somatico do Juca Borba.

Durante a viagem da montaria ele se abrira com Zé Raimundo.

Dissera-lhe de sua vida, seus desenganos, seus

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

pesares. Marajoára, crestado pelas cavalgadas nos gerais insulares, sua vida se simbolisava no laço que se agita e na garganta da rez que se comprime.

Todos os seus ideaes foram sempre assim: cordas soltas ao vento, galopes livres nas ravinas, onde sua fantasia, como uma criança travessa e inteligente fazia tropelias ilusorias e doces.

Um dia, já rapaz, ouvira falar na borracha, no insondavel prestigio da hevea, que nasce alva como o leite e fica depois negra pelo contagio da ambição humana. Os olhos do bezerro de oiro chamaram-no de longe. Ele deixou o laço, o cavalo, o sonho, a ilusão de felicidade do amplo, do horizontal, do verde jalde, e embrenhou-se no igapó, na montaria, no canção, na ilusão da sombra, do semi-circular, do verde-bile, do verde-vomito, do verde-verde...

Vagueiando como uma libelula perdida entre mil lampadas, pelo descampado desolador da Planicie atordoante, sentira primeiro a oferta, depois a promessa, depois o abraço letal, depois a ventosa mordente, depois a anemia fisica, a anemia moral, a indiferença externa e interna, para os outros e para ele proprio, e o alcool, e a intoxicação curareana daquela vida, que era lôdo e febre, fogo e lama, dôr e euforia, precursoras da morte silenciosa...

Zé Raimundo não sentiu que Juca lhe dizia o seu

ESCRAVATURA BRONZEA

proprio futuro. O olhar, do mesmo passo feroz e teno do marajoára, enchera-se de pranto. Um pranto sincero e antigo, de quem estagnou num trecho de vida, azul, de quem ficou para traz, parado e abstrato, diante de um amor mutilado...

— Hei, mano! E' ali!

As luzes bruxoleantes das lanternas assinalaram o porto do seringal.

Duas remadas fortes, um remo levantou-se pingando para o ar, o outro freiou a canôa num golpe de pôpa, e o focinho laminar da embarcação cheirou a tabatinga, rubra, rangendo...

— Salta, Zé!

Zé Raimundo saltou.

V

O homem da jangla é mais o “animal gregario” de Trotter que o “animal de horda” no ideario freudiano.

Animal gregario, porque a sua sociedade é uma conjugação efemera de necessidades momentaneas.

Animal gregario porque o virus da individualização acompanha o coleio multitudinario dos seringaes, conservando integra, divisivel, identificavel, a marcha carateristica de cada temperamento.

O animal de horda, de Freud, não é o sugestionado pelo chefe, não é o magnetizado pelo mentor.

E' a celula humana arrastada na corrente de um amplo sexualismo, abençoando, por um amor coletivo a voz que o dirige e comanda.

O poder nefasto de impelir, emprestado por Le Bon ao "condotieri" é em outros centros, que não a Planície, o resultado de uma generalização sugestional. Anulando-se a si mesmo por uma dissolução na vontade de todos, o homem na multidão foge da concepção hipnotica de Le Bon, para recair no totalismo sexual do judeu da Moravia.

Para o animal pensante da Hyléa, a carapuça trotteriana se ajusta melhor que a freudista.

Um animal gregario é o que ele é. Sem ser um dominado pelo facinio animico do chefe do barracão ou pela sugestão inter-individual como queria o pensador francês, nem se alastrar num amor multitudinario, como garante o campeão da psicanalise, ele possui, antes, dois sentimentos que, pelo antagonismo da influencia energetica, lhe anulam a iniciativa: o do pavor e o da fuga.

ESCRAVATURA BRONZEA

Não é facínio leboneano, porque existe o ódio e a vingança do espoliado contra o espoliador. E o facinado não odeia o facinador. Não é a sugestão recíproca, no sentido de convicção que os prende no respeito ao chefe, porque a vigilância eterna que eles se votam entre si, inconcientes da sua própria força, faz-os perseguidos e perseguidores incançáveis. E o suggestionador não teme, decide. Não é o amor freudiano, porque cada um deles, surpreendido um desgraçado colega na tentativa de evasão, se transforma, subitamente, no delator sádico e no algoz implacável.

A delação dissocia e hostiliza. Poder-se-ia chamar essa delação uma espécie de tentáculo do prestígio patriarcal. Também não acontece assim, na diluviandia. É o egocentrismo do sofrimento degradante que impulsiona o seringueiro infeliz a apontar ao chefe, o companheiro que tentou fugir. Existe nele uma como que inveja do irmão torturado, que pela reação, perdeu o pavôr do castigo e resolveu evadir-se.

Porque no íntimo, ele desejaria ser esse valente cujos pés quasi chegaram a atingir as lindes da libertação. Sem coragem, e invejando a coragem do outro, corre e informa, com pormenores, amiudadamente, devagarinho, hipertrofiando a narrativa, sádicamente.

Quem quer fugir, morre. E é ele mesmo quem se oferece para saborear volutuosamente o segundo te-

RAMAYANA DE CHEVALIER

nebroso em que assesta o gatilho do “winchester” no craneo do fugitivo.

Isso não póde ser sacrificio pessoal por um amor coletivo.

O rifle, inflexivel instrumento de pavor, é a formula legal de Becharia, que na Planicie igualha todos os seres.

Falha a equação de Le Bon, falhou o corolario de Freud.

No soldado e no religioso prevalece a intenção do cientista de Viena: o “contratante social” de Rousseau sente nacer-lhe no intimo dominado, o barbaro de horda.

No homem amazonico, não. E’ a neurose da seringa que os mantem unidos provisoriamente. Cada qual para si, individualisado, desconfiado, espoliado. Com todos os carateristicos, todo o temperamento, todas as modalidades diferenciais da personalidade. Ser abúlico, sim, mas egoista, e todo seu, inteiramente de si proprio.

Aqui, o “homem gregario” de Trotter pesca pirarucú, foge como um catêto e assassina o companheiro se o vir precedendo-o na fuga.

A borracha, elastica e seducente, é o visgo que congrega na furtiva esperança de uma fortuna mendaz, a sociedade fiticia dos barrancos.

ESCRAVATURA BRONZEA

Morta a esperança, resta a escravidão. A escravidão boçal e embrutecedora, escarificante e insaciável, contemporânea de Marconi e de Picard, do raio cósmico e do materialismo histórico, de Gorki e de Dostoievsky...

A escravatura negra teve Castro Alves e Zé do Pato, que paladinizaram a cruzada inicial de seu extermínio, cruzada bem dita, que o industrialismo voraz, no diorama ilusor de sua decantada democracia, enleiou no mesmo laço da escravatura universal do braço assalariado, perdido, sem distinção de cor, mas de classe, no subterrâneo das minas, no fundo dos armazéns, na rédua das usinas, no inferno das fábricas, das vias férreas, dos portos, atirados como parias ao desabrigo, lutando sob a incandescência canicular do sol, ou sob o latego torrencial dos temporais, impedidos por todos os meios coercitivos e transviadores de se libertarem revolucionariamente.

A escravatura bronzea do Amazonas não vislumbrou ainda a sua própria situação.

Os livros sobre a Amazonia são velários que se abrem escancarando literariamente aos olhos embriagados pela civilização, o panorama trágico da Vida sem rumo na maior bacia hidrográfica do globo.

E a literatura fa-los esquecer de que a pincelada cerebral que os deslumbra teve por tinta indelevel a

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

realidade bronca da mais vasta região da interlandia patricia.

As medidas administrativas para aquelas zonas são repulsivas e crueis demonstrações de ignorancia publica.

A téla milimetrica e o pano de mosquiteiro, factores basicos de defesa do Homem do Vale, já que a quininizacão preventiva é uma pratica scientifica agonizante e a policia de focos é quasi impossivel dentro de meio seculo, tem sobre si, impostos que os distanciam do pobre agoniado da selva.

As companhias nacionaes de navegacão, cariadas por direcões consecutivas, asteniadas pela politica, reduzem as linhas mensaes afastando mais do resto da Patria, do continente, do mundo, o meio milhão de homens que teimam em cavar a terra para cavar a vida.

E as verbas orçamentaes já de si tão exiguas, são amputadas mais ainda, ao talante da politica setaria, ao léo das divergencias pequeninas, que, de tão diminutas na estatura inter-individual, avultam e corroem pelo mal coletivo que provocam.

VI

Foi pois a borracha quem creou a instavel con-

ESCRAVATURA BRONZEADA

gregação racional das ribanceiras. O fenomeno do estrogleforlaifismo traçou em diretrizes vinculadas e cromatismos gritantes a tela psicologica do abandonado sangrador da hevea. O que o leva aos seringaes é a ambição soês da riqueza facil. A alavanca poderosa da conquista doirada, empolga-lhe todas as ancias.

O homem que sentia no sangue, a ferver-lhe urticariamente, o germe da aventura, ouvio falar de um El-Doirado prodigioso, irmão siamez da velha sedução mitologica que atraíu as velas pandas dos fenicios, fechou as asas brancas de sua jangada, e, com dois olhos verdes brilhando no rôsto bronzeo, deixou-se arrastar para o rebôjo.

A diluviandia abrio-lhe os braços longos, vegetaes. E cercou-lhe a vida com as falanges fulvas das onças e as coortes das serpentes. E sitiou-lhe a saude com o diabo jauno do plasmodio, que vem no beijo da Anofelina, intoxicar-lhe o figado e a alma. E sentinelou-lhe a alegria de existir com a desconhecida tristeza do vasto e do vasio... E quebrou-lhe a coragem com a exploração seringalista. E, um dia, quando o homem de olhar vêrde e rosto bronze, que era bom como a luz, que o brunira, sincero como o céu que o protegêra corajoso como o mar que o alimentara, se olhou num momento de nostalgica meditação, vío, horripilado, que estava máo como as parasitas circundantes, desleal

como a traição dos outros iludidos, covarde como o morbido servilismo dos condenados á sevicia. Vio que era preciso lutar. E lutar só, sozinho, contra a terra, o ar, a agua, o homem. Defender a vida da crueldade do ambiente. Defender a familia da voracidade genésica dos patrões. Defender tudo, defender sempre, defender incançavelmente, até a propria dignidade, contra o aviltamento do calabrote glossiforme e babão.

E, no entanto, nessa luta em defensiva eterna, ele quasi sempre cede. Cede com o paludismo que o mata agoniadamente. Cede com a familia que se dispersa em digressões sexuais. Cede com a propriedade que se extingue, alienada pelo vampiro. Só com a dignidade, essa derradeira flamula redentora, que móra no ultimo e absconso escaninho da alma humana, capaz de transformar o pitecantropo de Grenele no vencedor de Wagram, ele tenta reagir, mas a sua energia baqueia ante a mordacidade da bruteza inimiga. E, como Bonaparte no Amor, éle encontra a vitória na fuga. A fuga que diminue o carater quando iluminada pela civilização, que identifica a altivez no silencio da selva. A fuga que precede á futura congregação dos braços amazonidas. Dessa luta se evidencia o "animal gregário" de Trotter. Cada qual com diferente diretriz combativa. Com diferente maneira de agir. Com gesto diferente.

ESCRAVATURA BRONZEA

Na maioria esmagados, eles conservam entretanto, rastros orientadores de suas antigas constituições psíquicas.

Dir-se-iam alfarrabios praianos, que, batidos pelos pélagos do sofrimento, mostrassem ainda, em vestígios, sinaes das festas aladas dos pernaltas ictiófagos.

A religião é, no cerne daquêle museu botânico heterocromo, um anestésico retardador. Ainda se está, no cenário das cabeceiras fluviaes, no periodo místico das bandeiras.

Dentro do seculo, nas lindes bafejadas pelo sopro quente de um trepidante progresso atordoador, a religião é uma inutilidade desprezível.

Dissolvente porque, estagnada no dogma, ela arremete em furia contra os denodados avanços da psicanálise perquiridora. O nome de Deus é, na selva, um visgo de exquisito prestígio aglutinante. A catequização não traz o indio, da liberdade da mata para a liberdade de uma civilização humana e equânime. Fál-o, ao contrario, um enganado construtor dos palacios burguêses.

O misticismo é um perigo no periodo rudimentar da ética e do raciocinio. E eis, porque, dela resulta, para o indio amarelento e apático, a resignação profunda e quasi indiferencial, que reúne nos mesmos blocos de estática, a todos os movimentos reacionários. Acuti-

lado pela perversidade dos patrões, correm os seringueiros para a fé. E nela se refugiam com a convicção de sacerdotes druidas. E se esquecem de reagir, atolados na Bíblia.

Entretanto, alé lá, chega o egoismo selecionador, que autentifica o apelido de Trotter: cada homem tem um fetichismo. Si Antonio Balbino, tem por padroeiro S. Francisco de Assis, Manoel Pedro, terá Sto. Antonio e o taumaturgo de Joaquim Tucano será Santo Anastacio. Contanto que cada um se distinga dos outros, na vida, na crença, na fé. O santo de um é inerte diante dos outros. Incapaz de bulir uma folha, enquanto o dele constrói mundos e desenrola prodígios.

Fanaticos e fetichistas, assim marcham os legionarios da Sombra.

Sugados pelo morcegão, a escabujarem como porcos selvagens no anonimato dos "barreiros"...

Presos á terra, ao chicote, á inanição, pelo cadarço de uma resignada melancolia católica, irmã da morte, parenta proxima do curare, dissensibilizadora de caracteres e de honras.

E' a legião da Sombra. Que não vê, não gosa, não sente, ignora, a luz infra-vermelha da moderna sociologia libertadora. Legião da noite. Fria como a noite. Tenebrosa e traidora como a noite. Sem luar.





A vida nova no «Nova Vida»



Quando os dois caboclos pisaram a terra do seringal de Jacinto Gazela, era, a treva, espessa e cortante. A viagem unira-os no mesmo sentimento de solidariedade, espontanea nas almas gemeas.

Do alto da muralha de aluvião uma voz grasnou: Quem é?

Um dos dois respondeu: — Juca Borba!

A algaravia deceu do alto, entrecortada de doestos e ironias cançadas:

— E' o tracajá! Eita! chegou o tracajá! Tu' andava longe, heim, tracajá?

Juca Borba pisou o macisso lerdamente.

O tronco normal, avantajava-se, á analyse, sobre os tócos de um par de pernas curtas e apiloadas.

No seringal, ele era somente o "tracajá". O móle, o lerdo, o abochornado Juca Borba, respondão contumás aos camaradas, choramingas e pueril quando o rêlho cru' bisturisava-lhe o costado largo.

Nem parecia o antigo corredor de restingas, nas competições hipicas insulares...

Era uma caricatura do passado.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

A voz trombeteou de novo, de cima:

— E vem cum mais unzinho, Ju'ca!

— E' um brabo pro coroné domesticá! Se chama Zé Raimundo!

Uma gargalhada de limas velhas estrepitou sobre os recém-chegados.

Já no alto do barranco, Juca, puxando Zé Raimundo pelo braço, conduziu-o entre olhares curiosos e apagados para o barracão. Casarão de madeira, telhado de palha, a residencia do chefe, parecia um rancho de presidio. Sombrio e antipatico. Subiram uma escada de páo a ranger. Entraram no quarto da frente.

Numa rêde, atolado como um lôrpa, embriagado de primitivismo e crueldade, caximbo a encher o ambiente do asco de um fumo bruto, os seios de uma cunhan a se derrearem sobre as suas coxas fortes, os olhos semi-cerrados, contemplando a dança humilde e pobre da torcida de querozene, Jacinto Gazéla postava-se, na atitude dos insenveis moraes sem coração, sem leis.

Ao fundo, um caibra, de carantonha retaliada de gilvases apertava entre os joelhos, um rifle "44", numa vigilancia muda, á tranquilidade do senhor.

O silencio durou meia hora.

A' primeira pergunta a voz de Gazela foi um ar-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

rastar de gonzos nos subterraneos de um castelo medieval: — O que quer?

Juca Borba falou, tremulo: — “Seu coroné, eu sou Juca Borba. Cheguei de **viage**, **pruquê** **truxe** mais um **trabaiadô** **prá** **vosmincê**...”

O mandão navalhou a narrativa do seringueiro: — “Porque você não estourou no diabo que o carregue, peste? Quem é esse lesma?”

Juca Borba deixou passar, entre medroso e atrapalhado, a onda de insultos obscenos e baixos. E respondeu: — E’ o Zé Raimundo... Ele **qué** **vi** **trabaiá** **cum** **sinhô**...”

— Quer mesmo trabalhar?”

— **Qué**, “nhô sim”...

— Vae amanhã para a estrada! A safra vai mal com todos esses palermas que eu tenho! Vá!

Os dois saíram. Ao raspar-se pela porta, Zé Raimundo olhou de esguêlha, para dentro da sala.

A bôca do caibra do coronel repuxava-se num esgar, entre gôso e perfidia...

II

O capataz apontou-lhe um trecho de taboa na paixiu’ba de um telheiro.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

Os dois, aprontaram-se para dormir. Mãos dadas em aperto amigo, eram uma especie de "Les deux voyageurs" de Florian, aqueles curiosos Thomas e Lubin, a se quererem e se trapacearem mutuamente, numa negaça fraternal. A figura tôrva, feiôsa do Bramintê, a manchar com a calunia a alma do bom irmão Rosimond, naquela extranha e simples fabulação de Fénélon, não encontraria éco nos dois corações que a miseria anastomosara solidamente.

Damon e Pithias, Orestes e Pylade, assim se constituíram eles no compromisso de amizade cêga.

Dormiram.

Lá fóra, entrando-lhes aos golfões até a medula, a humidade da gleba levantava-se em neblina, enrolando turbantes de seda cinza em redor das arvores e choças.

E de lonje, o urro da sussuarana, vindo da escuridão, estremecia coifas e sapopemas...

III

Um olho vermelho e fixo, das listras do levante, espiou o seringal, a se estremunhar sob a garôa.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

O dealbar da manhã, ourelada de vapores, era o prenuncio de uma jornada asperrima de canícula.

— Acórda, canalha!

A grita do capataz rebôou até o aceiro da mata.

Um por um, como espetros que se assanhassem, aos poucos, num lodaçal de necropole pôdre, ergueram-se os homens...

— Levanta, canalha!

Ao segundo berro do capataz, a horda dos condenados alvoroçou-se numa alarmada reacção.

E tomando enxadas e machadinhas, baldes e rifles, lá se foram por picadas diversas, embrenhando-se.

Aqui e acolá, o trecho sonóro de um Mozart despolido, subia de uma das gorjas rouquenhas.

Zé Raimundo e Juca Borba ficaram ainda alguns instantes, ajeitando no fundo do embornal de couro, restos de matalotagem...

Logo uma lamuria longa e lugubre boiou no ar tranquilo...

Miserere misterioso e maguado de algum menestrel sem nome...

Juca Borba não deu fé do refrão endolorado, tal o costume de escuta-lo.

Zé Raimundo, entretanto, arrepiou-se em curiosa perquirição. Chamou o companheiro para o caso.

O que seria aquilo? Algum tolhiço de homem a

A VIDA NOVA NO “NOVA VIDA”

mendigar migalhas ou o méro esgarrear do geral á sorrelfa, entre coivaras e prachuúbas?

— Juca, vamo vê...

— Vê o quê, dengoso! Então tú num inxerga quisso é algum malemolengo qui num aguenta o repuxo?

O coração do orfão, ex-presidiario do sacado, constrangeu-se em primitivas benzeduras misticas.

Nietszche teria rasão se escrevesse a sua revolta-da filosofia, visando o desambientado arpoador de tartarugas. Porque aqui, no cerne da tessitura botanica, a caridade é sempre uma virtude covarde.

“Hodie mihi cras tibi”, assim murmurava o venda val selvagem, solto, cêgo e louco, entre a ciranda in-sone dos mulateiros até a quietude beatifica dos mururés.

— Juca, vamos vê...

O outro atendeu. Largaram os que fazêres e enfiaram na orla fechada do matagal.

Logo á entrada estacaram: — numa clareira o quadro: o dismorfismo de um trapo de gente, embrulhado em si mesmo, alojava-se no diedro das côxas unidas, ossudas e diafisarias, na attitude intra-uterina dos pitecos. A grade costal presidiava-lhe os pulmões chupados, entre os quais um coração aritmado e cruel, teimava num batimento retardado e impiedoso.

O conjunto sobrevestia-se da aparência repulsiva

dos vomitos. E, de uma perna descarnada, os beiços sinuosos de uma leishmaniose, sopravam fetidêz aos ouvidos de uma chusma de moscardos putrivoros, zumbidores.

Os dois entreolharam-se.

O primeiro gesto de Zé Raimundo foi abaixar-se para consolar a posta de carne mal-cheirosa.

Juca Borba travou-lhe o braço.

— **Vambóra, Zé! Ocê num cunhece isto pr'aqui! O'ia o capataz!**

— **Quar nada! Intão eu havéra de deixá um pobre de Cristo desse padecenu sozinho?...**

O outro então repetiu:

— **Vambóra, Zé! Vambóra...**

— **Juca Borba!**

O vozeirão do capataz ecôou como a trovoadá proxima.

— **Vambora, Zé! Sinão nós tamo mal!...**

E puxando o outro pelo braço internou-se num trecho da sanga, atraz de uma agávea gigante, a espiar.

Minutos depois surge o capataz na clareira. O relho pendia-lhe da mão como uma arma tôrpe.

Viu o doente a gemer e derramou sobre aquela dôr infinita o infinito de sua atrábilis nefasta:

— **E' esse cão do Mané Gato! Levanta, molengo!**

E o chicote, reptilico e voluvel, colubrejou um se.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

gundo e lambeu, laçoonte miserrima, o destroço humano.

Um ronco de porco bravío respondeu ao golpe.

E a suplica foi humida e pre-tumular: — Num posso, chefe!

Um olhar imenso de desespero, um olhar sintese de todos os olhares desgraçados da Terra, fixou o riso sardonico do mandão e voltou-se subito para a bôca maldita da ulcera que lhe solapava o membro inutil.

— Isso não é nada, moloide!

E o chefe escavacou com o cabo do calabrote o buraco sangrento e negro.

As mutucas que almoçavam no cancro, voaram incomodadas.

— “Você perciza é curá isso!

E tomando, rapido, o frasco de cachaça do cinturão largo e rude, derramou sobre os tecidos lacerados.

Mané Gato bufou, num desalento e perdeu os sentidos.

Perto, ocultos na touceira, os dois seringueiros apertaram-se as mãos, algidos e horripilados.

Zé teve impetos de estrangular aquela besta bruta. O outro conteve-o.

E quando o capataz desapareceu no varadouro, ergueram juntos a cabeça aljofrada de suor gelado, do

moribundo e deram-lhe um pouco de orvalho, dormido no calice de uma campanula selvagem.

Ele bateu os labios brancos, quiz olhar um segundo e os olhos estagnaram-se em mica. Estava morto.

IV

Esse cartão de visita fôra para o antigo sonhador de praticagem, de uma rudêza crudelissima.

Uma impressão baixo-relevada a cauterio impiedoso, crispara-lhe o intimo nobre.

O que era a Justiça? Onde estaria a lei? Por onde morava a solidariedade humana e a harmonia social dos trabalhadores?

Zé Raimundo sonhava com o germe disso tudo, e via, de roldão, despencarem como frutos pôdres, todos os seus nobres sentimentos.

Sem conhecer geografia, não podia o incola avaliar a distancia apavorante que o afastava da cidade-grande...

E, por uma intuição toda especial, (o assassinato paterno dera-lhe uma experiencia filosofica da vida,

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

desalentadora e desconfiada) ele pensou que nas capitães os raros juizes integros e bons eram escorraçados como ele na sargêta anonima das perseguições mendazes. O potentado não tolera a justiça cega. Arranca-lhe a venda e tilinta-lhe sob os olhos as mancheias de libras esterlinas. Na maioria das vezes, a deusa maleavel requebra as ancas no desvairo loiro e despeja-se no "cancan" servil. Ai! daquela que tiver congenitamente as orbitas vazias. Essa sofrerá até a deserção o acicate perfido do polvo e o sitio asfixiante dos alarves. O caboclo acertara na tele-visão animica.

Cada vez que a vida lhe desvendava um trecho de sordicie humana, ele, por um fenomeno psicologico vulgar, se sentia mais só.

Ibsen falou: "O homem mais forte é o que está mais só."

Zé Raimundo estava cada vez mais isolado e cada vez mais fraco.

Mas se o rio fugia, se as nuvens fugiam, se as ilhas mudavam-se, se as margens viajavam, se tudo era volúvel na vasta fuga geologica, por que não haveria de reagir, fugindo, o caboclo de bronze?

V.

Depois da morte do Mané Gato seu destino moldou-se num cadinho de pús.

O “Nova Vida” era um seringal enorme, feito de varios assaltos, pelos flancos e pelos fundos. As suas “estradas” de seringueiras, picadas abertas na mata pelo sangrador da hevea, eram numerosissimas.

E além de numerosas, arriscadas e sinistras. Proximo de dois lagos onde viviam jacarés, se abeberavam canguçu's e rondavam sucurís, o ingresso no seu seio, era uma aventura cinegetica e uma pagina inesquecível.

Zé Raimundo estranhara a vida de seringueiro. O pescador é um filosofo itinerante. A sua coragem se pauta nos duélos com as forças sideraes. O seringueiro é um lutador alerta e insone. Por todo o lado, a cada pisada, em cada volta de varadouro, detrás de cada tronco, espera ele o ataque da onça voraz e herculea, o laço da giboia escorregadia, a agressão da cascavel fulminante ou da jararaca aleijadora.

Quando, nas cidades deslumbrantes dormem os operarios ou iniciam a vida os boemios estétas, á meia-

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

noite, lamparina fixa á testa, balde na mão, rifle na costa, terçado na cinta, embrenha-se o proletario amazonico na selva dantesca.

Pensa, proletario do sul, que um teu irmão, perdido num trecho imenso do teu Paiz, entra á meia-noite, num reino vegetal, no qual tú, tremulo, recusarias entrar ao meio-dia.

Até o amanhecer, ronda o operario da borracha.

Uma noite, Zé Raimundo entrara na "estrada", contrafeito, com uma repreensão estúpida e brutal do "coronel".

Todo o seu ser agitava-se na angustia de digerir, pelo pavor, as respostas altivas sopitadas.

Sentia-se emasculado diante do Sátrapa. A furia esmordaçava-lhe o brio. Pisando firme, cercado pela aureola fragil da lamparina, avançava pela floresta.

Uma desatenção grosseira não avulta nem minhúa o estado euforico de um carater vil.

Para Zé Raimundo o gesto do patrão resumava a insulto grave.

Era o primeiro, tambem.

Ao seu passo, a mata rangia no folharal ressequido e amontoado.

Aqui e além, a carreira rapida e rastejante de uma surucucú ou o chocalhar fugidío de uma cascavel saciada, arrepiavam-lhe os sentidos.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

Engatilhava o "44", solerte,

E avançava. A noite escuríssima, escoimava-se de toda a luz vacilante das estrelas, trancada sobre o homem como um docel heraldico e botanico, no abraço dos caules poderosos.

De repente o assovio do vento pinchou na cabeleira dos paudarcos. Um uivo longo e fino silvou, esbatido nas tronqueiras, sobrevestido de um golpe de ar gelado e retaliante. Meia dúzia de quadrupedes assustaram-se no ímo verde.

O caboclo não conhecia aquilo. Estacou. Por cima dele, um oceano de braços vegetaes como epiléticos, na sarabanda do vendaval. Por baixo, os animaes minúsculos e as cobras esguias procuravam as tócas estonteados.

O assovio era agora um gemido de maquina gigantesca. Os arbustos vergados até o chão, prostravam-se humílimos. E os troncos rijos dos acapu's e o caule forte das sumaumeiras tremiam como covardes ante a surra indomavel dos elementos. De quando em quando, pela aberta do teto verde, Zé Raimundo olhava o céu e o via, uma ardosia assiria, colubrejada de instantaneos rabiscos cuneiformes eletricos.

Desencadeara-se o ciclone.

A tempestade no rio faz medo. Zé Raimundo co-

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

nhecia a raiva potamica sob o chicotear artaxerxêsco da procéla.

A tempestade na floresta amazonica assombra. O rapaz ignorava o furor dos caules formidaveis, descabelados pelos grifos alucinados do vento solto, descido do pincaro dos Andes para a ciranda fantasmal da jangla...

A mataria inteira rugia como um rebanho de leões famintos. E os estipes arrancados nos risomas e os vegetaes de raizes pivotantes e os cernes de raizes adventicias, descobriam-se á superficie do solo, derrubados como bonecos, no azoinar tresloucado das correntes aéreas.

O caboclo procurou abrigo. Vio um ôco de pau, abandonado pelos gambás. Meteu-se nêle.

A's chicotadas da tempestade, nas cabeleiras desgrenhadas da selva, juntavam-se as rebencadas fulgures dos relampagos num céu de grafite, como se milhões de Listz, de melenas verdes e revoltas, berrassem, num concerto estupendo, entre o tumulto livre de suas cavalgadas sonoras, um delirio de mazzepas...

Os trovões continuos bombardeavam o resto de coragem dos ultimos felinos. E de vez em vez, aturdidas como pacas, onças enormes, de olhos faiscantes, surdiam nas clareiras, assombradas...

E aos trovões do céu, irmanavam-se na ronda in-

fernal do pavôr, os trovões da terra, respondendo ás quedas das itiubas gigantescas, abraçadas de cipós.

Súbito, no apice de uma castanheira altissima, brilhou um penacho rapidissimo de luz alva. A selva vestiu-se de branco num segundo. E um estampido aterrador abalou as raizes e as almas. A arvore fendida no meio pelo corisco, indecidiu-se primeiro como um ser agonico e depois, morta, despencou para os dois lados, comprimindo, reboando, estremecendo, destruindo...

O vendaval durou uma hora.

Com a calmaria saíu o caboclo da tóca improvisada.

Não havia mais varadouro nem vestigio de estrada.

Um cáos de gomos e de caules, uma abracadabra de troncos e de lianas, uma confusão de cipós e de espinhos, fechavam a vanguarda e a retaguarda. Tinha-se a impressão de que uma esquadra incontavel de aviões tivesse despejado sobre a terra milhões de granadas destruidoras.

Zé Raimundo olhou o quadro e não desanimou com a natureza.

Pacientemente puxou do terçado e reconstruindo o caminho percorrido, voltou.

VI

A jornada de retorno soubera-lhe ao travor das incursões dantescas. A desobstrução da picada fôra uma obra titanica e perseverante. Escalavrado como uma anta enraivecida, cortado de tiririca e gretadas as mãos pelas agulhas das taquaras, Zé Raimundo surdiu á clareira do barracão como um evadido da clevelandia: o olhar chispante, respiração fragmentada de jaguar exausto, o todo de quem foge de um antro crimini-geno.

Vê-lo nesse instante, seria encarar, em fidelidade fotografica, todo o drama pungente do campeador amazonico.

Alguns companheiros receberam-no em galhofa crepitante.

O contubernio do seringal transforma os homens em titeres hugoanos, a rirem aciduladamente do proprio doloroso ridiculo.

— **Entonce, Zé, tu vem qui nem touro dispois do barúio cum as onça...**

— **Vão istourá nos infernos, dialhos... Ocês num**

são homis... Si ocês tivesse pegado o vendavá que eu peguei tavam prá i qui nem jaburús...

Uma gargalhada rascante de entrosagens usadas abraçou a indignação do caboclo.

— Ora, o Zé num tá costumado a essas batáias... Zé Raimundo mergulhara na onda de ironias mordazes para boiar adiante, em frente á silhuêta do capataz.

Encarado o chefête, estremeceu-lhe o cerebro á espera do aleive.

— Bêsta!

Zé Raimundo perfilou-se. Uma onda de sangue subiu-lhe aos olhos e escorreu, incoercível das ranhuras dos golpes.

— O “coroné qué lhe falá, molengo!

Confrangeu-se o coração do pobre seringueiro. Falar com o “coroné” era mesmo que esperar, na rebelia do seu odio, um fim grotesco e tragico.

Jacinto Gazela não chamava por pouco cousa. O que teria feito ele? Onde andaria Juca Borba? Que eram dos seus ideaes e do futuro que ele anciava, de ha muito?

Caminhou para o barracão, cabisbaixo e renunciativo.

A’ escada tosca do casarão, recebeu-o o cariz bandalho do “caibra”.

A VIDA NOVA NO “NOVA VIDA”

— “Seu coroné qué lhe falá... Entra...

O caboclo entrou.

Gazéla, como sempre, balançava-se na rêde de tucum.

Quando cruzou o olhar sinistro com o do trabalhador, a boca se repuxou no sorriso indefinível.

O queiroptero farejava alguma cousa. Seria a tarrafa ou o arpão?

Falou:

— Zé Raimundo, você vai para a lenha, ouviu? Você não dá para a seringa... O seringueiro é um homem forte, corajoso, obediente, honesto...”

Os seus olhos olharam o chão. Em torno do desgraçado a paxiúba do soalho pontilhava-se de sangue, caído em gotas das unhas rasgadas pelos aculeos.

— E’! Você vae para a lenha! E não me desiluda, Zé Raimundo! Vá!”

O cabôclo que ouvira o patrão de cabeça baixa, levantou os olhos para agradecer-lhe aquilo que ele julgava um troca generosa.

O sorriso cortante do “coronel” travou-lhe a voz. Rilhou os dentes e, em silencio, saiu do barracão.

A primeira pessoa que o recebeu fóra foi o Juca Borba.

— Intão, cumpanheiro, escapaste do temporá!

A alegria do outro, em vê-lo, comoveu-o.

— Sim, Juca! Quasi vou, mas Nosso **Sinhô** é bem **sirvido!** Agora vou **deixá as tá** de “istrada” e vou pra lenha! Agorinha **mêmo** o “**coroné**” me **ordenô.**”

As feições macissas do marajoára contraíram-se numa longinqua invernada de angustias...

Zé Raimundo extranhou:

— **Qué é isso, cumpáde? Ocê ficô triste? Intão num vô pruma vida mió?** Isso de **andá sobresartado cums bicho da mata enveiéce dipressa home!**

— **Num é vida, Zé...** E’ a **diminuição...** **ocê num cunhece seringá...** Os **cabra móle, os individuo safado é que vão pra lenha...** **Num se insurta um home an-sin, Zé...**”

Zé Raimundo não conhecia o mecanismo psicológico do seringal.

No espinhaço social de um barracão, existe a vertente divisória dos rios humanos.

Para um lado correm os bandeirantes, os exploradores da floresta virgem, os conquistadores da mata densa. Essa caudal despeja-se para o interior, e fura lagos, vara os igapós, afronta a morte, pela vida e pela fortuna dos patrões.

Para o outro lado decem os alquebrados, os timidos, os preguiçosos.

Esse manancial corre para a margem, alinha-se

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

na orla, á espera dos navios, para alimentar-lhes as fornalhas, com a lenha combustivel.

A promoção desta horda para aquela, nobilita e conforta. E' um galardão para o obscuro incola. O rebaixamento daquela para esta amesquinha o forte e mancha-lhe o renome.

— Mas, Juca! Num é mió cortá lenha?!

— Nada, Zé... E' a mêmra danação, até pió, ás vêis...

Na seringa nós temo hora... Aqui quarqué machambomba que cruze o rio tá pidindo lenha, e tu' tem qui acordá pra conduzí! E o chuvará? E os estrépe? E os piuns qui só gosta de beirada? E o barúio qui us cumandante fais cum os pobre. Dispois os outro cumeça a ti oiá cum disprêso... Tú num sábe o que é isso não... E' pra ganhá o que? Miséra...

Zé Raimundo escutou a ponderação amiga do outro, indignado...

Ele fugira para não se deixar vencer pelo monstro geologico; fugira para não capitular ante a hidra potamica; fugira para esquecer o passado agonisante. E o presente lhe era tão doloroso como ele! E a féra humana era mais cruel que o Grande-Rio e a Terra Misteriosa...

Recuar? Era impossivel. O coroné não dava duas ordens...

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

Desconsolado e pequenino, com um vasio de solidão em torno de si, fragil como a casca das ubás, o cabôclo abraçou Juca Borba e teve prantos nalma.

A sua fisionomia impassivel, porém, voltou-se para o barracão e prometeu num silencio fecundo qualquer coisa de mistico e de feroz...

VII

Uma especie de cacogenia se opéra nos meandros intrincados da Amazonia. O elemento eugenico desaparece com as agressões morbigenas. O elemento cacogenico surge desses escombros como o remanente de uma guerra biologica que tivesse tragado todas as energias.

A formula sociologica: ignorancia mais doença igual a crime, faria de Zé Raimundo um semeador de cruces.

Essa formula fica bôa para a charnéca, para o geral, para o taboleiro, para o pampa, para a serra... para o resto do Brasil...

Na Amazonia, ela falha como um prestidigitador

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

insone... Porque a ignorancia, aqui, se dissolve no mesmo anonimato, com um misticismo pueril e fantasmagorico, impregnado de todos os fantoches evadidos de um inconciente de milhares de anos e contaminado por uma natureza impressionante e amedrontadora, que cria, pela propria grandêza, a mitomania do selvícola. Porque a doença aqui não é só a verminose patricia que irrita e desanima, nem a sífile sozinha, cujos avatares iludem á propria argucia hipocratica, nem a contaminação palustre banal e endemica, que faz tremer de frio, faz delirar de febre e afoga de suor.

A doença na jangla é um problema sinistro. Vem em legiões. E sitia de uma vez. E a avaria mergulha no liquor e prepara as devastações neurolisantes da encefalite difusa; a helmintiasse assalta o intestino e degrada o organismo nas hemolises profundas; a plasmodiose chafurda-se no figado, tocaia-se no baço, pro-teifica-se numa sintese sintomatica, e exaure o desgraçado na hematuria ou corrompe-lhe o raciocinio na confusão mental. Isto, além da leishmaniose, do "purú-purú", da ulcera brava e das cirrósés alcoolicas frequentissimas, cujo tristissimo cair do pano é a hidropsia irremediavel e fatal.

Tudo no quadro fisico. Porquê, a moldurar-lhe as lindes, surge a inconsutil nostalgia do longe, a absorvente vontade de ser só e ser rico para evadir-se, a ex-

traordinaria molestia abúlica que vem no perfume das flores e no voluvel evolver do ambito enorme. O doente amazonico, acovarda-se e submete-se. O seu crime é o resultado de uma formidavel eclosão interior de insondaveis complexos coagidos. Só depois de um drama intimo, shakespeareano, resolve o seringueiro ser hostile. Ahi então é ele empolgado pela sanha maldita e rumina o crime como um boi para realisa-lo como um tigre.

Zé Raimundo representa esse homem, bom como as minorias, dentro de um ambiente numericamente superior: perverso e sadico.

VIII

Puuuuuu... Puuu... Puuuuuuu...

— Navio, Zé! E é do J. G.! Vem carregado que nem mucura preha!...

— E' o "Curuçá", seu mano! O palheta de ouro! Eta, negrada!

Agitou-se o beiral do "Nova Vida".

Trabalhadores semi-nús, andrajosos e descalços,

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

pincharam pelo terreiro batido de massapê. Houve uma alegoria efêmera de satisfação.

Juca Borba lambusou-se no próprio contentamento como um coati... O seu torso tostado salamandriou na sinergia dos músculos fibrosos.

Derredor o monte de lenha sêca, os trabalhadores esperavam atentos, a manobra do barco. O "Curuçá" meteu o diedro da prôa para o barranco e guinou rápido para a esquerda. O flanco derrapou na agua remançosa, o sinal trilou na aberta de estibordo, e o "palheta de ouro", as helices convulsionadas em marcha-ré, estacou marcial.

— Amarra!

A manilha, fina e resistente, vôou como a cobra papagaio para a margem. Dois minutos depois, a prancha refocilou no lameiro.

Só depois do navio atracado surgiu no humbral do barracão a caraça sorridente do Gazéla.

Os carregadores abriram alas inconcientemente.

O "coronel" atravessou o terreno, erêto e solene, seguido pelo caibra. Do seu pulso, descia como u'a lingua ofidica, o calabrote torcicolante.

O comandante do navio, debruçou-se no portalló, elegante: — Como vai, Gazéla?

— Mal, mal, comandante! Esses palermas não pro-

dusem nada e o seringal vai num abandono de meter dó!

— Qual o quê, coronel! O senhor está rico! Vejam só que lenha ótima!

A apontou para os officiaes o amontoado de madeira cortada, na orla.

Gazéla pisou a prancha lisa, limpou o tacão das botas enlameadas e antes de entrar no navio, grasnou para os homens, que, inermes, lhe esperavam a ordem: “Comecem, lôrpas!”

Formiguejou a prancha.

O patrão perguntou do tombadilho:

— Quantas, comandante?

— Oito mil achas chega... Eu trago a fornalha sortida...

*

* *

Era nos idos de março, ao agonizar dos aguaceiros torrencias. O barro pegajoso escorregava como o criterio dos politicos de igreja e os pés gretados dos trabalhadores enterrava-se na tabatinga vermelha. Ia baixando, como um requiem mirifico, o crepusculo aureolado de sonhos e habitado de cismas.

Breve a prancha era uma ponte onde se tivesse esfregado vaselina e urucú: lama e sêbo.

A VIDA NOVA NO “NOVA VIDA”

De dez em dez achas, os pobres homens esqualidos e sérios, atulhavam o bôjo do vapor. E a voz do controlador marujo acompanhava-lhes a obra:

— Um—dois—tres—quatro—cinco, talha!

E recomeçava a contagem e o transporte.

De vez em quando, deslocados pelo falseiamento de um tóro, despencavam de roldão os troncos decepados. Um ou dois pés esmagados sangravam. O protesto era surdo:

— **Diacho!**

E o trabalho recomeçava com o sangue a gotejar pela prancha lisa e longa.

De outras vezes era um estrépe:

— Arre, peste!

E uma dextra calosa arrancava o espinho de madeira, deixando o furo vermelho onde festejariam as mutucas e os microbios...

E continuavam o trabalho.

— Talha!

A voz do marujo era agora um refrão sentimental na noite densa que tombára.

Alguns passageiros, assistentes do serviço exaustivo, recolheram-se.

Zé Raimundo, no meio da turma havia carregado já a decima lingada de lenha quando a voz do João Pula-Moita vaticinou:

— Depressa, que temos chuvada grossa, pessoá!
E é pra já!

Tamborilou a agua na aniagem do toldo. Tiqueta-queou no dorso quieto da caudal e breve rebôou mata a dentro como um diluvio biblico.

Peorou a situação. Se a lenha sêca estrepava, pesava, maltratava, a lenha molhada pesava mais, estrepava da mesma forma, maltratava mais ainda. Se o barro fugia sob os pés, horas antes, agora era um prodigio de equilibrio o se manter de pé.

Zé Raimundo encharcado de chuva, cançado como um asno de feira, suando por todos os póros, os pés esmagados por dois golpes da lenha, as mãos eriçadas de estrépes, sangrando e a coçar pela mordedura dos milhões de mosquitos vorazes que volitavam pela margem, juntou um blóco de achas e enfiou pela prancha. No meio, o pé esquerdo falseou na borda, o direito es-
corregou na lama oleosa, o feixe de lenha perdeu o fio de gravidade, o corpo atletico vacilou e o caboclo desabou com a madeira, ponte abaixo, mergulhando nagua terrosa e gelada, sob a chuva, sob a braçada de achas, sob a noite escurissima, entre o casco e o barranco. Os homens paráram o serviço. O berreiro chegou até o “coronel”:

— Zé Raimundo caíu! Acóde, gente! Ze Raimundo caíu!

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

Gazéla apareceu no portaló, como um gigante. A sua silhuêta avantajava-se sobre si mesma, vacilando á luz bruxoleante da candeia.

— Que é de Zé Raimundo?

O caboclo, ferido pela queda e pelos golpes sentara-se no barranco, meio aturdido pelo chóque.

O capataz respondeu: —

— Istá ali, num pé de páu, disque discançando, coroné!

O "chefe" arrematou, cortante:

— "Endireite" esse homem, capataz!

E entrou no camarote de comando.

O subalterno fez um gesto e o rêlho silvou no lombo do rapaz. Zé Raimundo levantou-se de chôfre, mais de dôr que de raiva, porém, as mãos acezas do "caibra" do coronel retiveram-no jarretado.

O rebenque subio mais de dez vezes e mais de dez vezes deceu com violencia.

O ex-pescador, que tantas vezes domara o rio, a mata, a natureza, dobrava-se em corcôvo, sob a humilhante lição do chicote traidor. Teve ancias de chorar alto, bem alto, toda a sua indignação sem fronteiras. Todo o seu absoluto desalento interior, feito de desilusões sem balsamos e altivezas sem rumo...

A garganta fechou-se num constrição difteroiide. Os olhos pularam como filhotes perseguidos, e

uma baba grossa deceu-lhe dos angulos orbitarios, quente e corrosiva...

Lá em cima, o capataz e o "caibra" empurraram-no para a paxiúba do telheiro, como um trapo. Depois de uma ultima rebencada, retiraram-se assoviando...

E como um trapo, enrodilhado como u'a vibora, lanhado pelo rêlho, sangrando por todo o corpo, os dentes em cremalheira, a alma escaldando a fugir-lhe pelas palpebras cerradas, tôrpe perante si mesmo, arruinado como um simbolo pagão, deixou-se ficar o caboclo, na sonolencia toxica do odio impotente.

De lá de baixo, do navio, como um refrão nostalgico e cançado, a voz do marujo boiava na noite húmida:
— Talha!

IX

Dez, vinte, cem, tantas foram as vezes que o vergalho, volutuoso e cruel, lambeu cínico, o dorso comburido do Raimundo.

Acostumara-se ele, como os outros, á sevicia mendaz.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

De rastros, tal era a ordem. De rastros andaria ele, seguido de perto pela cutilada ferina do xiquera-dor lambão. Ingressara definitivamente nas fileiras cabisbaixas dos calcêtas. Mal ouvia a voz do Gazéla, já todo ele se sacudia num tremor malsão. Dir-se-ia possuir um "virus" a figura tragica do "coronel".

Guynplain era um miseravel porque não podia deixar de rir... Gazéla era o contrario.

Zé Raimundo alistara-se na legião da sombra. De quando em vez, não raro, lá estava ele a vociferar bebado, até que o guante do capataz lhe amordaçasse a palreira. O alcool completara o ciclo compressor da ignominia. Só caminhava com o ferrão da surra. Só raciocinava intoxicado da beberagem. Só era homem quando estava só. O silencio da selva injetava-lhe um pouco de energia espiritual. Reagia. Tentava voltar ao que era, mas o cariz do "caibra", o rêlho do capataz, a navalha sorridente do "coronel" faziam-no rojar-se de bruços, na sordice aniquiladora do servilismo...

Uma centena de embarcações já havia ele atulhado de combustivel vegetal.

Centenas de vendavaes, de aguaceiros, de trovoadas violentas, de madrugadas horriveis, surrado sempre, golpeado vezes sem conta, retaliado de gilvazes, haviam rechassado para o andar terreo do seu psiquismo, todos os rudimentos de cavalheirismo e de dedi-

cação. Era um fantoche. E, como os fantoches, sobrevestia-se do lucilar de suas pupilas, que se acuavam como onças no fundo das orbitas empapuçadas. Era um automato. E, como um automato, atendia somente ás imposições selvagens dos chefêtes.

Se ele se olhasse na platina translucida de um pouco de orvalho, espelho agreste do seringueiro, guardado na flôr sangrenta do abacaxí, haveria de desconhecer-se a si proprio.

E choraria.

X

Quem nunca assistiu a “friagem” nos altos rios amazonico, ignora um dos aspêtos mais impressionantes da climatologia sul-americana.

E’ assombroso o desenrolar do fenomeno.

Precede-o um calôr inenarravel. O termometro sobe a 40 grãos á sombra. Asfixia.

O ar é uma baforada de maçarico incandecente. Fremem as aguas e as arvores, na ciranda do mormaço em fogo. Sarabandas de tremulinas fantasiam danças no ambito parado como um monolito. Semêlha o

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

espaço tórpido um pulmão gigantesco em cujos alveolos não restasse mais vestigio de oxigenio. Tem-se a sensação da morte proxima. Depois da prostração brutal, como se adivinhassem a agonia cauterizante, a flora e a fauna, os peixes e os homens, se agitam estonteados, á procura do ar que parece subir ás camadas mais frias. E' o prodromo dramático do fenomeno.

Súbito, uivam as grenhas verdes dos mulungús... As castanheiras bracejam, altissimas, em adeuses esmeraldinos... Uma corrente fria açoita a terra. Do sudoeste, oriundos do espinhaço dos Andes, em galopada triunfal, macissos enormes de nuvens, rolam como vagas nebulosas e plumbeas. O oceano gazoso despenha-se dos corucheos da cordilheira, como tapetes gelados sobre o Vale. Em minutos, muda o cenário. A rapidêz é incrível. Vê-se a queda da coluna mercurial. Num quarto de hora, a temperatura cáe de bôco no deposito termometrico. Cinco grãos acima de zéro. E tudo treme de novo. Mas, ao contrario. Agora é o frio glacial que tutuca as mandibulas e alija os quadrupedes para o fundo das tócas invadidas. O ar gelado perségue dentro das casas, nas alcovas, nos leitos, sob os cobertores, sob as roupas, sob a péle...

E fóra, pelo ar, milhões de setas imponderaveis e golpeantes, cortam a face, os labios, as mãos, entre-

vam os joelhos, ancilosam as articulações, enregelam e matam, às vezes.

Como se tangida pela mão de um genio, a paisagem senegalêsa veste-se das roupagens do Spitzbergen...

Dura uma semana, duas, tres, dois mezes, com interregnos curtos ou 48 horas somente.

Súbito, levanta o tempo, as ondas frigidias dissolvem-se nas regiões superiores, as nuvens sobem e se dispersam, o vento cessa bruscamente, a garôa deita no chão, o horizonte clareia e se azuleja, o céu volta á translucidez primitiva e, surgido detraz do "ensemble" hiperbóreo, o sol amazonico, vermelho e cauterizante, medalha de oiro a condecorar o heróe anonimo da Hiléa, combure tudo, requeima tudo, cresta as folhas e o teto das palhoças, cobreia o rosto das gentes e a melena medieval dos arrozaes.

Vê-se do mesmo jeito a acensão da onda mercurial. O termometro volta em outro quarto de hora á primitiva posição de testemunho do clima sahareano.

Os 40° á sombra retornam de novo para depois baixarem lentamente para 38°, 37°, 36° grãos. E estacionam aí, permanentemente, arrastando na sua arrancada termometrica, um séquito funebre de bronquites pneumonicas.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

XI

E' facil de imaginar a angustia de um homem defendido pelos agasalhos e pelo lar, diante dessa estranha e fulminante volubilidade climaterica. Mais facil ainda é conceber a situação de um seringueiro, esmolambado, a morar numa palhoça, sem paredes, com um tétó de palha esburacada, diante da "friagem". E melhor ainda de compreender se torna o fáto, se collocarmos esse seringueiro, semi-nú, torso espôsto ás intemperies, os pés nús, calçados pela lama, a cabeça molhada de garôa, a carregar madeiras, sob a impiedade do fenomeno.

Zé Raimundo sentiu pela primeira vez esse supremo desconforto. A' depressão moral que o lançava como um gnomo na ronda fantasmal do desespero, sobrepunha-se a tortura fisica que o desmemoriava da felicidade.

Uma tarde, suado como um pôtro, esgotado pela fadiga e pela escassez alimentar, carregado de achas que encheriam os porões do "Manauense" surpreendera-o o latego algido, inicial da transição atmosférica.

Breve, assoviava a selva e amarfanhava-se o rio, no inteiricamento da “friagem”.

A temperatura infima, amesquinhava-se mais com o baile retaliante da garôa rapidissima.

Gazéla, vendo a indecisão dos homens, enguiçados como motores pela penetração do frio na intimidade articular, gritou-lhes:

— Vamos, cobras! Continuem o serviço! Isso de frio é pra gente frouxa! Vamos!

E para o capataz:

— Distribúa cachaça!

E entrou no barracão tiritando...

O alcool é um ótimo reagente para o homem agasalhado. Para o incola desnudo é mais um toxico que um estimulante. Logo, o suor de Zé Raimundo ficou gelado e desapareceu.

Os labios secaram como cascas, as unhas ficaram rôxas, os pés engelharam como frutos passados e uma pontada aguda de um lado do torax fê-lo perder a voz. Quiz falar e aquela dôr aguda abafava-lhe o grito. A respiração ficou difficil. Ele até deixava de respirar para não acelerar a dôr cruciante. Uma febre franca assaltou-lhe as veias, uma angustia infinita oprimia-lhe o peito e ele caíu.

Arrastaram-no por ordem do capataz, para o te-

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

lheiro. Ao tombar no chão, a morbidez se havia declarado de todo.

O capataz vociferou:

— Isso é malimolência! Esse péste num qué é trabaiá! Esfreguem o vasio dele!

Zé Raimundo esturrava como um jacamim. Um antigo cortador da hevea, chegou-se até a beira do leito de taboas e diagnosticou para os circunstantes:

— Isso parece pineulúmia... Botem ferro quente nos peito dele...

Aqueceram um punhal até o rubro. E encostaram de chôfre, em lamina, no lado dolorido. O caboclo retorceu-se sob o cauterio atroz. Um cheiro de carne queimada subiu no ar, ele trincou os dentes, começou a suar frio e parou de gemer.

O velho mateiro tinha razão.

XII

Não fôsse a pneumonia uma doença ciclica e Zé Raimundo seria agora uma saudade bronzea. Mas o organismo resistiu ás agruras da molestia, esta com-

pletou o seu ciclo evolutivo e terminou em lise, sem outras complicações. E só e somente o organismo atletico do caboclo livrou-o da morte.

Porque a alimentação continuou a farinha sêca e o café e de remedios só viu ele uns infusos de raiz de andiroba que o Juca Borba achou para cural-o. E como esse infuso poderia ser tomada outra coisa qualquer que o resultado seria o mesmo: a cura pela propria reação organica. O abatimento, entretanto, depri-mira-o. Estava magro e ossudo. O tronco embora lar-go, mostrava aqui e ali, derredor a cicatriz do cauterio feroz, sinaes da devastação patologica.

Convalescente, entretanto, voltara obrigado para a lenha.

“Desgraça pouca é tiquinho”, assim filosofava o coronel.

E como quem minhúa, a desdita inominavel do rapaz, colocara-o no eito, á sombra de uma gameleira secular.

O canção, porém, não diminuiu com a proteção da arvore. Pelo contrario. No organismo combalido, a energia despendida cavara largos claros de visivel abatimento. O seringueiro devastado na arena moral, estiolava-se no quadro fisico. A decadencia somato-psiquica traduzia-se pela lentidão irremediavel, a me-

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

lancolia sem paredes, a intensa obsessão de um fim quasi comico e apunhalantemente tragico.

Contadas dez achas, arrumadas no hombro, vergado o tronco com o peso, passavam e repassavam os carregadores pela prancha limosa.

Desta vez era um "navio da linha".

Zé Raimundo nem procurava saber mais o nome nem a procedencia das embarcações.

Tanto se lhe dava ser um "gaiola" como um "vaticano", uma lancha ou um "regatão".

O canção não era o mesmo? Tres mil réis por milheiro de lenha despejado nos porões...

Carregar dez achas alentadas, cem vezes, num picadeiro, em declive deslisante, atormentado e mudo, tal era o trôco daqueles tres mil réis...

Pacientemente conduziu o caboclo a sua cruz macissa.

Havia dez minutos começara o trabalho. Anoitecia. Já a sarabanda de "carapanans" guaiava, num apu-po ofensor.

Para o levante, nuvens negras avançavam, preza-giando um diluvio máu.

Breve, sitiado o horizonte, desabou sobre a mata, sobre o rio, sobre o barco, pelo barranco, a tempestade liquida do céu.

Dificultara o trabalho. Apesar de tudo era preciso encher o “Índio do Brasil”.

O tempo póde esperar. O céu pode esperar. As enchentes, os “coroneis”, os barracões, a Hyléa, podem esperar.

A “Amazon River Steam Navigation Company (1911) Limited” não póde. São ingleses os seus horários. São ingleses os seus assaltos. São infames os seus “menus”.

E, apesar das subvenções, os seus prejuizos não podem aumentar.

O “Índio do Brasil” só estava esperando a lenha para zarpar.

A torrente pluvial desabava impenitente. Os homens, sob a chuva, transitavam na prancha, como grandes marsupiaes batidos da invernada.

Os molambos colados ao corpo, como esparadrapos.

A agua a escorrer pelo mento como barbas fluidas, impressionava como a “facies” de Isaias.

A voz do marujo, controlador, gemia no concerto atordoante do vendaval:

— Talha!

Os passageiros estavam recolhidos aos camarotes. Na cabine do escrivão, a luz aceza, funcionava um aparelho de radio. O temporal electrico prejudicava a rece-

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

pção de ondas. A chuva ás vezes auxilia. Da porta da cabine, aberta, via-se pelo vasio do escotilhão suspenso, a marcha sombria dos lenhadores. De vez em quando, uma descarga na antena. De quando em vez, o refrão do marinheiro subía em gotas:

— Talha!

O Gazéla estava a bordo. Viera buscar jornaes e novidades. O nome do Getulio, do Oswaldo, do Afranio, do Antonio Carlos, do Goés, andavam naquelas distancias de cambulhada com a castanha, a seringa, a tartaruga...

O "coronel" andava risonho. Dir-se-ia, quasi volutuoso. A borracha a 2\$000 e ele previa no ouro negro uma nova fonte de ambições e de prazêres.

E as narinas aflantes, ele palestrava entusiasmado com o imediato:

— Com que então o Getulio está fixo, heim?! Não ha constituinte, não ha revolução, não ha briga "que dê geito"! O homem "chupou" tudo!...

— E' verdade. Tambem, para um povo como o nosso, só um homem que evite os atritos e harmonize as correntes...

— Bem! Mas assim é demais!... Não ha mais valor, nem respeito, nem independencia, "seu" imediato! Antigamente, um decaído cientista deixava de ser "persona grata" mas continuava a ser o cientista, presti-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

giado e querido pelo resto da Pátria! Hoje é horrível! Até os próprios revolucionários cáem, dentro da revolução e ninguém lhes recorda os feitos ou os valores... E' uma dissolução pavorosa, "seu" mano!

E num tom mais baixo como si pressentisse agentes secretos, derredor: o nosso João Neves! Que desgraça, meu velho! Aquele rapaz era para mim um verdadeiro prodígio! E no entanto, exilado, coagido, expulso, esquecido, ele que foi a alma dessa tal revolução outubrista, ele que foi a palavra luminosa, mixto de sangue e de fogo, a incendiar corações e coragens...

O Gazéla excedeu-se no entusiasmo. E falou da Aliança, das embaixadas, das caravanas, dos rasgos parlamentares do líder gaúcho, campeão de advocacias administrativas.

O imediato escutou calado. Reacionariamente de acôrdo com o reacionario Gazéla...

— Ele agora está em Buenos-Aires...

A conversa ficou por aí. Gazéla, arrefecido o entusiasmo, murmurou como se plangesse um requiem:

— E' verdade... Deportado como pirarucú depois do beneficio...

E calados ambos, ficaram como que a recordar o perfil do vibrante falador gaúcho, caído, dentro do seu sonho sem astros...

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

O coronel esvurmou no silencio, subito como um meteoro:

— E a borracha, heim? cabra velho? Quasi a 3\$000 por quilo, em "bola". Daqui a pouco, 4, 5 mil réis. 10, 20, como antigamente! E' a riqueza, a fortuna! O ouro, "seu" imediato! O ouro vivo, correndo de nossas mãos para os bancos e comprando tudo, escutou? Comprando tudo, tudo!

O imediato, entre grave e chocarreiro, boiou na agua morna teorica de uma ironia:

— Tudo, coronel? Até a liberdade dos seus homens?

O monstro, porém, ficou sério deveras. Coerente comsigo proprio. E cuspiu como se cuspiisse a propria consciencia:

— Esses cães não precisam disso!

XIII

O "Indio do Brasil" precisava sair áquela noite mesmo. E por isso a faina dos escarificados personagens de um Balzac siderante, continuava sôfrega.

A noite enchêra o tempo e transfigurava os lenhadores em visagens indecisas e ambulantes.

Sentia-se no bailado das tochas de estibordo o mesmo ritmo sensual da marcha dos calangros...

Com uma carga ao dorso, Zé Raimundo enfiou pela prancha.

Ao meio, estacou. Uma vóz, entre doçura e imperio, chamava-o, surpreendida:

— Zé Raimundo!

O infeliz levantou a custo a cabeça quadrangular de cetáceo, os olhos arregalaram-se, as pupilas subiram para a linha superior da esclerotica, afim de abranjer o pavez do navio, e, atravez da sombra e do canção, lobrigou um vulto rente ao escotilhão. A voz galopou-lhe no peito e trombificou-se no larinje. Fugiu de chôfre:

— Comandante!

O feixe de lenha, solto o abraço de ferro dos dois membros possantes, no infinito da abstração, rolou-lhe pelos hombros, esmagando-lhe um pé. A bôca entreabriu-se num relaxamento, os olhos humedeceram-se, o barbicaixo liquido da chuva, sinuoso entre as falripas da barba em cêrdas, completou a expressão extrahumana de um ressuréto.

O comandante era aquele velhinho austero que

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

lhe dera, pesaroso e indignado, a noticia do assassinato de seu pai.

Ao jeito da reminiscencia animatografica de um quasi afogado, maratonisaram do sub-conciente para a realidade sopesavel do olhar, todos os grandes momentos de angustia recalcada.

Os sonhos de adolescente, o crime, a fuga espontanea, as fugas forçadas, as humilhações, os desesperos, os instantes raciocinados de suicidio lento, a dor humana, a dor vegetal, a dor potamica, a dor cosmica...

A vida, numa sintese quimica, desfilou-lhe em fulgurante galopada pelo cerebro estagnado. Inconcientemente arrastou-se pela prancha, subiu as escadas e caiu chorando no abraço paternal do velho lobo do rio.

— Zé Raimundo! Como você está acabado, meu filho! Fraco, combalido... Que é dos seus ideaes, do seu trabalho? O que faz você do seu dinheiro ganho? Então, o que é isso, Zé?

O caboclo não respondeu.

— Ora, vamos, Zé! Será que você emagrece com a ideia de se vingar? Deixe disso, meu filho! Trate de se endireitar, de trabalhar com afinco, de ser bom, honesto, digno, para se engrandecer cada vez mais,

para ser um dono de seringal, para ser rico! E então, que tristeza é essa?

O caboclo era uma estatua mutilada. A boca fechara-se como um sepulcro, os musculos do rosto retésaram-se como fibras, e dos olhos, tarjados de rubro, toda a eloquencia que Joaquim Nabuco fôra impotente para exprimir, surdia em chispas, em fulgôres, em prantos. Aqueles olhos falavam mais do que todos os vasio discursos das assembléias nacionais. A voz ali era o ultimo instrumento dos neuronios. O comandante teve medo da estática impressionante do homem. Mudou de rumo a palestra. Olhou em volta. Da cabine do escrivão, o radio retenciava descargas atmosféricas.

Uma idéia assaltou-o.

— Vem cá, Zé!

O molambo vivo acompanhou-o.

— O' escrivão, dá-me os fones!

E para o rapaz:

— Coloque isto nos ouvidos! Por cima da cabeça! Assim! E então?

Primeiro uma sequencia de explosões, depois a mão do escriba rodou o controlador e fixou a onda, e uma musica suave, maravilhosa, estranha, encheu a carcassa do selvagem.

O comandante, entusiasmado, perguntou:

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

— A estação?

Do radio veio a resposta:

— Schenectady!

— Schenectady! Zé Raimundo! Schenectady!
America do Norte! Não é lindo, Zé?

Parou de falar. Lembrou-se que Schenectady era qualquer cousa de lendario, para a ignorancia ingenua do seringueiro.

Quiz explicar:

— E' uma estação distante, Zé! Fica daqui a 3.000 e tantas milhas para o norte! Vem pelo ar, compreende? Pelo ar, lá por cima, em ondas, como telegrafo, estás entendendo? E' um "blue"! Um "blue" lindo, não achas? E' a Rosita Maranhão que está cantando! Ora! Essas descargas são cacêtes!

Parou de novo. Vio que seu entusiasmo pueril era ridiculo diante da atitude do caboclo.

Primeiro procurou o homem a origem dos acordes. Depois, ignorando-a, empolgou-se pela felicidade auditiva que lhe decia do espaço naquela harmonia embaladora e languida, mixto de entorpecente e de consoladora. Esqueceu a tortura fisica e a tortura moral. Esqueceu a hostilidade da terra. A hostilidade dos homens. Ficou absorto e longinquo, boiando á flor daqueles ritmos que mexiam no cerebro, nos nervos, e faziam sonhar...

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

E para que falar? Que diria ele, na algazarra verbal de semi-barbaro, classificando aquele transe de sobrehumana angustia? Que magua não esvurmaria condenada e trôpega, daqueles monossilabos candentes?

O caboclo não pôde dizer nada.

Preferiu engolfar-se na harmonia longinqua que, de Schenectady lhe chegava por um fio anonimo de antena... O comandante falara tanto e não se fizera compreender. A palavra anulou-se no infinito cósmico da musica.

Ela, só ela, da fruta do indu' ao arco de Heifetz, é capaz de domar serpentes e humanisar tiranos...

Lentamente, Zé Raimundo, embriagado de harpêjos, circundou o olhar pelo ambiente tôsko. Viu o vapor, o escotilhão, o barranco, a prancha e, o que seria aquilo?

Uma cara pintada de indio fitava-o, encarquilhada e bronca, do hifen de madeira como uma cariátide dismorfa que suportasse o pêso da desgraça. Olhos mais tristes que a saudade das tabas, boca esprimida como um fruto esmagado, cabelos sujos de pó e de lama, pontilhados de estrêpes e de cêrdas, a possuir, da chuva torrencial, o barbicaixo fluido de proféta.

A miséria estagnada num minuto escultorico de artista.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

Atrás dêle, uma dezena de irmãos calcinados e bugres, carregados de achas, parára também, hebeta-da como pacas, a contemplar o companheiro favorecido pelo comandante. Estaria louco o Zé Raimundo? O que teria feito ele para obter a graça de uma palavra de confôrto? Quem éra aquele velhinho, de olhos nazarenicos, com as quatro fitas de suprema autoridade a bordo?

Zé Raimundo também os vira. E só ha verdade no contraste. A ilusão lhe entrava pelas oiças, e ele já andava a julgar que aquela era a realidade mes-sianica que ele esperáva. A ilusão para os outros camaradas entrava-lhes pelos olhos, e, parados, julgavam eles ser aquilo, um diverticulo da tortura, uma uma tregua na avalanche de sofrimento, transfigurando Zé Raimundo num ser superior, quasi intangível, que os arrastasse também na sua intangibilidade.

Estabelecido o contraste pelo caboclo, desfez-se a trama inconsutil do sonho.

Aqui em cima, ele, abandonando o trabalho, esquecera-se de que era um paria.

Lá embaixo os outros, cessando a faina, sonharam que eram deuses.

Mas, a verdade, arrepiante nos seus meneios, escalpelou a ficção. Zé Raimundo voltou á realidade, viu que era um miseravel, como eles, sentiu remor-

so de ser o favorito, sentiu nojo de si mesmo, indignou-se contra a propria indignidade, e, arrancando, enraivado, o fone duplo dos ouvidos, ante a estupefação abobalhada do comandante, correu para a escada e deceu-a pressuroso, suplicando, aos trapos dos companheiros, perdão pelo olhar humido.

Antes de atingir o convês, o vozeirão do Gazela atrôou em ribombos:

— Que é isso, patifes? Como é que se pára o serviço dessa forma?

Um serviçal soprou-lhe o nome do Zé Raimundo.

O cenho do “coronel” contraíu-se em furia. A bilis que ele recalrava quando pensava no rapaz, extravasou naquela oportunidade admiravel.

— Com que, então, foi esse anfíbio, não?

E quasi a se esguelar para o barranco:

— Onde está esse canalha?

Zé Raimundo, que carregava a quinta acha, ao hombro, levantou a cabeça e fixou no tombadilho o perfil imperativo do Gazéla. Tremeu-lhe a mão, tremeu-lhe o cõrpo, tremeu-lhe a alma, no alvoroço de um pavor insopitado. Teve impeto de correr para o navio e impetrar a proteção do amigo de seu pai. Mas a silhuêta rancorõsa do “coronel” surgiu á prancha.

O rêlho balançava-se no punho.

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

Apezar da chuva, um silencio tragico envolveu os homens e as coisas.

A passos largos e lentos, Jacinto Gazela chegou até junto do caboclo tremulo.

Dentro da noite, distinguia-se o livôr facial do pobre seringueiro. O "coronel" sem dizer palavra levantou a dextra. Uma bofetada clara estalou no ar.

As cinco achas de lenha despencaram dos hombros do moço empregado. Ofenderam o tibia do carasco. Um uivô guaiou precedido de um bufo de animal hidrofobo.

Nova bofetada cantou na noite escura. O caboclo sentia o báfio sarrento do crapula. Ele havia dobrado a cerviz ao chicote no lombo, aos desafôros, ás humilhações, ao servilismo. A' bofetada ainda não. E aquelas lembraram-lhe o pai, a infancia, a altivês, o crime. Sua mão vacilou um segundo e subiu como a zarabatana.

A cara do "coronel" recebeu o choque da resposta. O sangue formiguejou-lhe no pescoço e lacrou-lhe as faces, invadindo-lhe os olhos. Um gôsto de sangue subiu-lhe á gorja e ele berrou como um pôrco, como um tigre, como um urso:

— Ao taxiseiro, capataz! Ao taxiseiro com esse filho de uma égua!

Quatro braços prenderam Zé Raimundo inerme.

Arrastaram-no como um fardo, mata a dentro, e, desnudo o tronco atletico, zebrado de rebencadas, em carne viva, amarraram-no ao taxiseiro cruel.

As formigas vorazes, aos milhões, causticantes como cauterios, dolorosas como acidos, deceram do caule e cobriram o rapaz.

Um urro longo de animal sangrado, ecoou até o barranco. Eram milhões de tenazes a golpear em milhões de logares. Eram bocas ás miriades, insaciaveis e irracionaes, a ventosarem o côrpo, a retaliarem as carnes e a digerirem o sangue e o suor, as forças e a vida.

Era como se uma bôca enorme, gulosa e danai-dêsca, devorasse o corpo inteiro, ao mesmo tempo, trincando-o, sadicamente.

Zé Raimundo perdeu os sentidos.

XIV

Duas mãos tremulas afrouxaram primeiro as cordas, depois cortaram-nas.

Dentro da noite polvilhada de mica, os olhos estonteados dos tatu's sórdidos, punham sentinélas lucilantes nos desvãos indistintos.

Juca Borba assistira á cruciante mutilação do pobre amigo. Escondera-se no mato. Refeito o silen

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

cio, escafedeu-se como um guaxinim e, pé ante pé, pou-
pando cipós e fôlhas sêcas, chegou até o tronco, de
onde pendia, formiguejante e retaliado, como o to-
lhiço vivo de um novo Jesús, o desgraçado Zé Rai-
mundo. Cortou-lhe as lianas, espantou as taxis com
o alcool e o fogacho, arrastou o corpo ezanime por um
pique semi-oculto, e, chegando á orla do rio, deposi-
tou-o no fundo da igarité. Em seguida, friccionou-
lhe os pulsos com essencia de andiroba, untou-lhe o
corpo com óleo de copaíba, deu-lhe a cheirar aguar-
dente aromatizada de cumaru', escorregou-lhe na bôca
umas gôtas de huasca com cachaça. Lentamente rea-
giu o organismo do torturado. Seus olhos entreabri-
ram-se e sorriram para o Juca. Os labios descerraram-
se e a lingua, sêca e avida, procurou restos de saliva
nas commissuras repuxadas. Juca Borba correu ao en-
contro do gesto. Tomou uma cuia, encheu-a da linfa
barrenta e derramou-a no rosto do outro. A garganta
sorveu lépida a oferta.

Um bacurau vaiou o silencio, quando Zé Raimun-
do sentou-se no fundo da canôa.

Refeito com mais uns goles da aguardente, recor-
dou a cena vivida. E odiou o Gazela, com todas as
energias recalçadas. Pensou no assassinato, um as-
sassinato sádico, volutuoso, devagarinho, orelha á ore-
lha, orbita á orbita, dedo a dedo, mamilo a mamilo,

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

cortando, arrancando, esburacando, dissecando, a pele, a banha, os músculos, os nervos, as arterias...

E, dançando em redor, e gritando para a agonia do sátrapa, e rebolecando-se lacivo, na orgia contorsiva dos derradeiros instantes do morcego, e acendendo a "diamba" entorpecedora, no fogaréu do barranco, no incendio dos seringaes, na coivara dos roçados, no delirio neroneano do fogo rubro, do fogo vivo, do fogo humano! Do fogo que carbonizaria riquezas e poderios, plantações e propriedades, barracões e curraes, e gados, e arvores, e lanchas e navios!

E ele, ébrio de luxuria, lançaria querosene ao rio á mata, á terra, e o rio subiria em labarêdas, a mata gemeria no bailado vermelho das queimadas, a terra se esterilizaria parada e morta, sob o lençol escaldante do incendio. A Amazonia inteira seria uma fornalha viva, esturricando até a medula, todos os Gazelas infames, todos os seringueiros máus, todos os homens perfidos! E ele, Zé Raimundo, intoxicado de prazer, rolaría, poluindo as filhas do "coronel" e vendo no seu pranto virginal o reflexo da fogueira imensa e vingativa, do tamanho de um sonho de bebedo, da côr do seu sangue de martir...

— Zé Raimundo vamo embóra! A lua vem saindo e nós num temo tempo a perdê!

— Embóra pr'a onde, Júca?

A VIDA NOVA NO "NOVA VIDA"

— Pr'a cima, Zé! Um regatão passou honte e dixe qui a burracha lá pro alto Puru's tá dando dinheiro! Vamo imbóra pro Shamboiaco, home de Deus! Si nós num nus dé bem arribamo pro Perú! E' na frontêra! Aqui é qui a gente num póde ficá, sinão apodrece cumo côro de anta!



O Carnaval do Shamboyaco

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

I

Quem perlustra o Amazonas, de Belém á Ma-
náus, tem a ilusão de conhece-lo. ?/

Do tombadilho dos "liners" o olhar divaga pelo miriametro horizontal, empolgando-se pelo imprevisito do espaço e pelo vasio panoramico.

O atordoado gigantismo da paisagem corrompe-lhe a observação. O infinito visual rouba á realidade os seus maguados diedros de torpôr. E' preciso subir, entrando contrito e deslumbrado, tremulo e títubeante, no atrio verde da catedral meandrica, para sentir-lhe o osculo espoliador e o abraço absorvente.

Em nem uma outra parte do mundo o "mamifero vertical" unamuneano precisa lutar tanto para viver. Tudo dentro de um contraste natural, prodigo e avaro. De um ilogismo estonteante que deprime e enaltece, que humilha e glorifica o amazonida.

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

Ir á Manáus, depois de uma semana de poentes magnificos, de quadros soberbos, de auroras divinas, de pequenas paradas curiosissimas, é o mesmo que ler a "Divina Comedia" começando no "Paraiso" e estacando nele.

O turista brasileiro é um simples e superficial arquivador de miragens. A Amazonia em si está trancada para a sua fragilidade. Só os Homens a conhecem. Os fracos temem-na na sua dôr olimpica.

Ingressar nela é aventurar-se a todos os tormentos e candidatar-se a todas as sublimes criações de Deus.

Ou morrer nela, esmagado por ela, vaiado no bico dos japiins, glorificado na asa dos gaviões, humilhado nas fauces dos tatús, agigantado no reflexo das estrelas: ou sobreviver a tudo isso e ser Aquele que viu a Belesa que amedronta, que sentiu a voluptua que devasta, que andou de braços com a delicia que escurraça e que aniquila.

II

Zé e Júca subiram o Purús, obsecados pela neurose da seringa.

Batidos pelo patrão cruel, pretendiam explorar a hevea por conta própria. O reide era extensíssimo. Teriam que montar o Purús, cruzar as bocas de dezenas de grandes afluentes e depois do Acre, do Yaco, do Chandless, ingressariam no Shamboyaco, que os pés heroicos e os remos brancos de Manuel Urbano descobriram. Lá estava o caúcho, que era uma nova modalidade de riqueza. O caúcho martir, que morre na queda impiedosa para ser dilacerado pela machadinha. E se vinga no leite grosso e peganhento, um leite que unta o rôsto do caucheiro, unta-lhe o cabelo sujo de pó e cascalhos, unta-lhe as sobancelhas, as palpebras, a barbicha, as mãos, os dedos e transforma-o, coberto de insétos, atracados pelo visgo, num avatar dos bonzos sarapintados do Zambeze.

Os dois homens com ligeiras paradas nas palafitas esporádicas das margens, alcançaram a foz do rio Acre, a bôca do Yaco, o delta do Manuel Urbano.

Aqui e além, o rifle do Juca Borba zabumbava nos oiranaes e lançava de papo no lodaçal, azas abertas como cruces losangicas, os jaburús esgalgos. De barreira em barreira, a pontaria do cinegéta rojava capivaras cinzentas nos paúes. E nos sangradouros lacustres, a rêde lançada por mão de mestre, na rotação concentrica, abria-se como uma palma de

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

mão rendada e redonda e trazia do fundo, entre os dedos trançados os jaraquís e as matrinchãs gostosas.

Certa feita, para livrar um maguari chumbado da bocarra de um jacaré adulto, Juca tivera de brincar com a féra. Zé Raimundo, da canôa, visára o encontro das asas do avejão. Ecoára o tiro. O bicho saracoteou-se como uma Pavlova na "Morte do Cisne". Tremeu as asas enormes, derreou o pescoço longo e fino, e tombou no rio, como um fardo. O crocodilo estava ali, sob um docel de mururés. Caída a ave, deslisou o reptil gigantêsco, a bombordo da montaria levíssima. Antes que aquelas fauces formidaveis tragassem de um golpe o mantimento certo, Juca atirou-se de cabeça para baixo, na agua. E mergulhou com o maguari. O jacaré enraivecido procurou a nova presa. A cabeça enorme e quadrangular de bêsta prehistorica pesquisou a superficie da linfa. Zé Raimundo assistia ao combate, mudo. A sorte do companheiro era a sua propria sorte. Súbito Juca boiou ao largo com o maguarí morto na dextra.

A féra viu-o, mediu matematicamente a distancia que os separava e mergulhou para emergir em cima do rapaz. Juca estava atento. Ao imergir do caimão imergiu tambem.

O jacaré não abre a bôca no fundo dagua. Não

RAMAYANA DE CHEVALIER

abre a bôca e fica cêgo. Aproveitando essa circumstancia os caboclos amazonidas fazem um esporte do despistamento sub-fluvial dos hidrosaurios.

No fundo Juca abraçou-se á féra e introduziu-lhe um dedo nos olhos. Ele debateu-se e fugiu para boiar.

A sua raiva de animal ferós traduzia-se no marulhar violento das aguas sacudidas pelo caudejar potente. Bufava e investia nos mergulhos temiveis. Juca respirava e esperava-o no mergulho astucioso. De uma das vezes o caboclo boiou junto á montaria, jogou a ave para Zé Raimundo e de um salto rolou dentro da canôa. Pegou no remo e lambeu o liquido.

De longe, ainda viram o jacaré gigantesco, olhos fusilantes, fauces escancaradas onde uma fileira de dentuças agudas desafiava a renuncia de um fakir, rebojando nos mururés e mordendo o cerne dos troncos inundados.

Do braço do caboclo corria sangue, de um golpe brusco da carapaça do monstro.

III

De outra feita coubera a Zé Raimundo ser a vítima de uma quasi tragedia.

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

Era ao crepusculo, quando, cançados, enterraram os homens a prôa da igarité numã praia deserta. Depois da fogueira no areial, Zé Raimundo teve vontade de tomar banho. A agua remançosa, tranquila, estava limpida e convidativa. O languôr estival do diluculo fantasiava procissões de saudades na arena quieta da agua em extase. Uma benção metafisica decia do céu com a agonia da luz. Zé tirou a calça rota e andou por um cerne caído nagua até o meio. Lá espreguiçou-se e fez o sinal da cruz. Juca subira o barranco para cortar palmas de jarina. Antes de meter uma casca de páu servindo de cuia no liquido sereno, Raimundo introduziu a mão para medir-lhe a frigidês.

Súbito um golpe no torace arrastou-o para o fundo. No primeiro instante Zé não acertou com o que era. Tratara só de se desvencilhar. E debaixo dagua passara a mão no peito para livrar-se do abraço imprevisto. Seus dedos escorregaram num rôlo visguento e grosso. Um facho iluminou-lhe a consciencia: Cobra!

E aquela ideia arrepiante num segundo aumentou, dominou-o, espicaçou-lhe a defêsa e ficou, ecolalicamente, repetindo-se no vacuo atordado do cerebro: Cobra! Cobra! Cobra!

O instinto pulou do inconciente como um gno-

mo e eletrisou-lhe os musculos: reage! reage para viver!

Os tendões enrijaram como cordas e no instante de um decimo de segundo, Zé Raimundo fincou os pés no fundo móle da praia e avançou para boiar. O ofidio percebendo a resistencia da prêsa, afrouxou o laço para dobra-lo depois. E, mal Zé Raimundo, boiando angustiado berrou para o companheiro como um megafone, um segundo rôlo enorme e viscoso atingiu-o á altura do mento, compelindo-o para baixo. O pobre homem mal teve tempo de respirar e voltara a se rebolar entre os aneis gosmentos da sucurí.

Juca Borba ouvira o berro, adivinhara no bulicio da agua a traição ofidica, largara a jarina semi-cortada, decêra o barranco de um salto e entrara na-gua até a cintura, vulnerando com o terçado agudissimo o abraço constritor.

A cobra, vendo-se ferida largou o cabôclo. Sem se preocupar com o reptil, Juca apanhou Zé Raimundo como um boneco e arrastou-o para junto da fogueira, todo ejaculado pela baba fétida do monstro. Deu-lhe um cordial, salpicou-lhe os olhos com alcool e cobriu-lhe o tórace com palmas de jarina para resguarda-lo do sereno noturno. Durante seis dias Zé Raimundo delirou como um perseguido, afastan-

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

do imaginariamente no estertor do bracejamento, os aneis da sucuri gigante...

IV

Duas semanas depois continuaram a viagem. E alcançaram, através de tormentos indescritíveis, a fóz do Shamboyaco.

Muitas ofertas haviam tido, de alguns seringalistas que encontraram no percurso.

Rejeitaram-nas.

Eram daqueles tipos que preferem morrer como Giordano Bruno a se retratarem como Galilêu.

A experiencia passada lhes havia ensinado mais que todo o segredo milenar dos "in-folios" científicos.

Resolveram seguir viagem. Estavam no Shamboyacó. Restava procurar no vertice da sorte o nucleo côr de luz da Fortuna e do Socêgo.

Meteram o remo nagua.

Os "piuns", as "mutucas", as "cabo-verde", os "potós", os "catuquis", as "cabas", as "muriçocas", os "suvelas", toda a multitudinaria proteificação da

entomologia amazonica principiou de éscarificar-lhes a paciencia.

As costas ardiam de dentadas. Os braços empolavam-se de mordeduras. A pele toda, lavada de sol, causticava-se no turbilhão das azas minúsculas e mortificantes.

— O' Juca! Aqui parece um formigueiro voadô!

— E' isso memo, Zé! O Shamboyaco é cunhecido pru causa disso! Tambem o caucho aqui é cumo melancia im praia de vasante...

Calaram-se. O movimento alado dos bichinhos produzia um zumbido de máquina poderosa.

A canôa ia corôada por um turbante movediço de insetos.

Subito, numa das clareiras da margem esquerda surgem dois monstros. Feitio de homens, andar de homens, com uma cabeça agigantada e amorfa e sem diferenciação digital. Não havia nem olhos, nem bôca, nem cabêlos.

Zé Raimundo alarmou-se.

— Cruzes, Juca! **Qui diacho** de macaco é aquele?

Juca tambem não conhecia aqueles bichos. Para ele, pareceram animaes prehistoricos, desses que aparecem para castigo dos mãos e fortuna dos bons.

— Eles tão fazendo sinal, Juca!

Com efeito. da margem terrosa, os espantalhos

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

agitavam as chapas das mãos como se chamassem a igarité.

Juca enterrou o remo:

— Vôte, cobra dagua! o diacho é quem vai vê es-
ses pestes!

— Vou fazê mêdo a eles!

Zé Raimundo tomou o rifle e levou-o ao hombro.
Os dois fantoches de um pulo ingressaram no renque verde.

— Quiá! Quiá! Quiá! Quiá! Visse a carrêra dos
bruto, Juca?

— Pularo qui nem capivara!

Adiante, dezenas de metros além, novas aparições
tragicas.

As caras batidas e redondas, sem orgãos nem ca-
bêlos, surgiam e desapareciam na mata densa.

— Vamos vortá, Juca? Isso tá pareceno coisa do
tinhoso! E cum visage eu num quero brinquedo!

— Nada! Vamo sentí os bicho, premêro! Ocê
num viu queles fugiro do cano do papo amarelo?

Continuaram remando. Num desvão de barranco
saltou-lhes á vista, uma palafita semi-corruta pela
fome potamica.

Rumaram para a escadinha tôsca e pararam.

Recebeu-os um dos taes fantasmas.

Os dois riram.

— Nóis tava pensando qui fôsse arma do outro mundo!

Eram homens como eles, cobertos na cabeça e nas mãos por grossos mosquiteiros, de pano.

Naquelas regiões, só assim mascarado e grotêsco, resiste o trabalhador às devastações dos insétos fâmintos.

Aquelas visagens eram outros homens, protegidos contra a agressão dos demonios voadores.

Entabolou-se a conversação. Veio a cachaça. Vieram os cachorros, os meninos, e, por ultimo, a mulher já grávida.

E a conversa continuou.

Por ela souberam os viajantes da quantidade do caucho e de doenças e dificuldades que arrostariam na região. As crianças, desde cedo surgiam pintadas como onças. E uma febre exquisita costumava assaltá-las depois de grandes, corrompendo-lhes a côr, a mocidade, as energias, os cabêlos, a péle, pintando-lhes de gema de ovo os olhos tristes, engorgitando-lhes o fígado, matando-as sadicamente, impunemente, em dias, em horas, em segundos.

Souberam mais que o mandão dali era um tal de Mucúra, chamado assim porque sobrevivêra da febre e ficara estranho e horrível. O Mucúra, chegara ali ha anos e tomara conta do alto Shamboyaco.

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

Era o caucheiro respeitado e temido.
Era um animal no nome e no "habitus".

V

E' absurda a patologia dos altos-rios amazonicos. O "purú-purú" e a febre negra culminam como pavôres. O primeiro é, a nosso vêr, uma dermatose de raizes hepaticas. A pele do deente dissolve-se numa como poeira repugnante, do mesmo passo que se colore aqui e além de varias tonalidades que apresentam, num confronto ilustrador, aparencias longinquas com o vitiligo.

Dir-se-ia a associação morbida de uma parasitose dermica, com o disturbio funcional da viscera do hipocondrio direito. O figado, efetivamente, é em todos os casos, um ponto referencial de suma importancia clinica. Encontra-se ele, sempre, hipertrofiado e rigido. Uma pedra oblonga sob a diafragma e a pele.

A dermatose é contagiosa. Dizem os "sacerdos magnus" de varias das cabeceiras fluviaes do sudoeste da Bacia que, descamando-se aquele deposito pulveru-

lento e, se o dando a beber a qualquer individuo, ficará este coberto da parasitose repulsiva.

A febre negra é uma modalidade do paludismo, com todos os rebufos sintomaticos da hipertermia biliosa hemoglobinurica. E' entretanto de uma curiosidade impressionante o seu quadro clinico.

Por vezes vem ela sem alteração da temperatura. O termometro acusa sempre o nivel fisiologico do calor organico.

E, no entanto, a pele se macera, amarelifica-se, transforma-se numa crosta de palha, os tegumentos acompanham-lhe a degeneração xantocromica, os dedos se cadaverizam, os olhos esbugalham-se como crachás de ouro, os cabelos caem totalmente, substitue-o um arquipelago esporadico de cerdas baixas e hostis, o doente vomita uma pasta negra e, dentro de uma tristeza de galhos ontogenicos, definha e morre devagar.

De outras vezes a temperatura se exalta. Ha um transtorno no panorama nosologico. Identica tristeza preludia o drama.

A febre sóbe. Vem o delirio e corôa a tortura. O vomito aparece e com ele a coloração cafeinica da urina. A morte é uma consequencia quasi imediata.

O aspêto do doentinho doirado, cadaverico, a ca-

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

beça tomada de crôstas e de cerdas, um todo de rapôsa faminta, é positivamente ridiculo e pungente.

A terapeutica segue o traço original do cortejo semiótico.

O oleo de ricino, purgativo ideal em quasi todos os casos de constipação, é ali um veneno inexplicavel. Do mesmo jeito, o cloridrato de quinina.

E tal é a idiosincrasia da doença por todos os habituaes combatentes da malaria que o seu repudio se estende ao resto dos derivados da chinchona.

A quimioterapia palustre falha lamentavelmente.

Administrados o oleo de ricino ou a quinina, o doente parece num estado absurdo.

Substitue-as com vantagem indiscutivel o calomelano em fórmula sinergica com a fenoltaleina, o azul de metileno em alta dose e a urotropina, endovenosa, varias vezes por dia.

Com esta diretriz medicamentosa se póde debelar sem grandes surpresas, sem sombrios prognosticos o rebuço bilioso-hemoglobinurico da maleita amazonica.

A propria Quinoplasmina, poderoso adversario das sezões da Planicie, falece irracionalmente.

São assim os dois curiosos problemas nosologicos.

O "purú-purú" semeia pelas margens carantonhas pintalgadas e medonhas de claunes tristes.

A “febre negra” enche a interlandia, deserta de médicos, de cruzes desoladas.

VI

Um bronze helenico brilhou, fôsko e sugestivo, na tarde opala e sangue.

Na prôa da ubá, Zé Raimundo erguêra o braço que se alongara na haste rigida do harpeu.

Nú como um simbolo. Os musculos rastejaram pelo côrpo sêco e foram morrer no pulso forte. A agua mexeu-se em espiraes concentricas.

O membro deceu como um grito de gavião. O harpeu varou o ar em obliqua e enterrou rangendo no lombo chumbo do peixe-boi.

Balançou como um rabo de anum. E mergulhou com o bicharôco ferido e estertorante.

A agua ficou rubra e revolta.

A igarité enfiou o seio na linfa e voôu como um marrecão, largando a corda da flexa rápida Voôu. Grasnando pelo peito de Zé Raimundo. Bigodeada pela velocidade, na espuma da prôa. Célere, linda, esguia,

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

feminil, era cabôcla amazona e “nageuse” de Galveston.

Vôava. Por baixo d'agua, o peixe-boi, herculeo e gigantesco, nas vascas da morte, arrebatava vegetais submersos e espadanava sangue com o leque indomável da cauda. O sól, como um néro de fôgo, debruçado no anfiteatro colossal estimulava o espetaculo primitivo. Era uma corrida de heróes para a morte de um Rei. O enorme mamifero fluvial, o hipopotamo da Hiléa, estortegava no delirio da arrancada infrene.

Pouco a pouco diminuiu a aposta. O monstro cançara. Devagar puxaram a corda do harpeu certo. Mais um rebojar extenuado. Mais um golpe de cauda e o bicharôco boiou, formidavel e inerte.

Alagaram a canôa. Saltaram n'agua e empurraram-no para dentro do casco.

Esvasiaram o liquido.

E, devagarinho, com a carga preciosa, deceram o Shamboyaco, vitoriosos.

Zé Raimundo tonto de alegria. Bufava, agitava os braços, sacudia a cabeça morena, gritava como uma criança.

Juca Borba, sério. Triste. Imensamente triste. Como um ocaso no Vale. Como um vôo de cigana ao crepusculo. Como um gemido de urumutum no amago da jangla. Como um cabôclo amazonico.

Por que? Não estava ali o troféo de um combate de deuses?

— Juca? **Qui é isso? Intão** não ficas contente cum a pescaria?

Ele não respondeu. Estava livido como a cerração.

VII

Juca Borba pressentira a morte. Assaltara-o, insidiosa e vulnerante, a febre negra. Quizera vibrar com a alegria neronica da caçada triunfal.

Mas, a mão oculta da doença esganara-lhe o sorriso.. Uma angustia extranha subiu-lhe do inconciente para a testa. Suou gelado. Os olhos arderam, a bôca tutucou num clonus apavorante. Um calor intenso queimou-lhe o estomago, a garganta, a voz. Umas pontadas agudas acutilaram-lhe o “vasio”. Um gôsto de estôpa tomou-lhe a bôca sêca e a lingua saburrosa.

Quando chegaram já não podia saltar mais. Carregaram-no. E, ao deitar na maqueira, a pele já se tinha alastrado de oiro, os olhos já estavam arregalados

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

como bolas de oiro, as unhas brilhavam como cravações doiradas.

Assim deveria ter morrido Cresus. Um corpo de oiro. No grego a cor do corpo refletiria o metal do espirito. No cabôclo a pele jauna nupciou-se com a excelstude da alma nobre. O marajoara estava nas ultimas.

Começou a vomitar.

Restos de pirarucú, pirão de farinha e bôrra de café, misturada de bile e gôsmas.

Pediú agua. Zé Raimundo foi buscar. Tomou um góle. Vomitou. E, procurando no ar uma môsca irreal, apertou o braço do companheiro e falou:

— Não é nada, Zé... Vou pra Manáus... Lá é grande... Tem doutô... Cura tudo... Eu fico bom... Num te incomoda, Zé... O Amazona é assim... Quando a gente menos espera...

Calou-se.

A garganta gorgolejou o resto da frase.

Pararam os olhos, afrouxaram as mãos...

— Morre... faltaram os labios moribundos dizer esmaggados pela emoção inutil de já não poderem mais se apegar á vida.

Zé Raimundo mordeu os pulsos em desespero. E caiu chorando aos pés da rêde do cadaver...

Uma lagrima subiu rápida e copiou, num angulo

orbitario do defunto, toda a beleza triunfal do crepusculo, lá fóra.

Uma mosca azul entrou zumbindo, poisou na lagrima e saiu, alegre e prazenteira, iluminando de oiro as azas de gasa...

VIII

Os mascarados tomaram os punhos da rêde esqui-fe e entraram no mato.

A' sombra semelhavam uma teoria de bandidos do Ku-Klux-Klan, realizando os funeraes de um chefe.

A' clareira, pararam.

Cavaram a terra. Jogaram o corpo dentro do buraco.

— Deus te receba em sua gloria!...

O sinistro cordão carnavalêsco repetio rouque-nho:

— “Deus te receba em sua santa gloria!”

Um rato-coró, enorme como um cão, gargalhou estridente e ferós a sua gargalhada arrepiante.

Era o epilogo na vaia.

O CARNAVAL DO SHAMBOYACO

Os embuçados voltaram cabisbaixos, resando.
As mãos da tarde, em toda a extensão do horizon-
te ocidental, penduraram, durante um minuto, uma
têla de Turner.

A côr e a luz abençoaram a tumba do cabôclo.
Rapida, a noite pintou de pixe a cara da Terra e
contagiou-lhe a variola furta-côr dos pirilampos.



MUCURA

RAMAYANA DE CHEVALIER

A cancha amazonica é um vasto couro de anta, crivada de balas e gilvazes e estendido ao sol do Parima aos Parecís, do Apaporís ao Guamá.

Desde o Tajapurú do Wanzeller a 178 milhas de Belém, nos Estreitos, entre Antonio Lemos e a Bôca do Laguna até Waterbury no alto Jurúa, nas lindes das cabeceiras, a 1374 milhas de Manáus, entre Bananal para baixo e Nova Olinda para cima; do Mont L'Argent, a 172 milhas de Belém, entre a barra do Oyapock e a Ponta dos Indios, na fimbria setentrional da Baía até Porto Ancon, no Alto Acre, acima de Inapary, a 3.031 milhas da capital paraense, por conseguinte do Mar, ultimo ponto peruano, na fronteira patricia; desde Tamaquaré, no alto Rio Negro, zona do Noroeste, a 1.345 milhas do Atlantico, acima de Vila Pecil, proximo ao canal do Cassiquiare, hifen prodigioso que abraça o Amazonas ao Orenoco, até o Tahuamano, o Chipamano, o Caramano e o Muyomano, quatro sombrios tributarios do Abunã que dariam a idéa, para

M U C U R A

quem os olhasse da “nacelle” de um avião, a milhares de pés acima da fo^z do Rapirrã, de quatro bôcas carcomidas a cuspirem agua venenosa no celebre manancial palustre do Alto-Madeira; para qualquer lado por que se olhe a Planicie, turbilhão equoreo paradoxalmente vandalico e construtor, a impressão é a do couro de anta crivado de balas e gilvazes, estendido ao sol, o maravilhoso sol remineralizador da Grande Terra, o prodigioso sol que transforma o homem branco e intersexual no atleta resistente e matalico.

Cada ferida de projétil é a esclerotica sonambula de um lago, é o sorriso esgarçado de um paraná, é a expectante advertencia do igapó, é um punhado de luras indevassaveis, de esconderijos anonimicos e ignotos.

Prenhe deles é a vastidão desse mundo inacabado.

Na minudencia caprichosa de um estudo cartografico, furtam-se á visada do observador os trechos mais obscuros e perdidos. A ciencia alienigena ou nacional, empolgou-se pelo arcabouçante misterio do vasio. E cerrou as palpebras para os desvãos de igarapés intransitados e abriu os olhos para a grandeza abrutalhada do conjunto.

E não viu nada.

Porquê no Amazonas, o misterio vive no por-menor.

O segrêdo móra, como as estrelas da lenda, na iga-
çaba do mais humilde.

II

O fenomeno da misantropia é quasi inexistente na
Amazonia.

Lá o Homem é mesmo o "animal gregario" de
Trotter ou o animal de sociedade de Alberto Torres.

De todas as bandas explúe a ameaça esterilizante
do abandono.

De cada recanto burilado de paredão foge o sô-
pro amortalhante do deserto berílico.

Os prismas humanos misturados numa incoeren-
cia racial rudimentar e dispersiva, fogem ao estalão
das estatisticas e dos numeros. Os angulos sociologicos
se dilúem, irremissiveis e mercuriaes no proprio reati-
vo da dimensão.

E o Homem, jogado como um átomo no tumulto
confusional da Natureza, procura, fustigado pelo silen-
cio, avaramente, outra silhuêta racional que lhe es-
cute as amarguras. Sentimentalmente. Pois no campo
moral é intocado o proletario da "hevéa".

M U C U R A

Poder-se-ia afirmar, se existisse esse espécime psiquiátrico, ser ele uma “doublée” de esquisoide e ciclo-tômico.

Esquisotímico no amago solerte e individualista, cicloide na ambição de confidenciar, de distribuir a sua dôr com mais alguém, que o compreenda, que o escute.

O misantropo é pois uma interrogação perigosa naqueles longes.

E' uma armadilha pronta a disparar.

Esconde-se porquê odeia ou porquê é odiado.

III

Como viera parar ali o “Mucura” ninguém sabe.

Que ele era o dono daquilo, ninguém discutia. Mesmo porquê, o cano do seu rifle era um olho atento de cégo, que não tremeria para castigar.

O olho legal que Becharia nunca pensou que existisse para substituir o seu ideário apostolar e belo.

Quem visse o “Mucura” via uma mucura. Mas era uma mucura enorme, ereta, apavorante, com dois braços sêcos e pelados, duas mãos aduncas e poderosas,

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

duas mãos que não poderiam acariciar nunca um rosto de criança. E um corpo forte e rijo, feito de revéses e padecimentos, oleado pelo “purú-purú” e tinto de as-safrão pela “febre-negra” justiceira. Era uma escultu-ra antagonica áquelas da catedral d’Auxerre. Cara de bicho. Corpo de gente. Coração? Talvês...

O “Corcunda” de Vitor Hugo não pulsava como um nobre? Se a responsabilidade desse paradoxo cabe á Catedral de Notre-Dame, o átrio barbaro do Templo Verde bem pode ter contagiado o dismorfismo do “Mucura”...

Caliban era horrivel. E tinha lampadas na alma. Todos os vagalumes do Amazonas talvez coubessem no intimo do Mucura.

Era um monstro. Feio pela doença e pela tragedia biologica da interlandia.

Quando ele sentiu o ósculo traiçoeiro da Anofeli-na, compreendeu que não seria mais gente. E a morbi-deza corrompeu-lhe as linhas e destruiu-lhe a plastica. Mergulhou-lhe no figado e perturbou-lhe a função. Soprou-lhe no baço e fê-lo um balão carregado de “vírus” Correu-lhe sob a péle e lambeu-lhe de uma baba cõi de ócre, exquisita e letal.

Mas conservou-lhe o peito. E aquele isolamento era de quem se entrega á Natureza para fugir dos homens.

M U C U R A

Era de quem julga a garra de uma onça mais nobre do que as mãos de uma mulher.

IV

Quanta gente não prefere a vastidão da jangla á loucura das cidades?

Eles não têm culpa da sua perversidade. Vão bons para ela. Ela os devolve mortificados e doentes. Não que a Terra seja má. Não que o Rio seja perverso. A exuberancia é que oprime e esmaga. A fartura é que castiga e faz apodrecer. A riqueza é quem faz justiça ao ambicioso.

Não podem existir no mesmo logar o mosquito e o homem. O mosquito nasce na agua e a agua não tem dono. O Homem é o invasor. Um dos dois tem que desaparecer. Matar todos os mosquitos do Amazonas é o mesmo que pensar em destruir todas as serpentes da India, todas as feras da Africa.

O homem é inferior no numero e na defeza. Tem desvantagem. E, não fôra êle o cabôclo audaz e resis-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

tente, o indomável campeador de estradas, e já seria uma lenda o seu dominio na Amazonia.

O Dr. Walcott, americano que se travestiu em bohemio na diluviandia, bebia “whisky” todas as manhãs, nos seus estudos patogenicos nas cabeceiras do Rio Ituxy, em dose capaz de pilheriar com a lei da gravidade, para esperar a morte com uma saudade “yankee” na barriga.

E Walcott tinha razão.

Porque o “whisky” só deve ser bebido em duas oportunidades. Ou nos labios de uma mulher extraplanetaria, prevenindo uma noite nupcial. Ou nas vertentes do Alto-Purús, prevenindo o beijo do Anofeles.

V

Certa manhã o sól surgiu escuro.

Parecia coberto de nuvens. Mas não era. Os jaburús mudavam de pouso. O dia inteiro levam eles passando no céo, numa caravana imensa e militarizada. Em formações de combate. Em vôos de passeio.

M U C U R A

Em semi-círculos, em parábolas, em oblíquas, em turbilhão.

Tudo na Amazonia vem em ondas. As "pirace-mas" são um fenomeno total. Quando vêm em peixes assaltam as canôas e são mortos á mão.

De catêtos, destróem a floresta como milhares de lenhadores. De onças no cíó, ensurdecem com seus miados apavorantes. De capivaras, escumejam nas orlas como bonecos. De guarás, inventam crepusculos vermelhos nos troncos sêcos. De garças, imacúlam as castanheiras e os paudarcos. De lontras forram de pelucia prateada, as praias. De papagaios metamorfoseiam as nuvens em savanas verdes. De tartarugas pintam de sardas a cara dos baixíos. De borboletas transfiguram o céo num jardim de Epicuro.

Aquela era de jaburús. Mudavam-se para outras bandas onde a agua não ocultasse os peixes e os "filhotes".

Durante todo o dia passou o oceano alado dos per-naltas.

Todos os animaes do mato ficavam a contemplar o exôdo triunfal. Os rastejantes desejavam tambem ser jaburús para voarem com eles, no alarido da acrobacia tatalante.

Os carnivoros rosnavam impotentes por não ter azas para devoral-os na altura.

E não lhes faziam mal.

O homem, entretanto, colava ao hombro a espingarda fatal, e, daqui de baixo, roubava ás aves soltas a alegria da debandada.

A luta pela vida não distingue as asas dos plastrões.

Não deprime a carapaça que rasteja para ezaltar a pluma que esvoaça.

Confunde-as ambas no mesmo cadinho de tórvo utilitarismo. Comtudo, imperturbaveis e serenos, os jaburús cruzaram durante todo o dia o céo, rumo do norte.

VI

O Mucura fizéra bôa colheita de pernaltas. Voltara para a barraca carregado de vitimas. E ficara a contar os pescoços como um garimpeiro recapitula as pepitas arrancadas ás cafurnas.

Estava feliz. Saiu até á porta da casinhola. As galinhas fugiram com medo da aparição. Ao longe os pôrcos fossavam num barreiro. Meia duzia de patos cumprimentavam o ar. Quatro carneiros remoiam as

M U C U R A

hervas. E lá em baixo, no barranco, duas igarités, as tarrafas no bôjo, esperavam tranquilas.

Fizéra algumas plantações e colhêra bastante. Os celeiros estavam fartos.

Pena era que os malditos insétos não cessassem de voejar, em torno dele como satélites.

O Mucura olhou o terreiro, as crias, as canôas, o roçado, e bateu no peito, feliz.

Não era tão máo assim o Amazonas.

Jogada uma semente ela por si só se encarregaria de crescer, revigorar-se, erguer-se magestosa, frutificar.

Muita gente acha um trabalho enorme em estender a mão para lançá-la ao sólo.

E prefere estender o braço para esmolar.

Os insétos, no entanto! Que diabo! E a caratonha do avantêsma, assanhada, abriu a bôca rasgada em losango e cuspiu um pedaço de tabaco gosmento.

Um tiro atrôou no ambito parádo.

— A armadilha! Tomara que seja anta!

E o Mucura, feio, curvado, hediondo, na sua máscara de chinês torturado, correu para o mato como um colegial ao toque de recreio.

VII

Zé Raimundo queria o Mucura. Ele sería o traba-

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

lho e (paradoxo curioso) o descanso providencial. Porque da ergastenia que lhe sobreviesse, surgiria fatalmente o olvido, um esquecimento sem ligações, nem rotulos, uma renuncia doce, misto de intoxicação e bem-estar.

Poder-se-ia dizer que o cabôclo caçava o Mucura. Por onde passava, onde parava, para retomar energias, onde sopitava as remadas para bebericar a pinga ou chalacear com os mascarados praieiros, a primeira pergunta atingia de pronto o estranho misantropo do Shamboyaco.

E a resposta do beijo apontava á montante, encurtando na preguiça mímica a distancia tediosa.

O remo borbulhava nagua. Os musculos saltavam como cordas tensas, o peito arfava na lassidão sitiante, e lá se ia Zé Raimundo vencendo a corrente, subindo o rio, ora a mariscar, ora a ribombar o rifle no circo verde, ora a dormir como um capádo, á sombra dos mulateiros, embalado pelos milhões de ventiladores minúsculos dos insétos.

Certa feita vira uma cotia saltar de uma touceira no barranco.

Winchester á cara, acompanhou durante dois segundos a carreira do bicho, adeantou o cano na espéra e desfechou o tiro certo.

M U C U R A

O animal pinoteou, ferido numa perna. E vacilante, embrenhou-se.

Era muito azar perder um prato daqueles.

Guinou a montaria, aprôou numa angra e mal a embarcação rangeu no cascalho pulou fóra, no rastro da prêsa.

As pôças de sangue, a dentadura vermelha dos “espera aí”, indicavam-lhe a trilha.

A cotía era franzina. Ele era grande. Difícil se tornava por conseguinte a perseguição.

Uma rastejava quasi sob as tiriricas. O outro rasgava os hombros e perfurava os pés nos arbustos crenados.

Já teria decorrido muito tempo que o caçador porfiava na conquista de sua vitima, quando um claro na floresta assinalou-lhe entre as sapopemas de uma sumáúmeira, a cotia exangue, a estrebuchar pintada de escarlata e de folhas.

Zé estugou o passo e transpunha um tronco sêco para atingir a caça quando um estampido rebôou na selva e uma carga de chumbo atingiu-o ao nivel do braço esquerdo.

Caiu. A dôr irritava-lhe os nervos. Imprecou contra os manes que defendem os bichos e a floreta. Gritou de raiva e de angustia. O ferimento era cribiforme e talvez tivesse ofendido o humerus. Quiz arrastar-se.

Não poudo. Deixou pender a cabeça no pique coalhado de folhas sêcas e ficou a gemer, amarfanhando as ervas e babando o chão.

Zé Raimundo pisára o fundo falso de uma armadilha.

VIII

O cabôclo parou de gemer. Uns ruidos de galhos pisados alertaram-lhe o animo.

Será de onça? E ele ali, inerte, sem defeza, soffreria, concientemente, todo o horror de ser devorado.

Quiz mexer-se. Quiz arrastar-se como um caramujo, um batracio. Quiz fugir áquela apossimação que preludiava na surprêsa, um quadro de tétricos matizes.

A dôr immobilisava-lhe a iniciativa. Quanto mais frio, mais perversamente mortificador mostrava-se o ferimento.

Os seus olhos vermelhos e acêsos como lampadas. fixaram uma cortina de lianas.

A cortina labiou-se como um golpe de navalha.

E, como um fêto, surgiu da ferida verde, uma cabeça horrenda.

M U C U R A

Pintada e bestial.

Zé Raimundo encolheu-se, numa vertigem.

O avantêsma monologou:

— Pensei que fosse anta...

Só então o cabôclo espiou com atenção a cabeça mostrenga e notou que do cáos demoniaco do rosto, surgiam duas luzes divinas de um olhar humano.

Perdeu o mêdo.

O outro perguntou-lhe o nome:

— Zé Raimundo!

E disse o dêle:

— Mucura.

Mandou-o esperar. Foi embora para retornar algum tempo depois com seis homens tatuados como cobras.

Carregam-no. Apesar disso a ferida verteu sangue e doeu como um ferrão de arraia durante a caminhada.

Zé Raimundo só mais tarde soube porque o Mucura o colocou só num tapiri, quasi no aceiro da mata.

IX

Uma semana passou ele na palhoça curando a bu-raqueira.

Uma coisa extranhara Zé Raimundo: o cariz dos seus improvisados enfermeiros.

Ha tribus curiosas nos altos rios amazonicos que tatuam o rôsto de tal sorte e por tal jeito que ficam como se pintados indelevelmente por uma tinta azul.

Entre esses estão os Paumaris, os Cabaquis e outras.

Dir-se-ia se terem perdido nos dedalos hidrograficos do Sudoeste do Vale, uma legião de voluntarios do "facies" de Addison.

Como se um diverticulo etnico de alguma "raça" indioide tivesse, como quinhão inferior no "meltingpot" seletivo, o estigma ontogenico de uma lesão paraganglionar para-renal ou um corredor congenito inter-ventricular.

O que é certo é que aquelas caras não sorriram á simpatia do Zé Raimundo.

Tambem não passou disso a ogeriza.

Porque no mais foram eles dedicadissimos em ministrar-lhe as suas beberagens e aplicar-lhe os seus unguentos, que, nem por serem selvagens, deixaram de agir cicatricialmente.

Em breve, braço na tipoia, já o rapaz podia per-lustrar o terreiro cultivado do Mucura até o barranco. Pelas manhãs contêmplava os pintados addissonianos na pescaria saudosa. A' tarde, via-os, comovido, entrar-

M U C U R A

em na floresta, rifle a tiracólo,o, para a caçada. A' noite ficava, corpo lasso na maqueira, horas e horas, ouvindo-lhes a catarsis sentimental na voz maguada, sincronizada pelo tam-tam, enquanto a lua fada e mulher, transfigurava os vegetaes e punha sorrisos nos tremulos do rio.

Ha muitos dias que não via o Mucura. Não sofria com isso.

Pelo menos a mascara horripilante do patrão não lhe acutilava os empiricos rudimentos de estética. Precisava soltar a lingua, entretanto. O isolamento fazia com que emergissem, lentamente, dos peráus anímicos, as desgraças naufragadas.

Aquele tam-tam noturno era um conta gotas nostálgico.

Parecia, no seu ritmo sincopado e cavernoso a mão do passado esmurrando-lhe pausadamente o coração. E a voz dos selvicolas fazia o milagre de encher a cimba daqueles olhos que uma sêca biologica, tragica, sedentaria, tinha entanguido e cavado como tumulos.

Uma noite, a lua magnetizava as onças na jangla.

Um bacuráu morsificava o silencio.

O sonho povôou o horizonte e sentou praça nos neuronios do cabôclo.

Todas as almas da terra murmuravam contritas,

agradecendo á luz o milagre daquela poalha argentea, feita de prantos virgens e anceios panteistas.

Os acapús cochilavam na sombra. As sumaúmas namoravam-se como deusas. Havia estrelas no caule dos camarús e fogos fatuos na órbita dos pébas.

Os carapanãs suspenderam a musica irritante, os moscardos cessaram de zumbir, as pestes ficaram quié-tas, cismando. Vertía sangue a alma triste das seringueiras.

Quem já viu um instante desses na Amazonia, andou com a alma de joelhos, procurando Deus...

As energias acordam para sonhar. Ouve-se o ruido das forças subterraneas, que, em cem metros de humus criam os atletas botanicos e a perfeição das flores perigosas.

Um manto taumaturgico flutuava no ar e seria capaz de comover o gume cardiaco de um Shylock.

Os olhos de Zé Raimundo eram duas lagôas quietas e romanticas.

O espirito do cabôclo desfiava como um cenobita, conta a conta, todo o barbaro rosario de sua vida, cren-do na sua inocencia de rústico que tudo corria por conta de Deus.

Por que lhe roubaram a mãe? Por que lhe haviam retaliado de canceres e enxarcado de desespero?

Por que a Vida que fazia aquela noite mais linda

M U C U R A

que a historia da igaçaba cheia de estrelas não deixava para ele um instantinho de felicidade?

Por que ele não pudera ser pratico? Por que lhe haviam assassinado o pai? O Pai querido? Por que?

E o cabôclo atordoado por todos os trasgos interiores, olhos enormes como tochas que queimassem, arrancou do tapiri e saiu a correr para a barraca do Mucura, gritando, gritando, esmagado como um misero verme da planicie, maior do que todos os deuses da historia e da lenda.

— POR QUE?

— POR QUE?

Empurrou a porta do Mucura.

Estacou.

A' luz de uma lampada de oleo, fazendo trejeitos pela sombra na parede de sopapo, indistinto, acocorado como um sapo, o monstro estava rezando!

Viu Zé Raimundo.

— O que queres?

O cabôclo não pôde responder.

Confuso, infantil, sobrando no desespero de sua solidão, baixou a cabeça.

— Senta.

Zé Raimundo sentou-se.

— Sofres talvez da mesma coisa que eu soffro...

A voz do Mucura ressoava como um refrão tumular e lugubre.

Sobre a mesa umas cascas de castanha e uma faca recurva.

O cabôclo continuou calado.

A surdina do luar pela porta entreaberta sugeria confidencias.

— Remorso, Zé Raimundo. Essas noites do Amazonas fazem mal como castigos... E eu sempre tenho a impressão de que vou morrer quando esse leite começa a chorar sobre essa mata bruta... Eu era como você, assim, rapaz, forte, simpático... Compreende?

A resposta de Zé Raimundo ficou morando na penumbra.

— Tive de fugir para cá. A doença tomou conta de mim, o figado inchou, a pele ficou cheia de manchas, os cabelos caíram e naceram como piassavas. Fiquei assim horrendo, amedrontador, como um maldito, fugindo dos outros homens com remorsos do seu olhar...

Um silencio de mina subiu entre os dois homens.

O bacurão continuava morsificando a mudez sideral.

No fundo da barraca mexeu uma panela e caíram umas colheres.

— Que é isso, Maria?...

M U C U R A

A voz cançada do Mucura continuou:

— Não mate nunca, meu filho... Parece que uns olhos perseguem a gente do fundo dos rios, da seiva das arvores, da asa dos passaros... Por toda a parte a silhuêta de uma coruja vai marcando o Destino da gente... E parece que a gente fica mais pesado para ingressar da outra banda... Onde só existem nuvens... transparencias...

A confissão do Mucura era lenta e rude. Algumas vezes aveludada como um beijo, outras, angulosa como um insulto.

Sentia-se que ele temia alguma cousa. Seus olhos enormes volteavam como laços gauchêscos e abarcavam toda a sombra.

Continuou:

— Foi por um nada... A mocidade não raciocina, meu filho. Ele era piloto de navio. Matei-o mesmo na aberta da prôa. Ele ao morrer disse ao comandante que cuidasse do seu filho. Tive raiva dêle. Hoje...

A cara de Zé Raimundo era a de uma mumia de afogado. Só os olhos pareciam dois vulcões incoercíveis e os masséteres pulavam como potros.

— O seu nome mesmo, como é, seu Mucura?

O monstro extranhou a rouquidão da fala.

— Marcos Bororó, meu filho...

Um tigre seria lêrdo diante do salto do Raimundo.

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

A mão forte segurou a faca recurva de sobre a mesa e levou-a, elétrica e fatal, até á nuca do Mucura, rangendo.

O homem estrebuchou, uma golfada rubra acompanhou o vertice da arma, a surdir da bôca angular e ele caiu de bôrco, como um trapo.

A fisionomia contraída pela angustia, o livor da morte aumentando-lhe a amarelidão dos tegumentos, os cabelos mais curtos e mais duros, a bôca escancarada como a de um babirussa, por onde saísse o dente enorme daquela faca recurva, enterrada na taboa com a queda brusca, Marcos Bororó parecia uma mascara chinêsa do Seculo V incrustada no chão.

O cabo da arma era, na nuca enrugada, um dedo que, ás avessas, apontasse para Zé Raimundo a diretriz do remorso.

O cabôclo grudara-se á parede, como um condenado, olhar fixo no corpo do assassino de seu pai, olhar fixo nos despojos do seu proprio ideal mutilado e perdido...

A brutêza do choque perturbara-lhe a atenção. E abstraíra-o. Um barulho fê-lo levantar a vista. Atraída pelo ruido da luta, uma mulher jovem surgira do quadrilatero da alcôva e lançara-se sobre o cadaver, afagando-o:

— Paisinho! Paisinho!

M U C U R A

Zé Raimundo, o bruto, tremia, como junco batido por temporal:

Por que haveria de ser assim o mundo? Uma substituição eterna de martirios?

A moça, ajoelhada perto do cadaver, levantou uns olhos de onça preña para o rapaz:

— Foi o senhor?

O pobre cabôclo balançou a cabeça, abestalhado e inerme

A belêsa da femea, a primeira que o olhara com uns olhos tristes, comovera-o até o cerne.

A mulher levantou-se aos soluços. Chegou-se até o homem, unhas em garra, como uma féra irada.

Mas o Freud travou-lhe o braço.

Ela nacêra e se criára ali. Não conhecêra mãe. E os homens que sêmpre tinha tido debaixo dos olhos ou eram mascarados de Addisson ou a carantonha horrível do Mucura.

Os olhos de Zé Raimundo foram dois sonhos que ela descobriu!

Achou-o lindo!

Teve desejos de apalpar-lhe a carne morena, sem manchas, bulir-lhe nos dentes, nos cabelos...

Perguntou de novo, atarantada, semi-esquecida:

— Foi o senhor?

O mongoloide vomitou:

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

— Sim! Fui eu! Mas ele tambem tinha matado meu pai! Acabou meu futuro, minha vida! Fui eu, sim! Chorava.

A mulher compreendeu o drama.

O sangue revoltado da femea ajudou-a a compreender melhor.

Abraçaram-se chorando.

X

Ele contou-lhe tudo.

O inenarravel romance de toda a sua vida.

Um jaburú sem ninho e sem ternura.

Ela contou-lhe tudo.

O isolamento de quem só via monstros e palhaços...

A ardencia do seu temperamento crepitante como um choque de poraqué.

E a surprêsa de ver um homem direito, normal, um macho bonito, forte, capaz de ama-la e de leva-la comsigo para bem longe, para bem longe...

Resolveram fugir daquele inferno deserto. Amor

M U C U R A

nascido na solidão tinha sêde de convívio social, de caras de gente humana...

Os paumaris chegariam ao amanhecer.

• Precisavam pressa.

Zé Raimundo se armou. A moça trouxe mantimento, roupa e o dinheiro que amealhara, para a igarité.

Ela era esgalga como as ubás. E cheirava ao dulçor das catleias selvagens.

Rija e moça. Carne e sangue.

Fitaram a canôa apaixonados.

Antes de fechar a barraca, Zé Raimundo olhou, triste, pela ultima vez, o cadaver de bruços. Como um crucificado, os dois braços abriam-se para os lados, pintalgados de sangue. E nas extremidades, as duas mãos aduncas, mãos que pareciam não terem acariciado nunca um rosto de criança, grifavam-se agonicas.

Ele olhou a mulher. Madrugada sensual de aromas e calôres. Olhou novamente as mãos horrendas.

E sentiu que elas tinham acariciado um sonho.



Hollywood na Selva



XI

Zé Raimundo não é de ferro. A tortura fê-lo esquecer o sexo. Mas um dia o monstro emergiu indomável e cego... Com todo o fervôr de sangue e de glandulas. Com todo o cortejo azoinante, em vortilhão, em arrancada, em cismas...

Cisma de cabôclo... balanço de rêde gostosa...

O sentimental trapaceador das tordezilhas é um absorvido pelo ritmo.

Ha choro no seu agoniado extase. Mas um choro novo, perfumado á terra virgem, choro que tem susurros de madeiras selvagens, choro que tem gosto de fruta do mato, bacuri, canéla, banana maçã, fresca e madura.

Em toda a abstração de um seringueiro, mesmo na condição de sua mais densa brutalidade, ha uma fugidia silhueta de mulher que rodopia, baila, canta, flutua, sorri...

HOLLYWOOD NA SELVA

Sonho de quem ouve cantigas de ninar e olha a côma de uma sumaumeira a se esconder no misterio dos longes, lá bem longe, onde o céu é de estanho e o rio é como o céu...

Tudo que vem do sonho consola e perdôa...

A magua maior é um farfalhar de luz nas folhas sêcas dos caminhos... E o maior bêm, embriaga tanto, que a gente chora, sem querer, devagarinho...

Quem amou sabe que, depois da ruina do ideal quasi tangido, nós paramos estagnados nesse momento, como símbolos...

E nunca mais vem a alegria primitiva, como nunca mais chêga a força inicial que a fez nacer...

O cabôclo encontrara o bem querido. Era a primeira que se esgueirava furtiva como um ladrão pelas ameias indiferentes de seu peito.

E, na Amazonia, o Amor é um fenómeno violento, como as suas tempestades e as suas enchentes. Violento e fecundo, como a terra. Violento e môrno como o ar. Violento e triste como os seus insondaveis dilúculos estivaes...

Grandioso, enorme, magestático, como a imponencia do anfiteatro formidavel e faquirêsko...

Em Los Angeles, um Sternberg aproveitaria o par para um final de drama emocionante.

Ele seria um Clark Gable bronco, musculoso, ba-

tido pelos “can-cans” de todas as intemperies. Ela, uma Silvia Sidney, cismadora, facinante, abnegada, adormecente...

Ele, todos já conhecem: o evadido de uma vida sem rotulo nem doçura.

Ela, pequena e fragil. Cunhantan de minha terra, prima da Iracema de Alencar, com tremulos de compositor doente pelo corpo em chamas.

Os seus olhos eram chagas paradas, sofrendo, no lucilar petulante, a angustia de se dar...

Os seios fidiêscos tinham a atitude de campanulas de canela, de bôrco no tórace esgalgo, como outrora as anforas etruscas nos festins pagãos...

E o andar entre onça e coaty tinha o prestigio superior de uma pagina de estética. As trepadeiras das margens verdes, as catelias dos troncos brutos, as flores alvissimas da mamorana, restos em verticilos de um noivado imenso e extra-humano, copiavam-lhe, da graça heril do côrpo coleante os cromatismos sutís...

E todas as vozes da floresta, ao dealbar dos dias tumultuosos da Planicie, saudavam-lhe, no concerto orgiatico de seus cantores de plumas, a belêza sem tintas.

Zé Raimundo, esquecido da Vida, decia beijado de luar, na pôpa da igarité levissima, a serpente em fogo...

H O L L Y W O O D N A S E L V A

Os braços enterrando nagua, automaticamente o remo nodoso e rude.

E no hombro, como uma cariatide, que suportasse o peso de um destino, a cabeça pueril de Maria Flor...

O cenário era o sugestivo painel de um estudio americano, num film selvagem.

O pano de fundo um quadro assombroso com um horizonte perdido e amedrontador, um "zaimph" de nuvem que nem um Mathô roubaria do céu, e o holo-fôte ultra-violeta de uma lua amazonica, redonda e pallida, como o seio impar e luminoso de uma negra, a abençoar no infinito do "spleen" sideral, a selva, o rio, o homem, a vida...

Os demonios sedutores do inconciente universal, numa catarsis gigantesca, se evadiam aos golfões pela porta sem censura daquele fantastico sonho natural...

Zé Raimundo decia o rio.

A velocidade da corrente descansava-lhe os músculos.

A' luz, as cordoalhas tendinosas viborejavam-lhe pelo dorso, no estro efemero e imortal daquela felicidade imensuravel...

O torturado eterno pensou dois minutos na Dôr e viu que havia fugido a vida inteira...

Pensou depois dois segundos no sorriso e obser-

RAMAYANA DE CHEVALIER

vou absôrto e alontanado que fugía tambem ébrio de ventura.

— Maria Flor, você me quer mesmo muito?

Maria balançou a cabeça.

— Mas eu matei teu pae...

— E o teu?

Ficaram calados. Zé Raimundo pensou si era mesmo possível, possível...

Pelos olhos rasos de choro, sem falar, ele procurou a resposta impossivel de novo:

— Maria Flor, você me quer mesmo muito?!

A cunhantan acariciante fez tambem de novo, em silencio, que sim.

Como uma noiva negra a noite subia pelas lianas da mata virgem para se enrolar vaidosamente no setim laqué do luar.

Quem nunca viu um luar cheio na Amazonia ignora porque existem lendas orientaes...

E' um final de 3º ato da Ziegfield Follies, sem as "girls".

O moderno neurosado dos balnearios, o estrategista de olhares e malabarista de complexos recalçados, acharia esse final de ato insipido e banal. Sem as girls...

Mas o ambiente sosinho domina e empolga. E' um Sonho, um velho sonho mediúnico de terra inacabada

HOLLYWOOD NA SELVA

e impúbere se espojando na realidade latecente de uma poalha olimpica.

Como se uma palma de mão redonda e alvissima, incrustada no céu, distendesse milhões de dedos finos, prateados e longos, acariciando tudo.

Uma medusa de nucleo fosforescente e magico agitando a miriade de tentaculos filiformes e rutilos num abraço irreal...

Fantasmagorico e indescritivel, o plenilunio na Hyléa...

O céu é mais alto, as nuvens são mais brancas e mais intangiveis, e o toxico selenico flutua como um véo, se dispersa como um gaz, assalta tudo, envolve tudo, oniriza tudo...

Abençoando...

Em cavalgada, como tangidos pelos boiadeiros de todas as tendencias, transmudavam-se dos curraes do Id para os picadeiros do super-Ego, os restos de vida esquecida e longinqua...

E tem-se a impressão de que um gesto invisivel e Santo, sobrevestido da luz opalecente, tange a Terra, adormece os lagos, inebria os caules e os cerebros, e, quasi um beijo, transfigura o pária num rajá, veste de prata o trapo do selvícola...

O cabôclo extravasou de luz...

Beijou a companheira...

R A M A Y A N A D E C H E V A L I E R

Beijou-a? Não. Roçou os lábios de leve, bem de leve, sobre aqueles dois olhos que eram duas sentinelas impertubáveis do seu mundo...

Ele tomou-lhe as mãos quentes e esguias, procurando decifrar-lhe no labirinto anatomico da epiderme palmar, o segrêdo do amor...

O Shamboyaco, enxarcado pelos repiquetes, represado pelo Purús, escumejado de mercúrio, levava-os para longe...

Aí, o diretor invisível, mandou cortar o "trailer" e parar a "camera"...

Os deserdados param no amor porque não sabem mais nada da Vida...

Derredor á canôa a ilusão ótica criava cavalgadas de sonhos. A floresta, ao lado dela deslocava-se com seus hercules botanicos, acompanhando-lhe a corrida. A agua, rio abaixo, carregava-o no dorso.

Pelo céu, as estrelas de prata, de oiro, de diamantes, acudiam solidarias, áquela fuga triunfal.

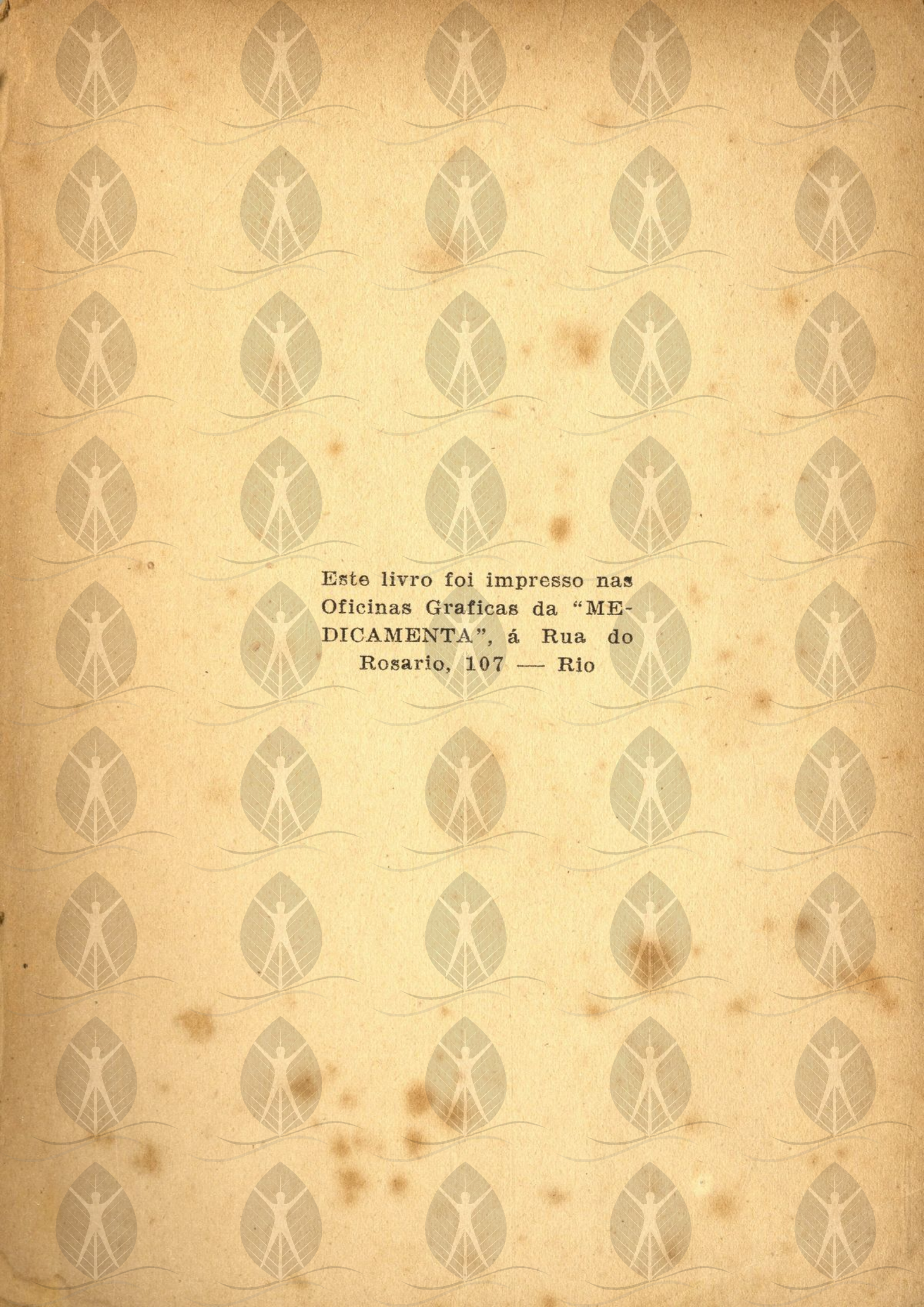
A ultima fuga do ingenuo saltimbanco pelo circo sem tétó da Amazonia...



INDICE







Este livro foi impresso nas
Oficinas Graficas da "ME-
DICAMENTA", á Rua do
Rosario, 107 — Rio

LIVROS NOVOS

A ILUSÃO COMUNISTA E A REALIDADE SOVIÉTICA — Florentino Menezes	5\$000
CONTOS EXOTICOS — Amandio Sobral	5\$000
PEÇO A PALAVRA! (2. ^a edição) — Afonso Louzada	5\$000
SUA EXA. A RAPOSA — Alberto Carvalho	5\$000
DIRECTRIZES E INOVAÇÕES DA CONSTITUIÇÃO — Orlando Gomes	5\$000
NEVROSE DO CORAÇÃO (2. ^a edição) — Gastão Pereira da Silva	8\$000
A FAZENDA DOS DOIS CRUZEIROS — Marie Joseph	5\$000
PROCESSO CIVIL — Dulcideo de Menezes	30\$000

EDITORA MODERNA
RUA SÃO JOSE' 66 (Loja) FONE 22-3010
RIO DE JANEIRO



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA